

Convergência

Julho e Agosto • 2018 • ANO LIII

513

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010- 8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jadelmir Viçório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Gráfica e Editora Qualytã
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

QUERIDOS JOVENS 5

MENSAGEM DO PAPA

MENSAGEM DO PAPA PARA A XXXIII JMJ 9

MÁRTIRES/SANTOS

KYWXI, EM TUDO AMAR E SERVIR OS ENAWENENAWE 17
Pe. Aloir Pacini, SJ

INFORMES

MENSAGEM FINAL DO SEMINÁRIO NACIONAL
DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA 23

GRATIDÃO PELA PARTILHA SOLIDÁRIA DA
CAMPANHA MISSIONÁRIA DE 2017 25

INSTITUTO DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL
DE MONTREAL (IFHIM) 28

ARTIGOS

O MOMENTO POLÍTICO: PISTAS PARA O
DISCERNIMENTO CRISTÃO 31
Pedro A. Ribeiro de Oliveira

SUPERAR A ANEMIA ESPIRITUAL DA
VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA 43
Padre Luís González-Quevedo, SJ

ESPIRITUALIDADE DA VIDA RELIGIOSA
CONSAGRADA PARA O MUNDO DE HOJE EM
DIREÇÃO A UMA INTERIORIDADE EXPANSIVA 55
Padre Adroaldo Palaoro, SJ

UM CONVITE A OUVIR A VOZ DE SANTA TEREZA
DE JEUS: A ORAÇÃO DESENVOLVE AS RELAÇÕES
E ESTÁ UNIDA À AÇÃO APOSTÓLICA 69
Lúcia Pedrosa-Pádua

O SOPRO DO ESPÍRITO EM MEDELLÍN 82
Marcelo Barros

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA BÍBLIA 96
Luís I.J. Stadelmann, SJ

O DISCERNIMENTO EM JOÃO CASSIANO	112
<i>Frei Edmar Fernando Moreira, OCarm</i>	
QUEIMADOS PELO ESPÍRITO	122
<i>João dos Santos Barbosa Neto</i>	

QUERIDOS JOVENS!

A Assembleia Geral da ONU instituiu, em 12 de agosto de 1999, o Dia Internacional da Juventude. Papa Francisco, na mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude, inicia e termina o texto com esta saudação: Queridos jovens! “Queridos jovens, o Senhor, a Igreja, o mundo esperam também a vossa resposta à vocação única que cada um tem nesta vida! À medida que se aproxima a JMJ do Panamá, convidovos para este nosso encontro com a alegria e o entusiasmo de quem deseja fazer parte duma grande aventura. A JMJ é para os corajosos! Não para jovens que procuram apenas a comodidade, recuando à vista das dificuldades. Aceitas o desafio?”

Pe. Aloir Pacini, sj, publica um breve relato do martírio do jesuíta Irmão Vicente Cañas, em 6 de abril de 1987. “Vicente era um homem de justiça e paz, sabia discernir o certo do errado e agir conforme o amor de Deus o inspirava. A vida do Irmão Vicente ganhou um profundo significado para os missionários indigenistas pela sua inculturação e participação mais radical no mistério de Cristo. Nosso mundo saturado de palavras encontra no Irmão Vicente Cañas um homem de gestos, pois estava sempre pronto para em tudo amar e servir”.

O primeiro Informe traz a Mensagem final do Seminário Nacional da VRC. “Nós, cerca de 600 religiosas e religiosos participantes do Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada, em Aparecida-SP, de 5 a 8 de maio de 2018, renovamos nossa missão, com Maria Mãe da humanidade e companheira dos pobres, de ‘sair às pressas, aonde clama a vida’”.

Irmã Maria de Fátima Kapp fala da Campanha Missionária de 2017, lançada pelas Missionárias Servas do Espírito Santo, da Província Brasil Sul, para beneficiar as comunidades intercongregacionais do Haiti e

de Moçambique, que são iniciativas da CRB Nacional. Irmã Fátima compartilha algumas atividades dos projetos, nos quais será aplicada a verba recolhida na referida Campanha.

Irmã Sueli Venâncio divulga o Instituto de Formação Humana Integral de Montreal (IFHIM). É um centro de treinamento internacional que oferece o processo de formação humana integral pela atualização de forças vitais humanas, através de programas de formação estruturados, sessões, workshops, conferências, acompanhamentos de grupos ou encontros pessoais.

Visando às Eleições deste ano, Pedro A. Ribeiro de Oliveira oferece o artigo “O momento político: pistas para o discernimento cristão”. Na apresentação do texto, o autor esclarece: “A base deste texto foi elaborada para compor a análise de conjuntura apresentada no 14º Encontro Intereclesial de CEBs. Neste artigo retomo o essencial daquela análise para entender a realidade brasileira em 2018 e assim trazer os subsídios da sociologia da política para o discernimento cristão. Ao colocar em relevo os pontos que não podem ser negligenciados, quero deixar claro que esta análise não pretende ser apolítica nem neutra: ela destina-se às pessoas que estão insatisfeitas com a atual situação do Brasil e do mundo e buscam pistas para a construção de um mundo onde reinem a Justiça, a Paz e a integridade da Casa Comum.

Um tema desafiador: “Superar a anemia espiritual da Vida Religiosa Consagrada”. O autor, Pe. Luís Gonzávez-Quevedo, faz esta interrogação importante: a nossa VRC estará mesmo anêmica? O autor conclui o texto assim: “Creio que a nossa VRC está anêmica, sim. Creio que precisamos voltar às fontes, retornar a Assis, caminhar à beira do rio Cardoner... Sobretudo, precisamos voltar a Nazaré, reencontrar-nos com Jesus, deixar-nos seduzir por Ele, seguir suas pegadas e consagrar-Lhe, mais uma vez, toda a nossa vida”.

Pe. Adroaldo reflete sobre Espiritualidade da Vida Religiosa Consagrada para o mundo de hoje. Explica o autor: “Queremos, nesta breve reflexão, destacar esta dimensão essencial que serve como baliza para dar sentido e coesão à nossa vida e missão, enquanto Vida Religiosa Consagrada. Estamos falando da ‘interioridade evangelizada, conduzida pelo Espírito’”.

Outro texto sobre espiritualidade é de Lúcia Pedrosa-Pádua: Um convite a ouvir a voz de Santa Teresa de Jesus: a oração desenvolve as relações e está unida à ação apostólica. A autora informa o itinerário do texto, em cinco pontos: “veremos a dimensão antropológica da oração teresiana, passaremos pelas características principais da oração como amizade e relação de amor, entraremos na fina relação com Cristo que a pedagogia de Santa Teresa nos propõe, buscaremos compreender os abismos da entrega mística em sua mistagogia e finalizaremos com o ápice da experiência teresiana: a de unir-se ao destino de Cristo no matrimônio espiritual. As palavras do matrimônio espiritual são de envio, em missão apostólica. Por isso, podemos afirmar que o místico é um apóstolo, um discípulo-missionário”.

Marcelo Barros traz o tema Ecumenicidade na Conferência e nos Documentos de Medellín, com o texto “O sopro do Espírito de Medellín”. Afirma o autor: “Apesar de todas as dificuldades e do ambiente muito tenso, a Conferência e suas conclusões foram iluminadas pelo clima de renovação e fecundidade espiritual que o Vaticano II provocou. Certamente, entre todas as graças recebidas do Espírito na Conferência de Medellín, uma das mais fortes foi o clima ecumênico e a experiência de diálogo e unidade intereclesial ali vividos e testemunhados. Sobre isso, vamos refletir e tirar algumas conclusões”.

Pe. Luís Stadelmann apresenta “Pessoas com deficiência física na Bíblia”, abordando o tema no AT e no NT. Na introdução, o autor expressa que “em todas as seções da Bíblia há textos referentes a doenças e enfermidades que se manifestam em todas as faixas etárias da existência humana, onde as decisões divinas se “encontram” com as humanas. Os autores bíblicos têm de falar desse assunto porque a enfermidade aponta para uma crise do paciente, que se transforma em pergunta viva, não apenas sobre as causas, mas sobre si mesmo, sobre o seu mundo imediato e sobre o sentido da vida. Ora, na Bíblia é que temos de achar a resposta a todas essas questões porque aí se encontra a doutrina da religião da salvação e não crenças avulsas acerca de mera melhoria da qualidade de vida”.

Frei Edimar Fernando Moreira apresenta “O discernimento em João Cassiano: Pistas para responder ao chamado de Deus no itinerário vo-

cacional”. Ele escreve: “Neste artigo, queremos analisar como a noção de discretio, em João Cassiano, poderia ajudar os cristãos num processo de escolha de uma vocação específica, tal como na VRC. Para isso, após refletirmos sobre o termo discretio, identificaremos quais são os princípios que regem nosso pensamento. Em seguida, consideraremos sobre a importância de a pessoa ter clara a meta para a qual se propõe e de se lançar em sua direção. Por fim, apresentaremos uma das atitudes necessárias para se chegar ao discernimento.

“Queimados pelo Espírito – uma reflexão sobre a sensibilidade e a caridade pastoral” é texto do Pe. João dos Santos Barbosa Neto. “Este artigo propõe-se a refletir sobre o tema da caridade pastoral em duas linhas diferentes. A primeira parte procura contextualizar a caridade pastoral e apresentar um caminho com o qual se possa nutri-la e exercitá-la. A segunda parte visa sugerir uma direção na qual o primado de Deus esteja em harmonia com o ser pastor do religioso, evitando o risco do ativismo”.

Irmão Lauro Daros, marista

XXXIII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE (DOMINGO DE RAMOS, 25 DE MARÇO DE 2018) “MARIA, NÃO TEMAS, POIS ACHASTE GRAÇAS DIANTE DE DEUS” (LC. 1,30)

FONTE: [HTTP://W2.VATICAN.VA/CONTENT/VATICAN/PT.HTML](http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html)

Queridos jovens!

A Jornada Mundial da Juventude de 2018 constitui um passo mais na preparação da jornada internacional, que se realizará no Panamá em janeiro de 2019. Esta nova etapa da nossa peregrinação tem lugar no ano em que está convocada a Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre o tema: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. É uma feliz coincidência. A atenção, a oração e a reflexão da Igreja concentrar-se-ão sobre vós, jovens, no desejo de perceber e, sobretudo, “acolher” o dom precioso que vós sois para Deus, para a Igreja e para o mundo.

Como já sabeis, para nos acompanhar ao longo deste itinerário, escolhemos o exemplo e a intercessão de Maria, a jovem de Nazaré, que Deus escolheu como Mãe do seu Filho. Ela caminha connosco rumo ao Sínodo e à JMJ do Panamá. No ano passado, guiaram-nos as palavras do seu cântico de louvor – “O Todo-poderoso fez em Mim maravilhas” (Lc 1, 49) –, ensinando-nos a conservar na memória o passado; este ano, procuramos escutar, juntamente com Ela, a voz de Deus que infunde coragem e dá a graça necessária para responder à

sua chamada: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus” (Lc 1, 30). São as palavras que o mensageiro de Deus, o arcanjo Gabriel, dirigiu a Maria, jovem simples duma pequena povoação da Galileia.

Não temas!

Compreensivelmente, a inesperada aparição do anjo e a sua saudação misteriosa (“Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo”: Lc 1, 28) provocaram uma forte turbacão em Maria, surpreendida por esta primeira revelação da sua identidade e da sua vocação, que Lhe eram ainda desconhecidas. Maria, como outras personagens da Sagrada Escritura, treme perante o mistério da chamada de Deus, que, dum momento para o outro, a confronta com a imensidão do desígnio divino e Lhe faz sentir toda a sua pequenez de humilde criatura. O anjo, lendo no fundo do coração d’Ela, diz-Lhe: “Não temas! Deus lê também no nosso íntimo. Conhece bem os desafios que devemos enfrentar na vida, sobretudo quando nos deparamos com as opções fundamentais de que depende o que seremos e faremos neste mundo. É a “perplexidade” que sentimos face às decisões sobre o nosso futuro, o nosso estado de vida, a nossa vocação. Em tais momentos, ficamos turbados e somos assaltados por tantos medos.

E vós, jovens, quais são os medos que tendes? Que é que vos preocupa mais profundamente? Um medo “de fundo”, que existe em muitos de vós, é o de não ser amados, bem-queridos, de não ser aceites por aquilo que sois. Hoje, há muitos jovens que, na tentativa de se adequar a padrões frequentemente artificiais e inatingíveis, têm a sensação de dever ser diferentes daquilo que são na realidade. Fazem contínuos “foto-retoques” das imagens próprias, escondendo-se por trás de máscaras e identidades falsas, até chegarem quase a tornar-se eles mesmos um “fake”, um falso. Muitos têm a obsessão de receber o maior número possível de apreciações “gosto”. E daqui, desta sensação de desajustamento, surgem muitos medos e incertezas. Outros temem não conseguir encontrar uma segurança afetiva e ficar sozinhos. Em muitos, à vista da precariedade do trabalho, entra o medo de não conseguirem encontrar uma conveniente afirmação profissional, de não verem realizados os seus sonhos. Trata-se de medos atualmente muito presentes em inúmeros jovens, tanto crentes como não-crentes. E mesmo aqueles que acolheram o dom da fé e procuram seriamente a sua vocação, por certo não estão isentos de medos. Alguns pensam:

talvez Deus me peça ou virá a pedir demais; talvez, ao percorrer a estrada que Ele me aponta, não seja verdadeiramente feliz, ou não esteja à altura do que me pede. Outros interrogam-se: se seguir o caminho que Deus me indica, quem me garante que conseguirei percorrê-lo até ao fim? Desanimarei? Perderei o entusiasmo? Serei capaz de perseverar a vida inteira?

Nos momentos em que se aglomeram no nosso coração dúvidas e medos, torna-se necessário o discernimento. Este permite-nos pôr ordem na confusão dos nossos pensamentos e sentimentos, para agir de maneira justa e prudente. Neste processo, o primeiro passo para superar os medos é identificá-los claramente, para não acabar desperdiçando tempo e energias a braços com fantasmas sem rosto nem consistência. Por isso, convidamos-vos, todos, a olhar dentro de vós próprios e a “dar um nome” aos vossos medos. Perguntai-vos: hoje, na situação concreta que estou vivendo, o que é que me angustia, o que é que mais temo? O que é que me bloqueia e impede de avançar? Porque é que não tenho a coragem de abraçar as decisões importantes que deveria tomar? Não tendes medo de olhar, honestamente, para os vossos medos, reconhecê-los pelo que são e enfrentá-los. A Bíblia não nega o sentimento humano do medo, nem os inúmeros motivos que o podem provocar. Abraão teve medo (cf. Gn 12, 10-11), Jacob teve medo (cf. Gn 31, 31; 32, 8), e de igual modo também Moisés (cf. Ex 2, 14; 17, 4), Pedro (cf. Mt 26, 69-75) e os Apóstolos (cf. Mc 4, 38-40; Mt 26, 56). O próprio Jesus, embora a um nível incomparável, sentiu medo e angústia (cf. Mt 26, 37; Lc 22, 44).

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” (Mc 4, 40). Esta advertência de Jesus aos discípulos faz-nos compreender como muitas vezes o obstáculo à fé não é a incredulidade, mas o medo. Neste sentido, o trabalho de discernimento, depois de ter identificado os nossos medos, deve ajudar-nos a superá-los, abrindo-nos à vida e enfrentando serenamente os desafios que ela nos apresenta. De modo particular para nós, cristãos, o medo nunca deve ter a última palavra, mas ser ocasião para realizar um ato de fé em Deus... e também na vida. Isto significa acreditar na bondade fundamental da existência que Deus nos deu, confiar que Ele conduz a um fim bom mesmo através de circunstâncias e vicissitudes muitas vezes misteriosas para nós. Se, em vez disso, alimentarmos os medos, tenderemos a fechar-nos em nós próprios, a barricar-nos para nos defendermos de tudo e de todos, ficando como que paralisados. É preciso reagir! Nunca fechar-se! Na

Sagrada Escritura, encontramos 365 vezes a expressão “não temer”, nas suas múltiplas variações, como se dissesse que o Senhor nos quer livres do medo todos os dias do ano.

O discernimento torna-se indispensável quando se trata da busca da própria vocação. Pois esta, na maioria das vezes, não aparece logo clara ou completamente evidente, mas vai-se identificando pouco a pouco. O discernimento, que se deve fazer neste caso, não há de ser entendido como um esforço individual de introspeção, cujo objetivo seria conhecer melhor os nossos mecanismos interiores para nos fortalecermos e alcançarmos um certo equilíbrio; porque, então, a pessoa pode tornar-se mais forte, mas permanece em todo o caso fechada no horizonte limitado das suas possibilidades e pontos de vista. Ao contrário, a vocação é uma chamada do Alto e, neste caso, o discernimento consiste sobretudo em abrir-se ao Outro que chama. Portanto, é necessário o silêncio da oração para escutar a voz de Deus que ressoa na consciência. Ele bate à porta dos nossos corações, como fez com Maria, desejoso de estreitar amizade conosco através da oração, falar-nos através da Sagrada Escritura, oferecer-nos a sua misericórdia no sacramento da Reconciliação, tornar-Se um só conosco na Comunhão Eucarística.

Mas é importante também o confronto e o diálogo com os outros, nossos irmãos e irmãs na fé, que têm mais experiência e nos ajudam a ver melhor e a escolher entre as várias opções. O jovem Samuel, quando ouve a voz do Senhor, não a reconhece imediatamente e três vezes foi ter com Eli, o sacerdote idoso, que acaba por lhe sugerir a resposta certa a dar à chamada do Senhor: “Se fores chamado outra vez, responde: “Fala, Senhor; o teu servo escuta” (1 Sm 3, 9). Nas vossas dúvidas, sabeis que podeis contar com a Igreja. Sei que há bons sacerdotes, consagrados e consagrados, fiéis-leigos – muitos deles também jovens –, que vos podem acompanhar como irmãos e irmãs mais velhos na fé; animados pelo Espírito Santo, serão capazes de vos ajudar a decifrar as vossas dúvidas e a ler o desígnio da vossa vocação pessoal. O “outro” é não apenas o guia espiritual, mas também quem nos ajuda a abrir-nos a todas as riquezas infinitas da existência que Deus nos deu. É necessário abrir espaços nas nossas cidades e comunidades para crescer, sonhar, perscrutar novos horizontes! Nunca percais o prazer de gozar do encontro, da amizade, o prazer de sonhar juntos, de caminhar com os outros. Os cristãos autênticos não têm medo de se abrir aos outros, de compartilhar os seus espaços vitais transformando-os em

espaços de fraternidade. Não deixeis, queridos jovens, que os fulgores da juventude se apaguem na escuridão numa sala fechada, onde a única janela para olhar o mundo seja a do computador e do smart-phone. Abri de par em par as portas da vossa vida! Os vossos espaços e tempos sejam habitados por pessoas concretas, relações profundas, que vos deem a possibilidade de compartilhar experiências autênticas e reais no vosso dia a dia.

Maria!

“Eu te chamei pelo teu nome” (Is 43, 1). O primeiro motivo para não temer é precisamente o fato de Deus nos chamar pelo nome. O anjo, mensageiro de Deus, chamou Maria pelo nome. Dar nomes é próprio de Deus. Na obra da criação, Ele chama à existência cada criatura com o seu nome. Por trás do nome, há uma identidade, aquilo que é único em cada coisa, em cada pessoa, aquela essência íntima que só Deus conhece profundamente. Depois, esta prerrogativa divina foi partilhada com o homem, a quem Deus concedeu dar um nome aos animais, às aves e até aos próprios filhos (cf. Gn 2, 19–21; 4, 1). Muitas culturas compartilham esta profunda visão bíblica, reconhecendo no nome a revelação do mistério mais profundo numa vida, o significado numa existência.

Quando chama pelo nome uma pessoa, Deus revela-lhe ao mesmo tempo a sua vocação, o seu projeto de santidade e de bem pelo qual essa pessoa será um dom para os outros e se tornará única. E mesmo quando o Senhor quer ampliar os horizontes numa vida, decide dar à pessoa chamada um novo nome, como faz com Simão, chamando-o “Pedro”. Daqui veio o uso de adotar um nome novo quando se entra numa Ordem Religiosa, para indicar uma nova identidade e uma nova missão. A chamada divina, enquanto pessoal e única, exige a coragem de nos desvincularmos da pressão homogeneizadora dos lugares-comuns, para que a nossa vida seja verdadeiramente um dom original e irrepetível para Deus, para a Igreja e para os outros.

Assim, queridos jovens, ser chamados pelo nome é um sinal da nossa grande dignidade aos olhos de Deus, da sua predileção por nós. E Deus chama cada um de vós pelo nome. Vós sois o “tu” de Deus, preciosos a seus olhos, dignos de estima e amados (cf. Is 43, 4). Acolhei com alegria este diálogo que Deus vos propõe, este apelo que vos dirige, chamando-vos pelo nome.

Achaste graça diante de Deus

O motivo principal pelo qual Maria não deve temer é porque achou graça diante de Deus. A palavra “graça” fala-nos de amor gratuito, não devido. Quanto nos encoraja saber que não temos de merecer a proximidade e a ajuda de Deus, apresentando antecipadamente um “currículo excelente”, cheio de méritos e sucessos! O anjo diz a Maria que já achou graça diante de Deus; não, que a obterá no futuro. A própria formulação das palavras do anjo faz-nos compreender que a graça divina é ininterrupta, não algo fugaz ou momentâneo, e por isso nunca falhará. E no futuro também haverá sempre a graça de Deus a sustentar-nos, sobretudo nos momentos de prova e escuridão.

A presença contínua da graça divina encoraja-nos a abraçar, com confiança, a nossa vocação, que exige um compromisso de fidelidade que se deve renovar todos os dias. Com efeito, a senda da vocação não está desprovida de cruzes: não só as dúvidas iniciais, mas também as tentações frequentes que se encontram ao longo do caminho. O sentimento de inadequação acompanha o discípulo de Cristo até ao fim, mas ele sabe que é assistido pela graça de Deus.

As palavras do anjo descem sobre os medos humanos, dissolvendo-os com a força da boa nova de que são portadoras: a nossa vida não é pura casualidade nem mera luta pela sobrevivência, mas cada um de nós é uma história amada por Deus. O “ter achado graça” aos olhos d’Ele significa que o Criador entrevê uma beleza única no nosso ser e tem um desígnio magnífico para a nossa existência. Esta consciência, certamente, não resolve todos os problemas nem tira as incertezas da vida, mas tem a força de a transformar em profundidade. O desconhecido, que o amanhã nos reserva, não é uma obscura ameaça a que devemos sobreviver, mas um tempo favorável que nos é dado para viver a unicidade da nossa vocação pessoal e partilhá-la com os nossos irmãos e irmãs na Igreja e no mundo.

Coragem no presente

Da certeza de que a graça de Deus está conosco, provém a força para ter coragem no presente: coragem para levar por diante aquilo que Deus nos pede aqui e agora, em cada âmbito da nossa vida; coragem para abraçar a vocação que Deus nos mostra; coragem para viver a nossa fé sem a esconder nem atenuar.

Sim, quando nos abrimos à graça de Deus, o impossível torna-se realidade. “Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?” (Rm 8, 31). A graça de Deus toca o hoje da vossa vida, “agarra-vos” assim como sois, com todos os vossos medos e limites, mas revela também os planos maravilhosos do Senhor! Vós, jovens, precisais de sentir que alguém tem verdadeiramente confiança em vós: sabeis que o Papa confia em vós, que a Igreja confia em vós! E vós, confiai na Igreja!

À jovem Maria foi confiada uma tarefa importante, precisamente porque era jovem. Vós, jovens, tendes força, atravessais uma fase da vida em que certamente não faltam as energias. Usai essa força e essas energias para melhorar o mundo, começando pelas realidades mais próximas de vós. Desejo que, na Igreja, vos sejam confiadas responsabilidades importantes, que se tenha a coragem de vos deixar espaço; e vós, preparai-vos para assumir estas responsabilidades.

Convido-vos ainda a contemplar o amor de Maria: um amor solícito, dinâmico, concreto. Um amor cheio de audácia e todo projetado para o dom de Si mesma. Uma Igreja impregnada por estas qualidades marianas será sempre uma Igreja em saída, que ultrapassa os seus limites e confins para fazer transbordar a graça recebida. Se nos deixarmos contagiar pelo exemplo de Maria, viveremos concretamente aquela caridade que nos impele a amar a Deus acima de tudo e de nós mesmos, a amar as pessoas com quem partilhamos a vida diária. E amaremos inclusive quem nos poderia parecer, por si mesmo, pouco amável. É um amor que se torna serviço e dedicação, sobretudo pelos mais fracos e os mais pobres, que transforma os nossos rostos e nos enche de alegria.

Gostaria de concluir com as encantadoras palavras pronunciadas por São Bernardo numa famosa homilia sobre o mistério da Anunciação, palavras que manifestam a expectativa de toda a humanidade pela resposta de Maria: “Ouviste, ó Virgem, que conceberás e darás à luz um filho; ouviste que isso não será por obra de varão, mas por obra do Espírito Santo. O anjo aguarda a resposta; também nós, Senhora, esperamos a tua palavra de misericórdia. A tua breve resposta pode renovar-nos e restituir-nos à vida. Todo o mundo, prostrado a teus pés, espera a tua resposta. Dá depressa, ó Virgem, a tua resposta» (Hom. 4, 8-9: Opera omnia, Edit. Cisterc. 4 (1966), 53-54).

Queridos jovens, o Senhor, a Igreja, o mundo esperam também a vossa resposta à vocação única que cada um tem nesta vida! À medida que se aproxima a JMJ do Panamá, convido-vos a preparar-vos para

este nosso encontro com a alegria e o entusiasmo de quem deseja fazer parte duma grande aventura. A JMJ é para os corajosos! Não para jovens que procuram apenas a comodidade, recuando à vista das dificuldades. Aceitais o desafio?

Vaticano, 11 de fevereiro – VI Domingo do Tempo Comum e Memória de Nossa Senhora de Lurdes – de 2018.

[Franciscus]

KYWXI, EM TUDO AMAR E SERVIR OS ENAWENENAWE

PE. ALOIR PACINI, SJ (ANTROPÓLOGO)

O Brasil fez justiça ao condenar um dos autores do martírio do jesuíta Irmão Vicente Cañas Costa, no dia 30 de novembro de 2017. A morte provocada por violência física e arma branca deu-se em uma emboscada no seu barraco em 6 de abril de 1987, na margem do rio Juruena, Mato Grosso, onde ele esperava por uns três dias para ver se não tinha gripe ou outra doença que pudesse contagiar os Enawenenawe.

No centro do cristianismo está o mistério pascal com a cruz, e o Irmão Vicente não foi melhor do que os outros discípulos de Jesus Cristo, que deram a vida derramando o seu sangue, mas foi incondicional ao oferecer a sua vida. E a forma como amou os indígenas e se deram os fatos do seu martírio é única. Foi devido à sua participação no Grupo de Trabalho da FUNAI, que buscava regularizar a terra tradicional dos Enawenenawe, o que implicava a retirada de alguns invasores.

O Irmão Vicente era quem mais conhecia as terras tradicionais destes indígenas, pois, desde 1974, vivia e andava com eles nas suas pescarias, no ritual Yãkwa e outros, nos locais onde faziam suas roças. Há uma cultura que veio dos portugueses: primeiro se toma a terra dos índios e depois consegue-se regularizá-las no Instituto de Terras do Mato Grosso (Intermat) por diversos meios. A isso chamamos grilo, porque se associa à corrupção. No diálogo com a nossa sociedade, o Irmão Vi-

cente mostrava a perspectiva que os Enawenenawe tinham em relação ao seu território tradicional para que fosse reconhecido pelo Estado (FUNAI) e ser demarcado para os indígenas. Por isso ele foi morto.

Quando a Fazenda Londrina foi abrindo picada para dentro da terra dos Enawenenawe, começaram os conflitos, e o Irmão Vicente avisava que ali era terra indígena. Mas pensavam que os indígenas desistiriam de reivindicá-la eliminando o missionário jesuíta que os acompanhava. E a conversa corria solta na região sobre a organização dos fazendeiros com o delegado de Juína (MT) para amedrontar o missionário ou mesmo ir às vias de fato. Uma campanha de difamação foi deflagrada para justificar o ocorrido, e onde há fumaça há fogo. Por isso, os amigos falavam ao Irmão Vicente que se cuidasse, pois a lei no noroeste do Mato Grosso na época eram os pistoleiros.

Quando o Irmão Vicente veio a Cuiabá com planos de visitar sua família na Espanha, ficou sabendo de vários detalhes das ameaças que rondavam na região à boca pequena. Como não era de fugir da raia, pensou nos Enawenenawe e desistiu da viagem para a Europa. Comprou muito mantimento e voltou para a aldeia dizendo que era a hora que os Enawenenawe mais precisavam dele. Com esta decisão tomada, o Padre Darci Pivetta preparou um pacu assado e o embalou para que ele não precisasse sair do ônibus durante a viagem até Brasnorte e assim ficasse mais discreto durante a viagem daquela noite. O Irmão Vicente era conhecido na região e poderia facilmente ser alvejado nas paradas do ônibus sem ter quem o auxiliasse. Assim os Enawenenawe esperavam que ele estivesse na Europa, com sua família, como tinha avisado ao sair da aldeia em março de 1987. E os amigos esperavam que ele estivesse com os Enawenenawe.

Vicente Cañas veio para o Brasil em 1966 com o sonho de trabalhar com os indígenas, pois tinha recebido uma inspiração no retiro que o jesuíta havia feito no Noviciado antes de fazer os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência na Missão. Estes Exercícios Espirituais é que deixam o interior da pessoa livre para oferecer a vida a Jesus Cristo na Igreja. Conheceu primeiro os brasileiros misturados com os indígenas nas periferias de Baturité (Ceará), a cidade do outro grande missionário jesuíta, o Padre Malagrida. Ali trabalhou e aprendeu a falar o português e a solidariedade entranhada na organização das comunidades cristãs que viviam sofrendo com a seca, enquanto a água era usada para fazer piscinas nas casas dos políticos e coronéis.

Em seguida veio ao Mato Grosso para o trabalho na Missão de Diamantino. Começou acompanhando outros missionários jesuítas como o Padre Thomaz, Adalberto, Iasi e outros. O problema que se arrastava desde 1959 eram os Tapayúnas (Beíço-de-Pau ou Ivetin) que atiravam suas flechas da margem do rio Arinos em vão contra os invasores que desciam e subiam pela outra margem do rio para fundar Novo Horizonte, Porto dos Gaúchos, Juara. Em 1969, numa destas tentativas de contato pacífico com estes indígenas, o Padre Adalberto Holanda Pereira foi flechado na perna e o Irmão Vicente Cañas ficara gravemente doente de malária.

Quando a FUNAI conseguiu o contato pacífico, queria mostrá-los ao mundo e uma pessoa da reportagem estava com gripe. Depois da reportagem, a gripe se alastrou e 90% da população morreu na epidemia. O Irmão Vicente Cañas, o Irmão Fernandes, o Padre Thomaz e o Padre Iasi foram chamados para o socorro. Conseguiram que não morresse mais ninguém dos 41 sobreviventes. Mas o destino destes indígenas estava traçado: quando haviam recuperado a saúde e estavam mais fortes, foram transferidos para o Xingu num avião da FAB. Os Tapayúna foram levados de caminhão até Cuiabá e ali colocados no kamri titá para irem ao Xingu. Por isso o Irmão Vicente Cañas deixou registrada uma frase no final do Diário, que mais parece uma incógnita. Como até homens iluminados, com intuição do que deve ou não ser feito, podem ser induzidos a fazer o que não querem? “Tem que notar que o índio ficou como bobo e sem nenhuma iniciativa” (em 01/05/1970). O Irmão Vicente ficou marcado por esta experiência de precariedade da existência de uma etnia indígena diante das doenças tropicais. Mas isso também já era conhecimento adquirido dos que queriam as terras dos indígenas e, por isso, propositadamente os presenteavam com roupas contaminadas.

Assim o Irmão Vicente trabalhava com os Parecis, morando com uma equipe no Rio Verde, mas com especial atenção para com os indígenas que viviam em isolamento voluntário, devido às experiências traumáticas que tiveram no passado com a invasão da região por parte dos seringueiros ou mesmo outros indígenas. Eram forçados a se afastarem de seus territórios tradicionais devido à invasão da região norte do Mato Grosso.

Com o Padre Thomaz Lisbôa fez os primeiros contatos com os Mÿky (23 pessoas) em 13 de junho de 1971, num afluente do rio Papagaio. Como esta atração foi mais cuidadosa e planejada, conseguiu-se que

não houvesse epidemias entre eles. Como o Padre Thomaz passou a morar com eles, o Irmão Vicente o visitava frequentemente e ouvia os Pareci falarem de um grupo seu que havia fugido para o lado do rio Iquê. Foi para esta região que o Irmão Vicente se voltou. Dos Mÿky o Irmão Vicente recebeu o nome de Kiwxi.

Em 29 de julho de 1974, encontraram os Enawenenawe (93 pessoas). Foi amor à primeira vista, e esta etnia ficou sob sua responsabilidade. O Irmão Vicente gastou os seus anos trabalhando com diferentes etnias até encontrar o seu amor maior, identificou-se com o modo elétrico de viver e fazer tudo intensamente dos Enawenenawe. E dava conta de acompanhá-los em todas as suas atividades. As imagens [fotografias] do Irmão Vicente nestes primeiros encontros em geral falam de sua espiritualidade encarnada, sua mística de serviço despojado que era capaz de se oferecer generosamente ao serviço de Deus concretamente através da entrega incondicional aos filhos de Deus.

Ficara claro para o Irmão Vicente que o aprendizado de milhares de anos vivendo na floresta amazônica dava às culturas indígenas uma sabedoria sem igual para lidar com aquele meio ambiente. Contudo, a adaptação ao mundo que vinha chegando com as fazendas, os garimpos e as hidrelétricas precisava de trabalho generoso e fiel de alguém que pudesse traduzir e interpretar os sinais dos tempos para estes indígenas. Nem tudo que chegava era bom e nem tudo era ruim, isso os indígenas já sabiam, mas precisavam discernir e saber o que era bom abraçar nesta existência frágil para viverem bem e por muitos anos.

Os ameríndios estavam em conflitos constantes com os fazendeiros que invadiram seu território tradicional, principalmente quando faziam suas pescarias tradicionais com barragens nos rios. O Irmão Vicente Cañas falava duro contra os invasores das terras indígenas e até chegou a ir à fazenda Londrina falar com os peões, alertando-os de que eram explorados por trabalharem sem carteira assinada, e o melhor que podiam fazer era voltar para suas famílias.

Em 5 de abril de 1987, o Irmão Vicente falou pelo rádio amador - instalado pelo jesuíta Beno Schorr no barraco para interligar-se com Cuiabá e todas as aldeias - que no dia seguinte estaria subindo para a aldeia Enawenenawe. Como os jesuítas pensaram que estivesse na aldeia, não se preocuparam quando não deu mais sinal de comunicação. Depois de um mês, os jesuítas planejaram uma visita, e no dia 16 de maio chegaram ao barraco. O Padre Thomaz, o coordenador

do Regional do CIMI com os Mÿki encontraram o corpo do Irmão Vicente mumificado no lado de fora do barraco. No Júri o médico disse que o buraco no abdômen fora provocado por gazes de putrefação e não por faca. Como foi possível então a não decomposição de outras partes do corpo? E o médico disse que não havia explicação de o corpo não ter se deteriorado nem tocado por nenhum animal.

Os sinais de violência dentro do barraco deixaram claro que ele foi violentamente morto e arrastado para fora do barraco para fazer com que os animais o despedaçassem. A consciência pesada de um dos assassinos revelou como fizeram a picada da Fazenda Londrina até o barraco e ficaram esperando o Irmão Vicente voltar do banho no rio logo no amanhecer do dia 6, escondidos dentro do barraco. Deram uma batida com a borduna na cabeça do Irmão e dois homens o seguraram enquanto outro o atingia fatalmente no seu coração de baixo para cima na parte do abdômen, acima do estômago.

O Irmão Vicente parecia um Enawenenawe entre eles, não só pelo corte de cabelos, os brincos ou os colares, mas principalmente porque acompanhava-os em todas as suas atividades. As crianças e os adultos se sentiam bem em sua companhia, na aldeia, nos rios ou nas matas. Havia um reconhecimento mútuo e uma compreensão do outro que vai para além da língua, um respeito que brota do encontro de pessoas que se reconhecem diferentes e que decidem andar juntos.

O Irmão Vicente viu as crianças crescerem e se tornarem adultas, mães e pais de família formando uma comunidade única com seus rituais belíssimos, o que o tornou comprometido até a alma com a vida destes que faziam parte de sua família. Os Enawenenawe passaram a se sentir mais seguros para voltarem ao local de sua antiga aldeia, pois tinham fugido dos ataques dos Cinta-Largas para dentro das terras dos Nam-bikwaras. A experiência de que o outro que não é Enawenenawe não é só “assassino” e “ladrão” foram aprendendo com o Irmão Vicente, e as crianças começaram a crescer com mais confiança e reconhecendo os mistérios desta humanidade que possui possibilidades tão diferentes de vida nesta Amazônia, em Cuiabá ou em Brasília.

Assim a vida doada gerou mais vida e a experiência pessoal do encontro com o Criador tornou possível a encarnação de Deus em Jesus Cristo e sua inculturação nestes mundos distantes dos povos indígenas amazônicos. O Irmão Vicente aprofundou o seu senso de identidade e justiça no encontro com Cristo, o que o tornou capaz para deixar

seu mundo e mergulhar de cabeça e coração na cultura ameríndia, dentro dos rios da Amazônia. Sem muita reflexão antropológica, ele seguiu a intuição do coração e se tornou um Enawenenawe sem se importar com o tempo e preconceitos ocidentais. Faziam parte do seu dia a dia as horas e horas de orações diárias regadas com comidas, chichas e danças. Assim passou a sentir e ver o mundo como os Enawenenawe o viviam.

O esforço conjunto conseguiu a autodemarcação da terra Enawenenawe para eles poderem pescar mais seguros em sua terra, mas agora as PCHs estão impedindo a subida dos peixes, por isso os desafios continuam. Vicente era um homem de justiça e paz, sabia discernir o certo do errado e agir conforme o amor de Deus o inspirava. A vida do Irmão Vicente ganhou um profundo significado para os missionários indigenistas pela sua inculturação e participação mais radical no mistério de Cristo. Nosso mundo saturado de palavras encontra no Irmão Vicente Cañas um homem de gestos, pois estava sempre pronto para em tudo amar e servir.

MENSAGEM FINAL DO SEMINÁRIO NACIONAL DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

CENTRO DE EVENTOS PE. VICTOR COELHO DE ALMEIDA
APARECIDA/SP - 04 A 08 DE MAIO DE 2018

Tema: “Mística e Profecia na missão comunitária”.

Lema: “Saíamos, às pressas, com Maria, aonde clama a vida”.

Nós, cerca de 600 religiosas e religiosos participantes do Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada, em Aparecida-SP, de 5 a 8 de maio de 2018, renovamos nossa missão, com Maria Mãe da humanidade e companheira dos pobres, de “sair às pressas, aonde clama a vida”.

O mundo nos toca e interpela. A Igreja é parte dele, nossa consagração está a serviço da vida, e nossos carismas se orientam a partir do Reino de Deus.

Escutamos o clamor dos pobres e da Mãe Terra, não queremos ficar indiferentes ou fugir da realidade: com Maria, assumimos o desafio de dizer “sim” ao mistério de Deus, que se encarna na história através de nós.

Nosso País encontra-se numa situação sombria, fria e estéril do ponto de vista social e político. Está se consolidando um clima de ódio, violência e intolerância, particularmente contra os migrantes e os povos indígenas, com manifestações preocupantes de homofobia e extermínio da juventude negra. Denunciamos a progressiva concentração de riqueza e renda, bem como a expropriação da terra, do trabalho e dos direitos que o povo brasileiro tem conquistado à custa de muitos anos de luta e resistência; há um ataque estrutural à democracia e ao direito do povo de definir um projeto de País em que se reconheça.

Também a Vida Religiosa Consagrada pode esfriar-se, esquecer a profecia de Jesus, ceder à religião do capital, isolar-se, ser autorreferencial, sem sair de suas zonas de conforto, abandonando-se a um pessimismo reprodutor.

Mas a primavera bate à nossa porta, tempo de fragilidade que precisamos reconhecer, assumindo também as crises como ocasião para forjar um mundo novo e deixar nascerem os brotos que o Espírito de Deus está semeando. Acolher e fomentar esta primavera, também dentro da Igreja, é a missão da VRC.

Como numa árvore, em que as raízes sustentam e alimentam o tronco, assim nossa profecia está enraizada no silêncio contemplativo, nas comunidades inseridas e orantes, nas Galileias de hoje, tocando a carne de Cristo na carne dos pobres. Dessas raízes, nos vem a seiva da vida!

Na sociedade fragmentada e individualista de hoje, adoecida pela solidão, o testemunho da VRC reforça-se se suas comunidades forem sinal de unidade nas diferenças, de cuidado e amor recíproco. Esse é o tronco da árvore da vida, que oferece apoio e alegria verdadeira a quem precisa de amparo e sentido pleno!

Nosso encontro de partilha, graças a Deus, destacou que ainda há muitos bons frutos: testemunhos corajosos de serviço aos povos da Amazônia, aos migrantes e empobrecidos, diálogo inter-religioso e vida com os mais pobres. Nosso empenho no mundo da educação e em outras estruturas consolidadas precisa dialogar e interagir de forma permanente com essas experiências inseridas. Pode crescer a aliança entre a VRC e as iniciativas mais vivas e criativas da sociedade de hoje, como a economia solidária, as diversas formas de política participativa e o protagonismo corajoso das jovens gerações.

Aprendemos do “BemViver” dos povos ameríndios que o sentido da vida está em oferecer, unidos, todas as nossas potencialidades a serviço do Bem Comum.

Maria saiu de si e se deixou encontrar por Deus, que a surpreendeu e a encheu de amor e coragem. Os mártires e profetas da caminhada também disseram seu sim incondicional e brilham hoje para nós como estrelas-guia.

Saiamos, às pressas, com nossa Mãe e nossos irmãos mártires, ao encontro da vida que clama por dignidade e plenitude!

Aparecida-SP, 8 de maio de 2018.

GRATIDÃO PELA PARTILHA SOLIDÁRIA DA CAMPANHA MISSIONÁRIA DE 2017

IRMÃ MARIA DE FÁTIMA KAPP, SSPS

Em nome da presidência, diretoria e toda a equipe da Conferência dos Religiosos do Brasil, (CRB Nacional), especialmente das comunidades missionárias e pessoas beneficiadas, venho agradecer pelo gesto de caridade e missionariedade que foi a Campanha Missionária, lançada pelas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo – Província Brasil Sul. No ano passado, em 2017, as Irmãs decidiram que a referida Campanha seria para beneficiar as comunidades missionárias mantidas pela CRB Nacional, Setor Missão. Essas comunidades são: Pemba/Moçambique e Porto Príncipe/Haiti. Esses países, como sabemos, são muito pobres e necessitados. As Instituições que enviam missionárias/os têm, igualmente, de providenciar meios para mantê-las/os, além da missão. Compartilhamos com vocês algumas atividades de nossos projetos, nos quais será aplicada a verba recolhida na referida Campanha.

Projeto Missionário no Haiti

Este país situa-se no Caribe. Trata-se do país mais pobre das Américas, acometido por constantes catástrofes ecológicas. As mais divulgadas foram duas. Em 12 de janeiro de 2010, quando um terremoto abalou o país, atingindo, sobretudo a capital, Porto Príncipe, ocasionando morte, destruição e muito sofrimento. Inclusive a brasileira Dra. Zilda

Arns Neumann faleceu vítima dessa ocorrência. Outra catástrofe de graves consequências se deu no dia 04 de outubro de 2016, conhecida como furacão Mathew, que vitimou fatalmente mais de meio milhão de pessoas e deixou milhares de desabrigados. Além da comunidade Intercongregacional Nazaré, da CRB, há muitas missionárias e muitos missionários do Brasil e de outras nacionalidades, que se uniram diante dessas tragédias para aliviar a dor e o sofrimento da população atingida.

Os/as brasileiros/as organizaram equipe de atendimento dos primeiros socorros, saindo da capital para áreas no interior que foram as mais afetadas. Cada vez que se dirigiam para esses locais permaneciam em torno de duas semanas e atendiam de trezentas a quinhentas pessoas. Enfrentaram dificuldades, desafios, estradas quase intransitáveis, rios a serem atravessados a pé, etc., mas conseguiram suavizar um pouco do imenso sofrimento do povo.

A comunidade INTER Nazaré está constituída de cinco Irmãs, que atuam na periferia, bairro Coray, onde foram alojados os pobres atingidos no terremoto de 2010. Foi construído um pequeno centro social, onde funcionam atividades sócio-pastorais. São três os eixos que norteiam as oficinas: EVANGELIZAÇÃO, FORMAÇÃO e ECONOMIA SOLIDÁRIA, distribuídos em dezessete oficinas, como Infância e Adolescência Missionária, encontros de formação, cursos de corte e costura, bordado haitiano, reforço escolar, alfabetização, socialização, música, teatro, futebol, vassouras e cortinas de garrafas recicláveis, sandálias, artesanatos de coco, computação, celebrações, atendimento nas áreas da Saúde e Psicologia. Temos em vista uma pequena padaria e a construção de um centro de Saúde e Nutrição. Ambos estão em andamento. Parte da arrecadação que recebemos da Campanha Missionária será destinada para a aquisição de um gerador de energia. As máquinas para a padaria já conseguimos e também já reformamos a sala onde funcionará esse empreendimento.

Missão na diocese de Pemba, Moçambique

Esta diocese situa-se no norte do país, estado de cabo Delgado. É uma das regiões mais pobres de Moçambique. Pemba é a capital de Cabo Delgado. A diocese abrange todo o estado. Os desafios e dificuldades são inúmeros e diversificados. O bispo, dom Luiz Fernando Lisboa, é brasileiro. Foi ele quem suscitou à CRB Nacional uma comunidade

missionária. Quatro Irmãs, de distintas congregações, constituem essa comunidade. As Irmãs foram para lá no dia 02 de setembro de 2016. Atuam numa aldeia chamada Silva Macua. O idioma local é Macua. Embora a língua oficial em Moçambique seja o Português, nas aldeias, cerca de 90% das mulheres e crianças (que não frequentam a Escola), não dominam a língua portuguesa.

As Irmãs avançaram muito nesse ano e meio de atuação em Silva Macua. Mediante projetos financeiros, conseguimos mobiliar a casa onde moram, instalar luz elétrica na missão, reformar a capela e furar um poço. O carro, que é muito necessário, está em andamento, por meio de um projeto da Áustria.

As atividades das missionárias alicerçam-se na evangelização e na dimensão social. Trabalham na Infância e Adolescência Missionária, na coordenação da Escola de Educação Infantil, em reforço escolar, alfabetização de crianças, adolescentes e mulheres, Pastoral da mulher, Pastoral da Criança, projeto VIDA (nutrição), plantação de lavouras, assistência às famílias em Minas (garimpos de pedras semipreciosas), assistência catequética – litúrgica e celebrações na comunidade Católica de Silva Macua e acompanham outras comunidades da área rural. O recurso recebido da Campanha será aplicado nos projetos: Infância e Adolescência Missionária, Alfabetização de Mulheres, Alfabetização e Reforço Escolar de Crianças e Adolescentes, Pastoral da Mulher e Pastoral da Criança.

Somos imensamente agradecidas/os às Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, às suas comunidades, Instituições, às/aos Missionárias/os Leigas/os de Deus Uno e Trino e a todas aquelas/es que participaram dessa Campanha Solidária que fará toda diferença na vida de tantas crianças, jovens e famílias. Somente Deus Uno e Trino, em sua imensa generosidade e ternura, poderá recompensá-las/los com abundantes bênçãos e graças, concedendo-lhes o que necessitam para uma vida saudável e feliz.

Concluo esta breve partilha com atitude da bem-aventurada Madre Maria Helena: “que minha vida seja AMOR e GRATIDÃO”! E, com a bem-aventurada Madre Josefa, redobro minha confiança no Senhor, ciente de que a missão é de Deus, nós somos apenas mediações e instrumentos do anúncio desse Amor de Deus: “vivamos, dia por dia, hora por hora, e a DEUS CONFIEMOS o futuro”.

“VIVA DEUS UNO E TRINO EM NOSSOS CORAÇÕES E NOS CORAÇÕES DE TODAS AS PESSOAS E POVOS!”

INSTITUTO DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL DE MONTREAL (IFHIM)

IRMÃ SUELI VENÂNCIO, OSU¹

O IFHIM é um centro de treinamento internacional que oferece o processo de formação humana integral pela atualização de forças vitais humanas, através de programas de formação estruturados, sessões, workshops, conferências, acompanhamentos de grupos ou encontros pessoais.

O IFHIM recebe anualmente mais de 300 estudantes vindos do Canadá e de mais de 90 países dos cinco continentes.

O IFHIM foi fundado em 1976 pela Dra. Jeannine Guindon, psicóloga, psicoterapeuta, professora e conferencista de renome internacional. Antes de fundar o IFHIM, Dra. Guindon fundou a disciplina de psicoeducação, que foi oficialmente reconhecida em 1971 pela Universidade de Montreal, onde lecionou por mais de 30 anos. Hoje o IFHIM é dirigido por Marie-Marcelle Desmarais, MSS, acompanhado por uma equipe de cerca de vinte profissionais especializados na Formação humana integral pela atualização de forças vitais humanas.

O processo de formação humana integral vem desse longo e rigoroso trabalho de pesquisa científica, feito a partir de observações relativas ao caminho das pessoas que conduziram a descobertas científicas teóricas, clínicas e pedagógicas, que possibilitaram conceituar e concretizar o processo de formação humana integral tal como ele é hoje.

1 Conselheira em formação humana integral e formadora no IFHIM. Intermediaria para as demandas em português. E-mail: venancio.sueli@ifhim.ca. Tel.: +1(514)331.68.61 - Ramal 388. <http://www.ifhim.ca>

A formação humana integral enfatiza a jornada pessoal a partir das experiências vividas, a fim de adquirir maior autonomia e maior abertura ao entorno e aos outros. Também visa garantir que as pessoas, devido a essa abertura, aprendam a consultar os outros para promover mudanças que tragam bem-estar, paz e vida a pessoas de diversas origens.

A força vital do amor ensina a olhar para as pessoas como pessoas além das diferenças. Assim, a transformação pessoal feita a partir do trabalho em profundidade sobre si mesmo, interagindo com os outros, exige contribuir para uma transformação social. As etapas de treinamento permitem esse processo evolutivo. A pessoa em treinamento é convidada a tomar consciência de suas forças vitais humanas e de sua maneira de atualizá-las, apesar dos obstáculos encontrados. Dependendo do estágio de formação, ela também pode andar com sua força contrária, o que pode paralisá-la em tomar certas decisões e em sua abertura para si e para os outros.

A atualização das forças vitais humanas é complexa, mas refere-se principalmente à capacidade da pessoa se comprometer com uma meta realista, significativa e aberta para si e para os outros, para tomar os meios e o tempo apropriados, através da renúncia e às escolhas que ela percebe e discerne como sendo necessárias para alcançar o objetivo, perseverando apesar dos obstáculos encontrados, refinando seus meios através de seu aprendizado e do controle que ela adquire, devido à força vital do amor que o leva a se abrir para qualquer um além das diferenças. E isso nas decisões mais concretas da vida cotidiana!

Temos o prazer de lhes apresentar as sessões de verão de 2018, que acontecem de 04 de junho a 10 de agosto. Através dos temas o leitor poderá compreender melhor os assuntos e conceitos tratados no interior do Processo de Formação Humana Integral, poderá se inscrever para uma ou varias dessas sessões entrando diretamente do site.

Para sessões em português, para maiores informações sobre as demais sessões, questão de vistos e alojamentos, ou ainda sobre a Imersão Intensiva, gentileza entrar em contato com Sueli Venancio, osu, dados para contato, abaixo:

Nenhum pré-requisito é exigido para todas estas sessões:

1. De 4 a 8 de junho de 2018: Cooperar e colaborar com outros em um projeto coletivo. Assessorada por Claire Lutz-Sierra, conselheira em Formação Humana Integral.
2. De 11 a 15 de junho de 2018 : Restaurar as forças vitais humanas da pessoa que viveu uma ou mais experiências traumáticas para

- se libertar do trauma psíquico. Assessorada por Marie-Marcelle Desmarais, assistente social, psicoterapeuta e intervenante clínica em Formação Humana Integral.
3. De 18 a 22 de junho de 2018: Sair das minhas falsas imagens para descobrir verdadeiramente quem eu sou. Assessorada por Claire Hamel, psicóloga, psicoterapeuta e intervenante clínica em Formação Humana Integral.
 4. De 25 ao 29 de junho de 2018: Aprender a reler minhas experiências a fim de ver melhor minhas forças vitais humanas. Assessorada: por Lili Gauthier, conselheira em Formação Humana Integral.
 5. De 2 a 6 de julho de 2018: Aprender a construir pontes de paz. Assessorada por Élisabeth Michaëly, conselheira em Formação Humana Integral.
 6. De 9 a 13 de julho de 2018: Solidificar minha auto-estima reconhecendo meus talentos, minhas atitudes, meus interesses e meus valores. Assessorada por Luc Corriveau, psicólogo, psicoterapeuta e intervenante clínico em Formação Humana Integral.
 7. De 16 a 20 de julho de 2018: Afastar as contra-forças que entram minha liberdade interior. Assessorada por Jacinthe Gareau-Corriveau, psicóloga, psicoterapeuta e intervenante clínica em Formação Humana Integral.
 8. De 23 a 27 de julho de 2018: Representar meu projeto de vida de acordo com o desafio da minha idade. Assessorada por Céline Rivard, psicóloga, psicoterapeuta e intervenante clínica em Formação Humana Integral.
 9. De 30 julho a 3 de agosto de 2018: Reconhecer e desenvolver minha capacidade de amar a mim mesmo/a e aos outros. Assessorada por Sueli Venancio, conselheira em Formação Humana Integral.
 10. De 6 a 10 de agosto de 2018: Reler minha experiência espiritual à luz da atualização das minhas forças vitais humanas. Assessorada por Julien Alain, intervenante em Formação Humana Integral.

Para informações complementares, gentileza endereçar-se à:

Institut de formation humaine intégrale de Montréal (IFHIM)

55, boulevard Gouin Ouest, Montréal (Québec) H3L 1H9 Canada

Telefone : (514) 331-6861 - Fax : (514) 331-7303

E-mail: programmes@ifhim.ca - Website: www.ifhim.ca

<http://www.ifhim.ca/session-ete/>

O MOMENTO POLÍTICO: PISTAS PARA O DISCERNIMENTO CRISTÃO

PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA¹

Apresentação

A base deste texto foi elaborada para compor a análise de conjuntura apresentada no 14º Encontro Intereclesial de CEBs. Neste artigo retomo o essencial daquela análise para entender a realidade brasileira em 2018 e assim trazer os subsídios da sociologia da política para o discernimento cristão. Ao colocar em relevo os pontos que não podem ser negligenciados, quero deixar claro que esta análise não pretende ser apolítica nem neutra: ela destina-se às pessoas que estão insatisfeitas com a atual situação do Brasil e do mundo e buscam pistas para a construção de um mundo onde reinem a Justiça, a Paz e a integridade da Casa Comum.

1. Mudanças de âmbito planetário

Ainda que muito sumariamente, é preciso ter em consideração dois fatos da realidade mundial nem sempre contemplados em análises de conjuntura: o advento de uma catástrofe ambiental e o clima de guerra com suas novas formas.

1 Leigo católico, nascido em 1943, doutor em sociologia, foi professor nos Programas de Pós-Graduação em Ciência/s da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora e da PUC-Minas. É membro de Iser-Assessoria, da Equipe de Formação da Prelazia de São Félix do Araguaia e da Coordenação do Movimento Nacional Fé e Política.

O texto completo está em <http://fepolitica.org.br/artigos/analise-de-conjuntura/>

A expansão europeia no século 16, por meio do sistema-mundo regido pelo mercado e comandado pelo capital, marca o início de dois processos inter-relacionados: o crescimento demográfico e a destruição ambiental. Esses processos foram acelerados no século 18 pela revolução industrial e mais ainda no final do século 20, quando a expansão da economia capitalista (globalização) causa tantos danos à Terra, que hoje é a própria espécie humana que tem sua sobrevivência ameaçada. O degelo do Ártico, a desertificação dos solos e dos oceanos, o aumento de eventos climáticos extremos, a morte de rios e a diminuição das áreas de florestas, são prenúncios de uma catástrofe que se anuncia, embora tenhamos dificuldade de pensar que o clima – que há 12 mil anos favorece a vida de nossa espécie – possa mudar de uma hora para outra. (Essa dificuldade se deve à nossa percepção do tempo: um século é muito para nós, mas é quase nada para a Terra, cujo tempo se mede em milênios).

No entanto esta é a realidade: 2020 é a data-limite para se evitar a catástrofe climática prevista pela Conferência do Clima, em Paris, em 2016. Se até lá não forem cortadas as emissões de carbono na atmosfera, o aquecimento ultrapassará 1,5° C e ficará fora do controle humano. O problema é que até agora essas emissões não foram cortadas. As grandes corporações apresentam a economia verde como solução: alegando que só quem é dono cuida, ela propõe a privatização de bens comuns (água, sementes, conhecimentos, florestas) transformando-os em campos seguros para a aplicação do capital. Governantes irresponsáveis como Trump e Temer embarcam nesse discurso e pavimentam o caminho para a catástrofe ambiental que virá dizimar a população humana, especialmente os pobres.

Uma apreciação do momento político atual não poderia deixar de lado a realidade da catástrofe climática que ora se anuncia porque – ao contrário do que possa parecer – esta é uma realidade eminentemente política: as políticas econômicas têm tanto a capacidade de fazer avançar quanto de evitar a catástrofe. A escolha é nossa, os seres humanos. Se nada fizermos – ainda que apenas tocar no assunto – a catástrofe está garantida. Não podemos fazer de conta que nada sabemos! Mesmo correndo o risco de sermos chamados de ecochatos, temos que falar desse assunto desagradável.

Tudo indica que chegou ao fim o ciclo de acumulação puxado pelos EUA desde o início do século 20, porque o capital financeiro tornou-se mais lucrativo do que o capital produtivo. Nesse contexto as empresas buscam recompor sua taxa de lucro, seja pelo lado do trabalho (precarização, terceirização e achatamento salarial), seja pela exploração de recursos naturais (energia, minerais) de menor custo. Nessa busca pela recuperação da taxa de lucros destaca-se a economia chinesa, cujo valor já ultrapassa o da economia dos EUA e desponta como país líder da economia mundial no século 21. Essa transição do polo econômico do Ocidente para a Ásia está longe de ser tranquila: ela tem tudo a ver com o atual clima de guerras.

Existem hoje no mundo dezenas de guerras de âmbito local. São guerras internas a um país ou região, guerras étnicas e guerras ideológicas contra as drogas, o terrorismo e a corrupção. As grandes potências fornecem armas e respaldo político a seus aliados, e intensificam a corrida armamentista. A política externa de Trump só faz aumentar o risco de expansão dessas guerras, não se descartando o risco do uso de armas nucleares.

Fato novo no cenário mundial é a guerra de 4ª geração, inaugurada em 2003 com a invasão do Iraque pelos EUA. Ela usa o controle da informação e os acordos multilaterais (contra as drogas, o terrorismo, a corrupção, e até em defesa de Direitos Humanos ou da Democracia) como armas para conquistar outro país e sua economia. Em sua origem está a criação da Agência Nacional de Segurança dos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001, para centralizar as informações – de modo especial os dados que trafegam via internet (como mostraram as denúncias de Snowden e Assange). Usa-se a informação (inclusive fake news) para desmoralizar o inimigo, demolir suas instituições e destruir sua economia antes que as Forças Armadas ocupem seu território.

Nesse contexto, a denúncia das guerras e a busca da paz mundial desafiam as Igrejas cristãs a serem voz profética num mundo que só entende a paz como silenciamento dos derrotados. O papa Francisco tem sido um precioso – mas raro! – exemplo de voz que não se cala diante da falsa paz que vem dos prepotentes. Ele faz ecoar o grito dos refugiados e exilados, que sabem que guerra significa morte também pela fome. Não podemos fazer corpo mole e deixá-lo falar sozinho!

2. Brasil: o golpe de 2016

Trata-se de golpe – e não apenas impeachment – porque o governo que tomou o poder adotou um programa político nunca submetido à aprovação eleitoral. Pode-se qualificá-lo como golpe parlamentar ou parlamentar-judicial, porque a conquista do poder não se deu pela força das armas e sim pelo uso de instrumentos previstos na legislação, mas não há como negar a arbitrariedade envolvida na mudança de governo. Para entender seu significado histórico é preciso situar os acontecimentos sociais e políticos de 2013 a 2016 no contexto das realidades mais amplas do sistema-mundo: a financeirização do capital e o clima de guerras de 4ª geração.

Contexto econômico e geopolítico e o processo golpista

As grandes corporações mundiais têm todo interesse de garantir para si as fontes de energia e de matérias-primas de Nossa América a baixo custo. Essa redução de custos permite recompor sua taxa de lucros e assim enfrentar o desafio da financeirização do capital. Por outro lado, esse interesse econômico associa-se ao objetivo geopolítico dos EUA de reforçar sua influência no Continente e impedir o avanço da China, que, aliada à Rússia, desponta como a maior potência econômica e militar do século 21. Embora os governos de Lula e Dilma não fizessem oposição a esses interesses, tampouco se alinhavam automaticamente aos rumos definidos pelos EUA, como mostra sua política externa de abertura ao Sul (o chamado Terceiro Mundo) e a parceria comercial e financeira com a China. Aí reside a razão principal do golpe de 2016, da mesma estirpe dos golpes contra M. Zelaya em Honduras (2009), F. Lugo no Paraguai (2012), e as sucessivas tentativas de tirar Chávez e N. Maduro na Venezuela. (A Argentina só não sofreu o mesmo tipo de golpe porque a eleição de Macri garantiu o poder do grande capital).

O processo que culminou em 2016 teve seu início durante as mobilizações sociais de maio e junho de 2013: a resposta negativa do governo às demandas populares por reformas sistêmicas abriu o caminho para as forças golpistas assumirem a voz das ruas como se representassem todos os setores sociais descontentes. É relevante o papel da grande mídia e de ONGs tipo Movimento Brasil Livre, Vem pra rua e outras. A crise econômica provocada pela retração dos investimentos privados em 2014–2016 tinha como finalidade desestabilizar o governo Dilma, como se fosse ele o responsável pela retração dos investimentos.

Paralisado o governo, o processo rapidamente seguiu em frente: logo após o impeachment em abril de 2016, foi implementado o projeto “uma ponte para o futuro”. Embora esse programa tivesse sido apresentado pelo PMDB em 2015, não foi submetido à legitimação eleitoral, mas imposto por meio dos mecanismos da guerra de 4ª geração: desqualificando as políticas sociais como “populistas” ou “demagógicas”, infundindo o ódio ao PT e às esquerdas, aumentando a taxa de desemprego e reduzindo os investimentos públicos e privados a pretexto de evitar o déficit fiscal, os governantes alçados ao poder foram guiados pelo ideário neoliberal das classes dominantes.

Os resultados do golpe mostram que ele atende aos objetivos geopolíticos dos EUA e de empresas transnacionais, mas convém examinar mais de perto como ele beneficia o setor mais rico do Brasil enquanto entrega os setores mais pobres à própria sorte.

Os muito ricos e seus aliados

A estrutura social brasileira é marcada pela profunda desigualdade econômica: cerca de 75.000 pessoas formam o estrato mais rico do Brasil, com renda mensal (declarada à Receita Federal) igual ou superior a R\$150.000. Tais rendimentos são típicos de grandes proprietários ou executivos de empresas, bancos ou terras, mas podem incluir também profissionais altamente qualificados e pessoas de destaque no mundo do entretenimento e do esporte – as “famosas” ou “famosos” – bem como certos servidores públicos que acumulam salários acima do teto legal. Essas pessoas concentram também a propriedade de bens: 1% da população detém 48% da riqueza nacional, tendo na ponta 31 bilionários, dos quais 6 possuem juntos riqueza equivalente à da metade mais pobre da população brasileira.

Esse setor composto por cerca de 75.000 famílias reproduz hoje o modelo de dominação herdado da casa-grande escravista: usa o poder do Estado tanto para garantir e aumentar sua riqueza, quanto para impedir reformas estruturais (v. g. agrária, do Estado, fiscal e urbana). Seu capital controla as grandes empresas e os meios de comunicação de massa, mas é submissa às metrópoles neocoloniais (empresários aceitam as ingerências do capital externo). Conta com a cumplicidade de economistas e pensadores (organizados em institutos como Casa das Garças e Millenium) e tem presença marcante no Judiciário e em postos de poder cujos concursos requerem alto grau de escolaridade. Conta também com intelectuais que se definem como de direita e que desfrutam de amplos espaços na mídia e nas redes sociais.

Para completar sua hegemonia, essa pequena, mas poderosa classe muito rica reconquistou o espaço religioso perdido durante a ditadura empresarial-militar de 1964-1984. Para isso usa a tática de respaldar propostas conservadoras no campo da moral sexual e familiar e manter a política de isenções fiscais para instituições religiosas. Por tudo isso, é grande seu prestígio: não só é admirada por sua riqueza – entendida como resultado de sua competência no mundo dos negócios, ou das bênçãos divinas – como é cercada por pessoas de sucesso no mundo do entretenimento, dos esportes, da política, das artes e da religião.

Quando, porém, essa hegemonia no campo do pensamento e dos valores não é suficiente para lhe dar tranquilidade, os muito ricos podem recorrer às forças de polícia e à segurança privada (milícias) para defender seus espaços exclusivos (fazendas, condomínios fechados, alphavilles e resorts). Quando nem tudo isso lhes dá segurança, adquirem uma casa no Exterior, de onde passam a dirigir seus negócios.

O golpe: revanche dos ricos

As classes trabalhadoras e os movimentos organizados tinham desempenhado papel de grande importância política no processo de restauração democrática de 1984-1989, quando se abriu a possibilidade de realizar-se a concertação nacional que resultou na Constituição cidadã de 1998. Embora elaborada por um Congresso eleito com todos os vícios de costume – e não por uma Assembleia Constituinte – essa Constituição incorporou os Direitos Humanos como direitos de Cidadania. Isso assegurou, por exemplo, o direito de todo brasileiro aos serviços de saúde, educação e previdência como dever do Estado, e garantiu a posse de seu território aos povos originários e aos quilombolas. Além disso, assegurou direitos políticos – como as leis de iniciativa popular e os referendos – e as liberdades democráticas. É verdade que, não tendo sido objeto de leis complementares, alguns de seus preceitos – como a regulamentação dos juro e a auditoria da dívida pública – tornaram-se sem efeito. Apesar disso, as conquistas populares inscritas no texto constitucional de 1988 incomodam as classes dominantes, cujos porta-vozes alegam ser impossível governar se todos os preceitos constitucionais fossem obedecidos.

O golpe de 2016 teve por objetivo mudar esses preceitos e assim impor um regime mais favorável aos ricos. Para sua consecução, ele uniu diferentes setores da sociedade brasileira: empresários, banqueiros

e ruralistas, gente que vê na política neoliberal a saída para recuperar a lucratividade das empresas, políticos profissionais que queriam estancar a Lava-jato e livrar-se de Lula e do PT, setores da pequena burguesia temerosos da ascensão econômica dos pobres, setores populares assustados com o avanço de políticas de gênero, e igrejas cristãs em oposição a propostas inovadoras na legislação referente ao aborto, às drogas e ensino laico.

A vitória do golpe foi facilitada porque a maioria das organizações sociais e movimentos ligados às classes trabalhadoras estavam mais próximos do governo do que do cotidiano popular. Esse efeito do lulismo tornou muito difícil a resistência, porque as classes trabalhadoras pouco se mobilizaram, enquanto os setores médios, sob comando do MBL, FIESP e outros grupos oportunistas, foram às ruas para tirar o PT do governo federal.

Logo após o golpe foram introduzidas mudanças substanciais na legislação visando conter despesas obrigatórias em políticas sociais, facilitar a privatização de empresas estatais e das reservas de petróleo do pré-sal, diminuir drasticamente os direitos trabalhistas, favorecer a expansão do agronegócio na Amazônia e no Cerrado. Outras mudanças, que buscam em última análise assegurar o pagamento dos juros da dívida pública, tiveram que ser adiadas devido à forte reação da sociedade. Essa política de favorecimento às grandes empresas tem recebido o aval do Poder Judiciário, que garante o rigoroso cumprimento da Constituição quando em prol das classes dominantes, mas não quando se trata de assegurar direitos dos povos originários a seus territórios tradicionais, ou de trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, e seus representantes políticos – como a condenação do ex-presidente Lula.

Percebe-se o desmonte da ordem constitucional também quando se constata a impunidade de tantos crimes cometidos contra moradores de favela ou comunidades de periferia, lideranças indígenas, trabalhadores rurais, e defensores e defensoras de Direitos Humanos, principalmente quando a suspeita recai sobre policiais ou pistoleiros a mando de mineradoras ou ruralistas. Configura-se assim a política do terrorismo preventivo de Estado, cujo objetivo é infundir medo em pessoas potencialmente ameaçadoras para a ordem estabelecida, e assim mantê-las recolhidas em casa.

Não tendo percebido a tempo a extensão do golpe, os movimentos e organizações populares não conseguiram reagir com eficácia: jogando toda sua força em cada embate contra forças muito mais poderosas,

estão hoje politicamente desgastadas. Fragilizadas, até agora elas só impediram a implementação de medidas muito impopulares e o avanço da proposta de reforma da previdência. Neste contexto, empate tem sabor de vitória...

Desdobramentos do golpe: o momento atual

Passados quase dois anos, fica claro que desmoronou a coalizão que promoveu o golpe e agora cada grupo busca tirar proveito imediato da situação antes que venha a ser alijado do governo. Até agora não surgiu nesses setores alguém que tenha a respeitabilidade exigida para exercer o governo da república. Agrava-se a situação política devido à desmoralização que atinge os três Poderes. Mesmo tendo o Parlamento mais ilegítimo desde 1984, o regime político tornou-se de fato semi-parlamentarista devido à fragilidade do poder executivo: o Ministro da Fazenda concentra poderes semelhantes aos de primeiro-ministro, cabendo à Presidência da República assegurar a maioria absoluta na Câmara e no Senado por meio de concessões e favores. Neste cenário a obrigação constitucional da realização de eleições neste ano coloca em risco a continuidade das políticas antissociais impostas desde 2016.

Desenhou-se uma intervenção militar como se ela fosse capaz de encontrar saída para a crise das instituições republicanas. A intervenção no Rio de Janeiro deve ser vista como ensaio para a eventualidade de uma intervenção de âmbito maior. Mas a hipótese de as Forças Armadas tomarem o poder para evitar o caos parece ter sido – ao menos momentaneamente – afastada devido à intensidade das reações à execução de Marielle Franco e seu motorista. Por outro lado, os ataques à caravana de Lula no Sul não suscitaram a necessária reação da sociedade em defesa dos direitos democráticos, como se atos de violência como esses não representassem passos na escalada que leva ao caos político.

Nesse contexto de incertezas, os dois lados se enfrentam com forças desiguais. Sem o respaldo da grande maioria da população brasileira, o governo Meirelles-Temer só tem o apoio dos grupos econômicos dominantes e dos EUA. Faz parte de sua estratégia manter o calendário eleitoral de 2018 para restaurar a imagem de democracia tão arranhada desde 2016, mas está fora de suas cogitações perder o controle do governo. Seu problema é a falta de pelo menos um candidato ou candidata capaz de concorrer com Lula ou com quem ocupe seu lugar. O pré-candidato que até agora vem despontando nas pesquisas

de opinião é visto com muita desconfiança pelas classes dominantes, que relutam em entregar o poder a um arrivista político que só propõe a violência como remédio para os males da sociedade.

Pelo lado das classes trabalhadoras e movimentos populares, percebem-se diferentes iniciativas visando reverter as medidas impostas pelo golpe. Estão hoje no leque de opções populares o Plano popular de emergência, da Frente Brasil Popular, o projeto Vamos, da Frente “Povo sem medo”, e a proposta de referendo revogatório das medidas abusivas posteriores ao impeachment. Elas encaminham soluções concretas para o problema da desordem institucional, mas cabe perguntar se as forças democráticas já têm condições de impor uma marcha-a-ré ao golpe. Afinal, é preciso lembrar que ele não foi apenas uma troca de governo, mas sim a retomada do poder absoluto pelos representantes das classes dominantes e das grandes corporações internacionais.

Diante desse quadro, cabe lembrar o que foi feito em Honduras, em 2017: diante da derrota eleitoral de seu candidato, as classes dominantes não hesitaram em reverter o resultado das urnas por meio de fraude no processo de apuração dos votos. Com a cumplicidade da justiça eleitoral e da mídia, asseguraram o triunfo do candidato que lhes servia. Os protestos foram silenciados pela mídia e pela repressão policial-militar – e não se falou mais no assunto. Não pode, portanto, ser descartada a hipótese de que, em caso de risco de derrota, mudem-se as regras eleitorais ou sejam adiadas as eleições.

Vivemos pois – escrevo no dia 31 de março – um momento de grande incerteza. O golpe só pode ser revertido por um amplo consenso nacional, mas este foi rompido e nada indica que possa ser refeito, não só devido ao clima de ódio político instalado no País quanto pela falta de uma autoridade cuja voz seja tão respeitada quanto foi, por exemplo, a CNBB nos anos de chumbo. Por isso há que se prever um longo tempo para criar laços sociais que resultem em força política popular suficiente para instaurar uma ordem justa e democrática.

3. Conclusão: recomendações para a ação

Esta análise da realidade nacional, considerada em seu contexto planetário e sistêmico, foi produzida tendo em vista traçar pistas para sua ação política de quem luta por um mundo onde reinem a Justiça, a Paz e a integridade da Casa Comum. Vale lembrar que não há análise sociológica politicamente neutra, porque não somos anjos nem ETs:

participamos da sociedade brasileira – dividida e desigual. Tendo presente a celebração dos 50 anos da Conferência de Medellín, que ao fazer a recepção do Concílio Ecumênico Vaticano II no contexto da “atual transformação da América Latina” inseriu a opção pelos pobres como marca distintiva da Igreja católica em nosso Continente, vale também lembrar sua inestimável contribuição para a ação ao apontar os pobres como sujeitos do processo de libertação. Nesta perspectiva aponto aqui duas pistas para a ação transformadora/libertadora em nosso País: a conscientização/formação e a organização popular e – preparando a próxima campanha eleitoral – apresento um esclarecimento sobre o voto proporcional.

Conscientização/formação

Para superar a situação de alienação e descontrolado da informação, impõe-se a retomada do trabalho de conscientização popular. O método Paulo Freire é um instrumento excelente porque une o aprendizado à autoformação da consciência de quem somos, qual nosso lugar no mundo, quem são nossos aliados e quem são nossos adversários e inimigos. Outro excelente instrumento é a leitura popular da Bíblia, sempre confrontada à realidade vivida pelo grupo. Quem toma gosto pela Palavra de Deus inserida na vida do povo torna-se incansável na luta pela antecipação do Reino de Deus na história humana.

A conscientização só tem a ganhar quando é combinada com o método da Formação na ação, como mostra a experiência dos grupos de base. É o método ver, julgar e agir ao qual se acrescentou o celebrar, sempre aplicado em grupo e tendo como objeto sua própria prática social.

Organização

Neste momento histórico em que os donos da riqueza e do poder reforçam sua posição, é necessário reunir quem partilha o mesmo projeto tendo em vista ações conjuntas. Para isso há novas formas de organização, como os coletivos e outros grupos populares autogestionados. É preciso mirar no longo prazo pois vivemos uma conjuntura desfavorável no curto e médio prazo. Por isso, é preciso saber dosar as forças: não jogar tudo nas lutas imediatas, mas fazer delas pontos de apoio para as lutas de maior fôlego. Isso é favorecido pela opção por

objetivos imediatos bem concretos e que aglutinem o maior número de pessoas como são as lutas pela água, pelo ambiente, pela saúde ou pela revogação da legislação antissocial posterior ao golpe de 2016.

É claro que essas recomendações não esgotam as possibilidades de respostas que devemos dar aos apelos da realidade atual. A atenção aos sinais dos tempos certamente poderá abrir outras pistas para a ação. O importante é que os cristãos escutemos “os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, como um lamento que reclama de nós outro rumo” (Laudato si’, 53)!

Juiz de Fora, 2 de abril de 2018

Anexo: o voto para deputado/deputada**

Além de eleger Presidente, Governadores e Senadores, escolheremos em outubro nosso candidato a deputado (federal e estadual). Se nessa escolha não considerarmos o seu Partido, corremos o risco de votar em pessoas decentes e eleger os piores políticos do nosso estado. Se você quer saber como isso acontece, preste atenção na legislação eleitoral brasileira.

Diferentemente das eleições para Presidente, Governador e Senador, onde os candidatos disputam uma vaga, nas eleições proporcionais os candidatos disputam várias vagas. Para facilitar a explicação, usaremos o exemplo do Estado do Espírito Santo, que tem aproximadamente 2.800.000 eleitores. Presumindo que muitos eleitores deixam de votar ou votam nulo, serão cerca de 2.500.000 votos válidos. Dividindo-se o total de votos válidos pelo total de vagas, obtém-se o quociente eleitoral, que varia de um estado para outro e a cada eleição. (Você pode obter os dados referentes ao seu estado nas eleições de 2014 entrando no site do TRE).

Como o ES tem 10 vagas para deputados na Câmara Federal, o quociente eleitoral para eleger 1 deputado federal é de 250.000 votos. Para a Assembleia Legislativa, que tem 30 vagas, o quociente eleitoral para eleger 1 deputado estadual é pouco mais de 80.000 votos. Basta ver os resultados das últimas eleições para constatar que nenhum candidato obteve tantos votos. Todos foram eleitos graças ao quociente eleitoral do seu partido ou sua coligação. Aí reside o “x” da questão.

** Há candidatos e candidatas, deputados e deputadas, etc. Mas conformei-me com a norma gramatical que desconsidera a diferença de gênero, assim como conformei-me à legislação eleitoral mesmo discordando dela.

As vagas são distribuídas conforme o total de votos dados aos candidatos do mesmo Partido (isoladamente ou coligados – mas, para simplificar, deixamos de lado a coligação). Ou seja, cada Partido soma a votação de todos os seus candidatos mais os votos dados para a legenda. Cada vez que a soma chegar a 250.000 votos ele elege 1 deputado federal (80.000 para cada deputado estadual). Sabendo quantos candidatos o Partido elegeu, distribuem-se as vagas conforme a votação individual. Os candidatos mais votados do Partido ganham as vagas efetivas, ficando os seguintes mais votados como 1º, 2º e 3º suplentes.

A vantagem dessa regra é que em eleições proporcionais não existe “voto perdido”, exceto quando o Partido não consegue obter o quociente eleitoral. Ainda que um candidato não seja eleito, ele ajudará a eleger alguém do mesmo Partido.

A desvantagem é que o sistema favorece os políticos espertos, que estimulam a candidatura de pessoas capazes de angariar votos na sua igreja, no clube de futebol, na comunidade por sua simpatia, sem esclarecer o programa do Partido. Seus votos ajudam a chegar ao quociente eleitoral para eleger o político mais votado (que provavelmente bancou a candidatura dessas pessoas desprevenidas). Quando alguém se candidata por desejo de colaborar com o seu Partido, não é problema. Quando, porém, a pessoa recebe apoio financeiro para se candidatar ela joga (talvez involuntariamente) contra a Democracia, porque é usada como alavanca eleitoral para políticos sem ética.

Por isso, tão ou mais importante quanto informar-se sobre as qualidades e aptidões pessoais do candidato, é informar-se sobre os outros candidatos lançados pelo mesmo Partido, porque ao menos um deles pode ser eleito pelo nosso voto. Não esquecer que o voto vai primeiro para o Partido e só depois para o candidato.

Questões para reflexão – em grupo, se possível

1. A crise climática e as guerras localizadas ceifam muitas vidas humanas e estragam o Planeta que Deus confiou a nossos cuidados. É possível ter uma ação eficaz, diante de problemas de tal magnitude? Qual?
2. Após 2016 foram impostas políticas antissociais. Será possível revertê-las? Como?
3. Como você/s explicaria/m a quem ignora a diferença entre voto majoritário e voto proporcional que os votos são dados primeiro ao Partido e só depois ao candidato?

SUPERAR A ANEMIA ESPIRITUAL DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

PE. LUÍS GONZÁLEZ-QUEVEDO, SJ¹

Introdução

O Conselho Editorial da revista me pede para escrever sobre: “a superação da anemia espiritual da Vida Religiosa Consagrada (VRC)”.

O tema é desafiador. Suscita em mim mais interrogações do que respostas: a nossa VRC estará mesmo anêmica? A anemia é passageira, conjuntural, ou crônica, quase constitutiva do seu próprio ser? Quais são os “valores de referência” para poder julgar se estamos espiritualmente anêmicos? Existe um modelo ideal de VRC saudável?

Donde viemos nós, os que entramos na VRC naqueles belos anos do Concílio Vaticano II, e donde vêm, hoje, os jovens que estão entrando na VRC? Onde estamos neste momento histórico e neste país em que temos a graça de viver? E para onde estamos indo ou querendo ir?

A VRC tem futuro ou estaremos nos tornando os últimos exemplares de um ‘livro raro’, cuja edição está esgotada? Quais são as motivações que sustentam e dão sentido a esta forma de vida, tão louvada por uns e tão “irrelevante” para outros, no horizonte secularizado dos nossos dias?

A pergunta decisiva seria esta: como superar a nossa anemia – no caso de ela existir – ou, em todo o caso, como conservar e melhorar a nossa saúde espiritual?

¹ Pe. Luís González-Quevedo, sj.

Av. José Boldrini, 170 – Itaici - 13341-700 Indaiatuba, SP. E-mail: luisquevedosj@gmail.com

Não é fácil arriscar um diagnóstico, a respeito da saúde espiritual de uma forma de vida tão antiga, tão diversa e tão rica como a VRC.

Um diagnóstico pessimista: um primeiro “diagnóstico” da VRC, no Brasil e no mundo, seria negativo: A vida religiosa está em crise, as vocações diminuíram, as saídas talvez não sejam tantas como nos anos do pós-Concílio (ou será que já nos acostumamos a elas e não nos chocamos mais?), mas continuam afetando os Institutos. A pirâmide por faixa etária se inverteu: temos muitos membros idosos e poucos jovens que possam assumir as comunidades e as obras que herdamos do passado.

Este diagnóstico pessimista não é de hoje. Eu o tenho escutado desde que entrei na Companhia de Jesus. E era uma época em que ainda tínhamos muitas vocações. Aí veio o Concílio Vaticano II, e o que, para uns, foi uma “primavera”, para outros foi um tsunami, cujos efeitos se prolongam até hoje.

No final dos anos 1970, um destacado historiador beneditino escreveu que, nos doze primeiros anos de pós-Concílio, os mosteiros beneditinos se tinham afastado da observância da Regra de São Bento mais do que em todos os séculos anteriores².

Outro autor que endossou a tese pessimista sobre a vida religiosa no pós-Concílio foi o jesuíta Jean Daniélou (1905-1974). Daniélou tinha sido um teólogo “progressista”, participou do Concílio como perito conciliar, e foi distinguido com o título de cardeal.

Em 1972, o cardeal Daniélou concedeu uma entrevista à Rádio Vaticano, sobre a renovação da vida religiosa. Na opinião do cardeal, mais do que de “renovação”, deveria falar-se de “decadência” das Ordens e Congregações religiosas. Tal decadência afetava mais ao mundo atlântico. Os países do Leste europeu, da África e da Ásia gozariam de melhor saúde espiritual.

A crise da VRC, segundo Daniélou, se manifestava em todos os campos. “Os conselhos evangélicos não são mais considerados como consagração a Deus, mas encarados numa perspectiva sociológica e psicológica: evita-se uma fachada burguesa, mas no plano individual

2 A. de Vogüé, “Saint Benoît aujourd’hui. La vie monastique et son aggiornamento”, *NRTh.* 100/5 (1978), 720-733. De Vogüé é autor, entre outras obras de história monástica, do comentário à Regra de São Bento, na prestigiosa coleção “Sources Chrésiennes”.

não se vive a pobreza. A obediência religiosa é substituída pela dinâmica de grupo. Sob pretexto de reagir contra o formalismo, abandona-se a regularidade da vida de oração...”. As consequências seriam “o desaparecimento das vocações e os escandalosos abandonos de religiosos, que renegam o pacto que os ligava ao povo cristão”.³

Segundo Daniélou, a decadência da vida religiosa era devida a uma falsa interpretação do Concílio, em um contexto social de crescente secularização.

O otimismo pós-conciliar: um segundo diagnóstico da VRC seria muito mais otimista. Sem ser um teólogo profissional, nem ter participado do Concílio, o Pierre Teilhard de Chardin (1881–1955) foi um autor emblemático, inspirador do otimismo pós-conciliar. Cientista (paleontólogo) e homem de sólida fé, acreditava que o mundo material e a humanidade evoluíam continuamente, passando de estágios inferiores para estágios superiores, em um processo inexorável de evolução, em direção ao Ponto Ômega, o Cristo Total.

Teilhard foi criticado por não levar suficientemente em conta a existência do mal no mundo e no coração do ser humano⁴. Ao otimismo teilhardiano poderia objetar-se que o desenvolvimento tecnológico está aumentando a desigualdade social, última raiz das guerras e dos conflitos sociais. A essa objeção, Teilhard responderia que isso faz parte do processo, mas a longo prazo o Bem triunfará, porque é mais forte do que o mal.

Pouco antes da abertura do Concílio, no dia 30 de junho de 1962, a Santa Sé publicou um monitum (admoestação) contra os escritos de Teilhard, todos eles póstumos, mas que estavam tendo um surpreendente sucesso. A visão de Teilhard de Chardin, aberta e otimista, poética e mística, foi endossada, em boa parte, pelo Concílio Vaticano II, sobretudo na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo.

Um autor representativo da visão otimista da vida religiosa foi o teólogo dominicano Frei Jean-Marie Roger Tillard, OP (1927–2000). Perito conciliar, teve certa influência no pós-Concílio, não só no campo da VRC, mas também no movimento ecumênico. Ele credi-

3 Cf. Alberto Royo Mejía, “Historias del postconcilio (IV): La polémica del Cardenal Daniélou con algunos superiores generales religiosos”, www.infocatolica.com/blog/historiaiglesia.../hi-cardenal-danielou/

4 “A visão do Pe. Teilhard parece não contar com o ‘mistério da iniquidade’ ou com o pecado, e em absoluto silencia as noções de salvação e redenção do gênero humano” (Estevão Bettencourt, “Teilhard de Chardin e Evolução”, Pergunte e Responderemos, set. 1958).

tava que o futuro da VRC estaria nas comunidades mistas, formadas por homens e mulheres. Mas suas ideias, ao menos neste ponto, não foram aceitas por Roma⁵.

O surgimento das Novas Comunidades, tão florescentes no Brasil atual, poderia parecer uma confirmação da previsão de Tillard. No entanto, a questão não está ainda clara, nem madura, tanto do ponto de vista jurídico como teológico-pastoral⁶.

Depois do Concílio, a teologia e a espiritualidade da VRC foram campo de especial atenção na América Latina, especialmente depois da Conferência de Medellín (1968). Havia toda uma geração de teólogos religiosos que, em torno à CLAR e à CRB, repensavam a VRC na linha da “Teologia da Libertação” (Leonardo Boff, OFM, Ronaldo Muñoz, SS.CC, João Batista Libânio, SJ, Víctor Codina, SJ), muito embora não faltassem polêmicas entre os nossos teólogos, como a suscitada por Frei Clodovis Boff, OSM, ao criticar a “ambigüidade epistemológica” da Teologia da Libertação⁸.

Um diagnóstico equilibrado: teólogo e religioso, com experiência de cargos de governo, P. Carlos Palácio, SJ, nesta mesma revista, fez um diagnóstico da VRC equidistante do pessimismo e do otimismo. Palácio reconhece “o desencanto estampado na vida de tantos/as religiosos/as”, e afirma que “a VRC sofre hoje de uma inegável ‘anemia evangélica’, pessoal e institucional”⁹.

Porém, o autor se identifica com os que, “apesar de tantas dificuldades, não cessam de acreditar que a VRC tem futuro”¹⁰. O autor conclui que a vida religiosa apostólica (VRA) pode entrar em diálogo com outras

5 Que o futuro da VRC fossem as comunidades mistas, o próprio Tillard me disse, em uma conversa pessoal, no final dos anos 1970. O último livro do autor tem um título significativo: *Je crois en dépit de tout: entretiens d’hiver avec Francesco Strazzari*. Paris: du Cerf, 2001.

6 Ocupei-me do tema em “Nuove comunità nella Chiesa brasiliana”, *La Civiltà Cattolica*, 2017, I, n. 4002, p. 595-609 (11-25 marzo 2017). O meu texto foi redigido antes da Carta da Congregação para a Doutrina da Fé *Iuvenescit Ecclesia*, sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, de 15 de maio de 2016.

7 Cf. CLAR-CRB, *Para uma Vida Religiosa Latino-Americana*. Seleção de textos teológicos. São Paulo: CRB/Loyola, 1986.

8 Cf. Clodovis Boff, OSM, “Teologia da Libertação e volta ao fundamento”, *REB* 67 (out. 2007), 1001-1022. Para o Frei Clodovis, haveria uma Teologia da Libertação que “colocou os pobres no lugar de Cristo”. Cf. a resposta de Leonardo Boff, “Pelos pobres contra a estreiteza do método”, *REB* 68 (julho 2008), 701-708.

9 Carlos Palácio, “Luzes e Sombras da Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje”, *Convergência*, XLVI, n° 444 (set, 2011), 416-441 (416-417).

vocações e formas de vida na Igreja: “sem esconder o seu rosto nem diluir-se em alguma das outras formas, mas afirmando o seu lugar e a sua função na comunidade eclesial e no mundo ao qual é enviada”¹¹.

Uma só reserva eu faria ao excelente artigo de Palácio. O autor enfatiza que a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão, elementos essenciais de toda VRC, são radicalmente diferentes na VRA e na vida monástica. E atribui a crise de identidade da VRA, em primeiro lugar, à “transposição monástica”, com a imposição de um modelo único de Vida religiosa, inspirado na vida monástica¹².

Da minha parte, eu não me sinto à vontade com esta contraposição radical dos “Institutos puramente contemplativos” (PC 7; VC 8)¹³ e dos “Institutos dedicados à vida apostólica” (PC 8; VC 9). Prefiro pensar em termos de complementaridade e convergência dos diversos estados, vocações e formas de vida na Igreja. Neste sentido, as “novas expressões de vida consagrada (...) são sinal da complementaridade dos dons do Espírito Santo” (VC 12).

Na sociedade tecnocrática e secularizada em que vivemos, o maior risco de nossa VRC não é a “uniformização monástica”. Pelo menos na vida religiosa masculina que eu vivo, os maiores riscos são a dispersão individualista, o acesso imediato e permanente à Web; a “desertificação espiritual”; a transposição à vida consagrada dos critérios e dos costumes do “mundo”, nesse fenômeno complexo e sutil que o papa Francisco chama de “mundanismo espiritual”¹⁴.

O próprio Palácio tem consciência da incidência na crise de identidade da VRA da fragmentação da cultura pós-moderna. As aceleradas mudanças culturais, na sociedade em que vivem tanto os monges, como os frades mendicantes, os clérigos regulares, e os membros de todos os Institutos femininos, contribuem para “a desintegração da unidade perdida entre experiência espiritual, estilo de vida e envio em missão”¹⁵.

10 Id., ib., 417.

11 Id., ib., 440.

12 “A uniformização monástica foi um golpe mortal para a identidade da VRA”, Id. Ib., p. 438.

13 Cito o Decreto *Perfectae Caritatis* e a Exortação Apostólica pós-sinodal ‘*Vita Consecrata*’, de João Paulo II (1996).

14 Exortação apostólica *Evangelium Gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 93-97.

15 Palácio, loc. cit., 427.

A Identidade da Vida Religiosa Consagrada

No diagnóstico da situação histórica da VRC, sempre houve e continuará havendo discordâncias. Nos “valores de referência” da VRC, porém, deveria haver uma maior convergência.

O Concílio Vaticano II nos ensinou, aos religiosos e religiosas, duas coisas inesquecíveis: a) A norma última e a regra suprema da VRC é o seguimento de Cristo proposto no Evangelho; b) O necessário aggiornamento, atualização ou conveniente adaptação às novas condições dos tempos se deve realizar de acordo com a “índole e função particular” (o carisma próprio) de cada Instituto. Por isso, é necessário conhecer e conservar fielmente “o espírito dos fundadores”, a finalidade do Instituto e as suas “sãs tradições”, todo o qual constitui o patrimônio de cada Instituto, que enriquece a Igreja.

Depois do Concílio, a Igreja dedicou o Sínodo dos Bispos de 1994 ao tema: “A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo”. O itinerário desse Sínodo culminou na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*, de 25 de março de 1996, que continua sendo o mais completo documento que o Magistério da Igreja dedicou à VRC. Eu o proporia como leitura, estudo e meditação, não só de aspirantes, postulantes e noviços, mas de todo religioso ou religiosa, para que não tenham mais dúvidas a respeito dos valores essenciais da VRC.

Segundo o Magistério e a teologia atual, os elementos estruturais desta forma de vida cristã que chamamos “religiosa” e/ou “consagrada” são:

- a) a experiência de Deus;
- b) a comunidade fraterna;
- c) e a dedicação integral à missão evangelizadora da Igreja de Cristo.

A quem objetar que tais valores não são exclusivos da VRC, respondemos que não é necessário buscar diferenças de caráter absoluto entre a vocação religiosa e a vocação cristã. Ser religioso/consagrado é simplesmente uma forma particular de ser cristão, como ser cristão ou cristã é uma maneira específica de ser homem ou mulher¹⁶.

16 Sobre a especificidade da vocação religiosa, cf. o verbete “Vocação. 2. Estudo Teológico”, do Dicionário Teológico da Vida Consagrada, dirigido por A. Aparicio Rodríguez, CME, e J. Canals Casas, CME. São Paulo: Paulus, 1994, 1161-1163, onde procurei descrever as notas características – não necessariamente exclusivas – da vocação religiosa na Igreja.

A experiência de Deus

O que fez com que o jovem Bento de Núrsia abandonasse a casa paterna e os bens de sua “nobre estirpe”? São Gregório Magno diz que foi o “desejo de agradar somente a Deus”¹⁷. O que move hoje um/uma jovem do Norte/Nordeste do Brasil a sair de sua família e de sua terra, para vir ao Sul e entrar em um Instituto de Vida consagrada? Pe. Libânio responde: “a experiência fundante”¹⁸. E exemplifica com a frase de Santa Teresa: “solo Dios basta!”, que ecoa no “Dieu seul!” das numerosas Congregações religiosas femininas surgidas na Europa, no século XIX e primeira metade do Séc. XX¹⁹.

A VRC radicaliza a compreensão do valor absoluto de Deus, relativizando todo o resto. Dom Luciano Mendes de Almeida gostava de repetir a frase do Padre Leonel Franca: “Com o Absoluto não se regateia, quem não deu tudo, não deu nada”. Todos os santos fundadores tiveram a intuição de que “tudo passa, o que não é eterno não é nada” (São João Bosco)²⁰.

Certamente, a experiência de Deus não é exclusiva da VRC, mas entre as notas características da vocação religiosa, a primeira é a busca intensa de Deus. O Concílio Vaticano II o lembrou a todos os que professam os conselhos evangélicos, em qualquer forma de VRC: “busquem e amem mais que tudo a Deus, que nos amou primeiro (1Jo 4,10) e procurem em todas as circunstâncias cultivar a vida escondida com Cristo em Deus (Cl 3,3), da qual dimana e recebe estímulo o amor do próximo, para a salvação do mundo e a edificação da Igreja”²¹.

Por isso – conclui o Concílio – os membros dos Institutos devem cultivar com esforço contínuo o espírito de oração e a mesma oração, recorrendo às fontes genuínas da espiritualidade cristã: a Sagrada Escritura e a Liturgia, sobretudo o mistério eucarístico. Sem esta relação

17 Vida e Milagres de S. Bento – Livro Segundo dos Diálogos de S. Gregório Magno. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1986.

18 J.B. Libânio, “Discernimento vocacional: a experiência fundante”, *Convergência* 20 (1985), 195–206.

19 Em 1817, havia na França 12.400 religiosas; em 1877, eram já 127.753, contra 30.287 religiosos varones. Na segunda metade do século XIX, houve na Espanha uma grande expansão das comunidades religiosas femininas. Na Itália, entre 1900 e 1952, surgiram 152 novas fundações femininas. Tomo estes dados de Manuel Martín Riego, em *Isidorianum*. Revista del Centro de Estudios Teológicos de Sevilla, a. 26, n. 51–52 (2017), 365–366.

20 Cf. 1Jo 2,17. Sobre o fundador da Congregação Salesiana, veja-se: Cristina Siccardi, *São João Bosco místico. Uma vida entre o Céu e a Terra*. Campinas: Ecclesiae, 2015.

21 PC, 6.

intensa com Deus, a VRC perde seu fundamento e as nossas comunidades e atividades apostólicas se reduzem ao que o papa Francisco chama de “ONGs espirituais”.

A comunidade fraterna

O desejo de agradar somente a Deus levou Bento a fugir do mundo e embrenhar-se pelas montanhas de Subiaco e Montecassino. Mas seu testemunho radical atraiu outros homens e mulheres desejosos de Deus, que abraçaram a vida monástica cenobítica. O “só Deus!” de Teresa levou-a a tornar-se andariega (andarilha) pelas estradas de Castela e Andaluzia, fundando 17 Carmelos femininos e colaborando decisivamente na Reforma do Carmelo masculino.

No seu Testamento, São Francisco de Assis escreveu: “Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrava o que deveria fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho”²². O milagre da comunhão fraterna, na grande família franciscana, como nos demais Institutos de Vida Consagrada, não se deve à humilde e cativante figura do poverello, nem às qualidades humanas dos seus irmãos e irmãs, mas à ação gratuita do Deus Altíssimo, que suscitou no santo de Assis e nos seus irmãos e irmãs o desejo de viverem juntos a forma de vida do Evangelho.

Embora historicamente a vida anacorética tenha precedido à vida cenobítica, hoje devemos incluir, entre as notas características da VRC, a “vida fraterna em comunidade”²³. O próprio Concílio tinha afirmado que a comunidade (religiosa) “como verdadeira família, reunida em nome do Senhor, goza de sua presença (cf. Mt 18,20) e dela dimana um grande dinamismo apostólico”²⁴.

A missão de Cristo, presente na Igreja:

Convalescente de uma grave ferida, Santo Inácio de Loyola leu a Vida de Cristo e um florilégio das Vidas dos Santos. Ele queria seguir

22 Francisco de Assis, Escritos. Santo André, SP: Ed. Mensageiro de Santo Antônio, 1999, 130 (“Fontes Franciscanas”, 1).

23 Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, A Vida Fraterna em Comunidade, 2 de fevereiro de 1994.

24 PC, 15.

o exemplo de Francisco e de Domingos, mas também o do eremita Santo Onofre. Chegou a pedir informações sobre a Cartuxa de Sevilha²⁵. Finalmente, a “visão de La Storta”²⁶ orientou definitivamente sua vida para a ação apostólica, muito embora ele tivesse que ficar em Roma, coordenando a ação missionária da Companhia de Jesus.

Antes de dispersar-se pela “vinha do Senhor”, os primeiros jesuítas se questionaram: “que devemos responder aos que nos perguntem quem somos? Inácio fez questão de responder: “somos da Companhia de Jesus!”. E Polanco, que será o secretário da nova Ordem, justifica: porque “não tinham outra cabeça, nem outro prepósito que Jesus Cristo, a quem só desejavam servir”²⁷. O seguimento radical de Jesus será outra das notas características de toda a VRC.

O Diário Espiritual de Inácio mostra que o fundador da Companhia de Jesus foi um místico, mas sua mística não era uma mística sponsal, como a de Santa Teresa, embora o “Sentir com a Igreja” inaciano se fundamente na fé em que “entre Cristo nosso Senhor, Esposo, e a Igreja, sua esposa, é o mesmo espírito que nos governa e rege para a salvação de nossas almas”²⁸.

A mística inaciana também não é uma mística da pobreza, da poesia, da ecologia e da paz, como a mística franciscana, embora Inácio apresentasse a pobreza como o “firme muro” da Vida religiosa²⁹ e fosse um homem sensível, que se enternecia diante das flores ou das estrelas do firmamento (Cf. a “Contemplação para alcançar amor”³⁰).

A mística de Inácio de Loyola é uma mística de união com Cristo na ação, uma “mística de serviço” à missão de Cristo, que se prolonga na missão da Igreja. Os Exercícios Espirituais, principal fonte da espiritualidade que Inácio legou a toda a Igreja, são decididamente cristocêntricos.

25 Autobiografia de Inácio de Loyola. Tradução e notas: A. Cardoso. São Paulo: Loyola, 1987, nº 12. A mais recente tradução portuguesa, de R. Paiva, adotou o título de: O Relato do Peregrino (Loyola).

26 *Ib.*, nº 96.

27 Cf. R. García-Villoslada, Santo Inácio de Loyola: Nova Biografia. São Paulo: Loyola, 1991, 423-424. Neste ponto, o biógrafo do santo fundador esclarece que o nome “Companhia”, no contexto da época, não tinha conotação militar. Santo Inácio não foi nunca “soldado” ou “capitão”, como repetem os mal informados. Inácio foi apenas um “cavaleiro”, que empunhava as armas em defesa do seu senhor.

28 Exercícios Espirituais, nº 365.

29 Constituições, nº 553.

30 A “Contemplação para alcançar Amor” é o último exercício dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

A “missão”, entendida como tornar Cristo presente lá onde estivermos³¹, constitui o terceiro eixo estrutural de toda VRC, mesmo na vida de clausura, como foi o caso de Santa Teresinha de Lisieux, padroeira das Missões, junto com São Francisco Xavier.

Profilaxia da Vida Religiosa Consagrada³²

Um século atrás, em 1920, a tuberculose causou a morte da jovem Marta González-Quevedo Monfort, irmã do meu pai. Tinha apenas 20 anos de vida e queria ser religiosa. Suas últimas palavras foram: “Vocação! Vocação!”

A tuberculose é uma doença infecto-contagiosa que, segundo a Organização Mundial da Saúde, mata 5.000 pessoas por dia no mundo. Um quarto da população mundial estaria infectado pelo bacilo de Koch (*Mycobacterium tuberculosis*), mas apenas de 5% a 15% dos infectados evoluem para a tuberculose ativa³³. A convivência ou proximidade com pessoas infectadas, assim como os ambientes fechados e pouco ventilados, favorecem o contágio.

Sem forçar demais a comparação, podemos pensar que uma comunidade anêmica, infectada por divisões e fofocas, só por milagre poderá suscitar e conservar vocações religiosas, tanto contemplativas como apostólicas. Pelo contrário, uma comunidade fervorosa, aberta e espiritualmente arejada, com muitas ou poucas vocações, dará sempre no mundo o testemunho do “bom odor de Cristo” (2Cor 2,15). Quem entrar em tal comunidade respirará um clima de confiança e liberdade, de obediência e fraternidade, de amizade com o Senhor, dos irmãos ou irmãs entre si e com o povo.

“Por isso aconselharia eu aos que têm (vida de) oração, em especial no começo, procurem amizade e relacionamento com outras pessoas que tratam do mesmo. É coisa importantíssima!”, insiste Santa Teresa³⁴. “Porque andam as coisas do serviço de Deus tão fracas, que os que lhe servem precisam proteger-se uns aos outros, para irem adiante

31 “De fato, as pessoas consagradas têm o dever de tornar presente, mesmo entre os não-cristãos, Jesus Cristo casto, pobre, obediente, orante e missionário”, João Paulo II, Ex. Ap. Vita Consecrata, n° 77.

32 A profilaxia é a parte da Medicina que tem por objeto medidas preventivas contra as doenças.

33 Julio Abramczyk, “Tratando a tuberculose antes que ela apareça”, Folha de São Paulo, 24 de março de 2018.

34 Teresa de Jesus, Santa, Livro da Vida, 7, 20. A santa, porém, critica as “amizades particulares”, porque não são saudáveis.

(...) Porque, para cair, havia muitos amigos que me ajudassem; para me levantar, encontrava-me tão sozinha, que agora me espanto como não fiquei sempre caída”³⁵.

Teresa foi ajudada, também, pela leitura das Confissões de Santo Agostinho, das Cartas de São Jerônimo e das obras dos místicos franciscanos do século XVI. “Deu-me a vida ter ficado amiga de bons livros”³⁶ Ela queria que os confessores tivessem bom entendimento e experiência de oração. E se fossem “letrados”, muito melhor! Porque de “devoções bobas (isto é, sem fundamento), Deus nos livre!”³⁷.

O remédio fundamental recomendado por Teresa e por todos os autores espirituais é a oração, que ela define como “relação (trato) de amizade”³⁸ com Deus: “porque não é outra coisa oração mental, a meu parecer, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos nos ama”. Para Teresa, a verdadeira amizade tem duas exigências: intimidade (‘a sós’) e assiduidade, trato frequente (“estando muitas vezes tratando a sós”). “Parentes e amizade se perdem com a falta de comunicação”³⁹.

Em matéria de doenças, tanto físicas como espirituais, um princípio profilático é cortar os males nos seus começos. Toda doença deve ser combatida tão logo se manifesta. Do contrário, o resfriado pode virar gripe, e a gripe, pneumonia. Um poeta latino o disse: *Principiis obsta* (“Opõe-te ao princípio”)⁴⁰. A mesma ideia se encontra nas Cartas de São Jerônimo: “Difícilmente se curam os males que não se cortam tão logo começam a crescer”⁴¹.

Aos jovens em formação, eu recomendo harmonizar a “sadia rebel- dia”, própria da juventude, com o bom senso e o humor do nosso povo, quando diz: “o que não tem remédio, remediado está”, “manda quem pode; obedece quem tem juízo...”. Dia chegará em que eles – os jovens – poderão corrigir os erros que, hoje, nós cometemos. Mas, entretanto, eles precisam praticar duas virtudes que não são frequentes na juventude: a paciência e a perseverança.

35 Id. ib., 7, 22.

36 Id. Ib., 3, 4.

37 Id. Ib., 13, 16. A Santa estima, pois, os “letrados”, mas diz também que, se não são pessoas de oração, ajudam pouco aos principiantes.

38 Id., ib., 8,5. Cf. “Puedo tratar (con Cristo) como amigo, aunque es Señor”: ib. 37,6

39 Caminho de Perfeição, 26,9.

40 Ovídio Nasone, *Remedia amoris*. Bologna: P. Pinotti, 1988, 121 (cit. por Renzo Tosi, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 378).

41 Cartas de San Jerónimo II. Madrid: BAC, 1962, 136. (Carta 100, 1).

O conhecido escritor dominicano Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Cristo), sendo Noviço, estava um dia tão desanimado, que decidiu abandonar a VRC. Entrou no quarto do Mestre de Noviços e disse-lhe que queria ir embora. O velho Mestre perguntou-lhe: “Betto, se você estivesse uma noite em plena floresta, sem luar, e a sua lanterna apagasse, você continuaria caminhando, batendo nas árvores e esfolando-se, ou pararia e esperaria pelo amanhecer?” O jovem Noviço respondeu: “Eu pararia e esperaria pelo amanhecer”. O Mestre concluiu: “Pois, espera pelo amanhecer! Entretanto, leia isto”. E entregou-lhe as Obras Completas de Santa Teresa.

Conclusão

Creio que a nossa VRC está anêmica, sim. Creio que precisamos voltar às fontes, retornar a Assis⁴², caminhar à beira do rio Cardoner⁴³... Sobretudo, precisamos voltar a Nazaré, reencontrar-nos com Jesus, deixar-nos seduzir por Ele, seguir suas pegadas e consagrar-Lhe, mais uma vez, toda a nossa vida.

Questões para refletir

- a) Que fatos poderiam indicar que a VRC atual sofre de anemia espiritual?
- b) Quais seriam as notas características de uma VRC saudável?
- c) Como prevenir e curar uma VRC espiritualmente anêmica?

42 M. A. Santaner, *Le retour a Assise*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1970

43 O Cardoner é o rio que passa pela cidade catalã de Manresa, onde Santo Inácio iniciou seus Exercícios Espirituais. À beira do rio Cardoner, o fundador da Companhia de Jesus teve a maior graça mística de sua vida (cf. Autobiografia, n. 30).

ESPIRITUALIDADE DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA PARA O MUNDO DE HOJE EM DIREÇÃO A UMA INTERIORIDADE EXPANSIVA “A DIMENSÃO PERDIDA”

PE. ADROALDO PALAORO, SJ¹

Em todo momento histórico, quando a Igreja e a sociedade são sacudidas por grandes mudanças, surgem homens e mulheres que rompem com esquemas e seguranças envelhecidos e se deixam conduzir pelo Espírito ao deserto, às margens, às fronteiras...

O Evangelho nos projeta para o meio de um mundo plural e em constante mudança, movidos pelo mesmo “espírito” que impulsionou nossos/as fundadores/as a oferecerem uma resposta ousada e criativa ao mundo de seu tempo. Esse “deslocamento” geográfico, social, cultural, religioso... é precedido por um outro movimento, também decisivo: o percurso interior.

Não é possível ajudar as pessoas a viverem interiormente, se nós mesmos não vivemos nesse espaço de silêncio, de gratuidade e de oração, onde buscamos as motivações e as inspirações de nossa consagração ao serviço do Reino. Esta “vida interior” é, ao mesmo tempo, a terra na qual permanecemos enraizados e a fonte onde podemos apagar nossa sede.

1 Membro do Centro de Espiritualidade Inaciana (com sede em Campinas); formado em Espiritualidade (Gregoriana) e atua na orientação de Exercícios Espirituais nas casas de retiros da Companhia de Jesus e de outras congregações religiosas.

Novo endereço: R. Ricardo Tim, 183, Ponte Preta. 13041-460 - Campinas - SP.

Sem uma profunda vida interior, não podemos ir muito longe, nem na experiência de Deus, que nos atrai, nem na radicalidade do seguimento de seu Filho, nem na vivência dos votos, nem na vida comunitária, na oração e no ministério apostólico.

Sem uma vida interior exigente e vigorosa, deixamos afrouxar o polo “contemplação” de nossa vida; sem buscar e encontrar esses caminhos de interioridade corremos o risco de secar nossa generosidade apostólica e de atrofiar o sentido de nossos mais fortes compromissos. Sem esta “outra visão” que nos é dada pelos olhos interiores, não podemos reconhecer como o Criador “trabalha” intensamente no aparente “escondimento” de sua presença ou de sua visibilidade.

Sem interioridade, Deus parece estar distante, Jesus permanece no passado, o Evangelho torna-se lei, a Igreja, uma simples organização, a autoridade transforma-se em poder, a missão, uma propaganda, os serviços se burocratizam, a liturgia vira ritualismo...

Queremos, nesta breve reflexão, destacar esta dimensão essencial que serve como baliza para dar sentido e coesão à nossa vida e missão, enquanto Vida Religiosa Consagrada. Estamos falando da “interioridade evangelizada, conduzida pelo Espírito”.

Mas, primeiramente, é preciso ter presente o “contexto” do mundo no qual vivemos: queremos nos deixar interpelar por ele, fazendo com que ressoem em nós suas perguntas e suas inquietações, suas luzes e suas sombras, suas riquezas e suas mazelas, suas possibilidades e suas contradições. Só assim a VRC, inspirada na pessoa de Jesus Cristo e na causa do Reino, poderá ser presença iluminante e criativa.

Todos nós temos consciência de que a superficialidade, o consumismo e o individualismo são as marcas de nossa sociedade atual. Marcas que nos desfiguram e nos desumanizam. Já o grande teólogo Paul Tillich (1886–1965) afirmava que “a grande tragédia do homem moderno é ter perdido a dimensão de profundidade”. Nas suas obras há um insistente apelo a reencontrar aquilo que ele chamava “a dimensão perdida”.

Este é o contrassenso humano: por uma parte, salta à vista a tendência a instalar-nos na superficialidade (chamemos isso de “zona de conforto” ou simplesmente “comodidade”) e, por outra, a certeza de que somos todos habitados por um anseio que nos chama constantemente para a profundidade (chamemos isso de “nossas raízes”, “nosso ser”, “nossa casa”). Entre esses dois extremos – superficialidade e profundidade – transcorrem nossa vida.

No fundo, a superficialidade, o consumismo e o individualismo são tão somente tímidas compensações que tentam aliviar o vazio de sentido que nos habita; ao mesmo tempo, se apresentam como “cantos de sereia” que nos distraem daquilo que é verdadeiramente importante: viver o que somos.

Talvez, a chamada “dimensão perdida” não seja outra coisa que nossa verdadeira identidade.

Estamos vivendo fora de nós mesmos, daí que nosso mundo interno permanece na obscuridade. Se nos voltarmos para dentro, se nossa atenção começa a dirigir seu foco para o interior, então tudo se ilumina.

De fato, comprovamos hoje uma atrofia ou um “déficit de interioridade”, pois a vida deixa de ser vivida para ser “representada”. Na “civilização do espetáculo”, as pessoas, como os atores que representam em um cenário ou nas telas, vivem para mostrar-se para fora, carecem de sedimento interno. Não há nada mais oculto, e o que é mostrado ao exterior está enfermo de superficialidade.

O ser humano “pós-moderno” perdeu a direção do seu coração; dentro dele há um “condomínio” onde portas se fecham, chaves se perdem, segredos são esquecidos... e mergulha na mais profunda solidão estéril. Ele resiste a “descer” em profundidade; não está disposto a cuidar de sua vida interior.

Vive perdido fora de si mesmo e não consegue colocar as grandes perguntas existenciais: “de onde venho? quem sou? para onde vou? quê devo fazer?”

Muitos já não conseguem mais recolher-se e voltar para “dentro” de si, para recuperar o centro gravitacional de sua vida, o ponto de equilíbrio interior. As instituições (família, educação, religião...) também foram, ao longo do tempo, descuidando das vias de acesso ao interior, permanecendo na superfície...

Este é o contexto social e cultural no qual se constata um modo de vida que não favorece o contato profundo consigo mesmo, com os outros e com o Criador. Seduzido por estímulos ambientais, envolvido por apelos vindos de fora, cativado pela mídia, pelas inovações rápidas, magnetizado por ofertas alucinantes... o ser humano se esvazia, se dilui, perde a interioridade e... se desumaniza. Tudo se torna “líquido”: o amor, as relações, os valores, a ética, as grandes causas...

A coisa mais grave é que, quando o ser humano perde todo contato com sua própria interioridade e mistério, a vida cai na trivialidade (superficialidade) e falta de sentido. Vive, então, de impressões, na superfície das coisas e dos acontecimentos, desenvolvendo apenas a aparência da vida.

E quando o ser humano vive sem interioridade, perde o respeito pela vida, pelas pessoas e pelas coisas. Mas, sobretudo, perde a capacidade de “escutar” o mistério que se encerra no mais profundo da existência.

Ele passa a ser vítima da chamada “síndrome da exteriorização existencial”; tem dificuldades de introspecção, silêncio, reflexão, contemplação...; não aprende a velejar nas águas da interioridade.

Tudo convida ao descompromisso e à mediocridade. A vida pós-moderna apresenta-se cada vez mais como um caminho sem meta, um vagar à deriva, sem horizontes. Esta desarmonia interna é exteriorizada gerando uma desarmonia na relação com os outros, com a natureza e com o Criador.

A maioria das pessoas, marcadas pelo medo de submergir no mar profundo da vida, vivem fugindo de si mesmas, do compromisso, da vida. Vivem e morrem alheias a si mesmas, ignoram sua identidade, seus objetivos, suas necessidades ou para que e por que vivem.

A rotina de cada dia é, para muitos, o mesmo tédio: dormir, comer, trabalhar, consumir, ganhar dinheiro, pagar impostos, intoxicar-se, competir, sofrer, chorar... sem meio minuto para tomar consciência de quem são ou o que buscam. E assim sobrevivem, assim lhes sobrevêm a morte, depois de uma vida “normótica”, fechada no anonimato, sem poder saborear o prazer de estarem vivos.

Eles pensam que viver é imitar ou plagiar; deixam-se fazer; não se atrevem a ser eles mesmos, a viver sua aventura a partir de sua própria interioridade, fonte inesgotável de riquezas e criatividade. Dedicam-se a representar o roteiro que outros escreveram; não se propõem escrever suas próprias vidas e muito menos fazer deles uma verdadeira obra de arte.

Intoxicadas pelo excesso de informações, fragmentadas e incoerentes, as pessoas presenciam passivamente os rios de dados e notícias sem a possibilidade de conhecer as raízes profundas da vida e das coisas. Com isso se afastam do verdadeiro conhecimento e da sabedoria.

Que entendemos quando falamos em “interioridade”?

Diante desta realidade onde os grandes ideais agonizam e reinam onipotentes a violência, a indiferença, a intolerância e a injustiça, precisamos com urgência de uma espiritualidade enraizada na própria existência.

Somos um mistério no meio de mistérios, em um mundo de surpresas e de assombros.

Entendemos a “interioridade” como a arte da pessoa mergulhar dentro dela mesma, na própria intimidade, nas cavernas interiores, para estar a sós e em diálogo com Aquele que lhe dá o sentido mais profundo à existência e a seu projeto de vida.

Cada pessoa é uma fonte inesgotável de prodígios, uma reserva insondável de recursos e possibilidades. O ser humano é o único que pode lavar seu futuro, que pode inventar-se a si mesmo. Como ser histórico, nasce como projeto de existência; a vida lhe é oferecida como a tarefa apaixonante para chegar a ser pessoa. Ele é criador de si mesmo.

Todo ser humano é dotado da capacidade de se transformar interiormente, de modificar sua maneira de pensar e de viver, de viver a harmonia consigo e com a realidade.

Este é o rosto do coração da pessoa que lhe dá identidade, permite-lhe descobrir qual é o sentido de sua vida e qual é sua missão na história.

A Interioridade, mais que defini-la como conceito, é uma vivência. Experimenta-se e enquanto se faz experiência de interioridade, aprende-se a reconhecê-la. Do contrário, quando só se intelectualiza ou só se contenta com sua noção, acaba-se reduzindo-a a uma questão puramente teórica.

É curioso notar que quando queremos explicar que é a interioridade, nossas mãos apontam espontaneamente para o coração, para dentro do corpo, para o que existe em nosso interior corporal. A interioridade é algo que queremos abarcar, que queremos expressar ou indicar onde está, mas, no fundo a explicação funciona ao contrário; é a interioridade que nos contém; nós estamos nela, pois ela nos engloba e nos envolve; estamos nela e somos ela.

Por isso, não somos nós que possuímos a interioridade; é a interioridade que nos possui. Ela não se encontra nas coordenadas espaço e tempo; está mais além delas. A localização no espaço e no tempo, tal

como a entendemos, é uma construção de nossa mente. Precisamos disso para mover-nos aqui; é nosso mapa. Mas não é nosso território. Ou seja, a interioridade não é espaço nem é tempo. Simplesmente, é. É um viver silenciosamente nossa dimensão humana mais profunda, que nos faz sentir uma profunda unidade com tudo e com todos.

A chave da interioridade: para uma vida expansiva

Como dinamismo humanizador, a interioridade é mola mestra que movimenta grandes intuições e sonhos, força que arranca do individualismo, cultiva a solidariedade, corrige rotas de vida, excita a imaginação, realça o poder criativo, desperta inspirações...

A verdadeira nobreza do ser humano consiste nisto: há nele “algo” de interior, decorrente de sua natureza; há nele uma força latente, como uma energia fundamental, que o impulsiona a viver, que o ajuda a crescer e a melhorar continuamente, aumenta a sua capacidade de resistência, estimula-o a alcançar aquilo que é o sentido de sua própria existência: a verdade, a liberdade, o bem, o amor...

Com a presença desta força interior, a pessoa se sente guiada pelo seu dinamismo, que lhe proporciona saúde física, lucidez mental e limpidez afetiva. É esta força que comanda os melhores momentos da vida humana como um princípio ativo, dinâmico, criativo... Tais forças primordiais, vitais, presentes nas diferentes etapas do crescimento, são essenciais ao ser humano, graças às quais ele se orienta diante das solicitações da vida pessoal e das múltiplas escolhas, constrói a sua vida pessoal e chega ao seu amadurecimento; elas assistem e sustentam o ser humano no caminho da maturidade para a plenitude do seu ser.

Cuidar do mundo interior significa criar condições para que este cresça, para que o coração se expanda, para que os olhos se abram, para viver com mais inspiração, para sentir e saborear mais a vida, para ser mais pessoa. Desta interioridade poderá nascer a harmonia, a paz, a bondade, a compaixão, o agradecimento e o compromisso.

Essa interioridade é um modo de ser, uma atitude de base a ser vivida em cada momento e em todas as circunstâncias. Mesmo nas atividades cotidianas mais simples, a pessoa que criou espaço para a interioridade mostra-se centrada, serena e cumulada de paz, caminhando junto com os outros na mesma direção que aponta para a Fonte de vida e de eternidade.

Uma pessoa capaz de interioridade está intensamente presente a tudo o que vive. Para quem acessa ao mais profundo de si mesmo e não tem medo de estar a sós consigo mesmo, toda ocasião se torna uma nova oportunidade para abrir o coração a campos de experiência novos e inexplorados, para procurar fontes mais profundas de energia.

As pessoas mais criativas e inovadoras são aquelas que fizeram a “travessia” para as profundezas do próprio coração. Quem não habita a própria interioridade não é capaz de experimentar a comunhão com os outros e com a Criação.

A interioridade é espaço aberto onde a pessoa tem a liberdade para criar; a interioridade fecunda e concentra o espírito criador. Para pesquisar, inventar, criar arte, suscitar projetos, rezar... é necessário que haja recolhimento da sabedoria e a fertilidade do interior.

A introspecção sadia gera sonhos, inspirações, aspirações, intuição, criatividade e compromissos.

Os que mergulham nas profundidades do oceano interior ficam fascinados pelo esplendor daquilo que contemplam. O coração de cada um está habitado de sonhos de vida, de futuro, de projetos; sente-se seduzido pelo que é verdadeiro, bom e belo; busca ardentemente a pacificação, a unificação interior, a harmonia com tudo e com todos...; sente ressoar o chamado da verdade, o magnetismo do amor, da plenitude; sente-se atraído por um desejo irreprímível de auto-transcendência...

VRC: mulheres e homens de interioridade

O ritmo frenético e estressante do contexto atual, e, sobretudo, o culto à novidade, ao efêmero, ao superficial, bloqueiam a recuperação da dimensão da interioridade em nossa vida diária.

A expressão “viver a vida” não é exaltar uma vitalidade superficial, muitas vezes frívola, senão viver a vida em profundidade. Diante da sociedade que promove um estilo de vida baseado na superficialidade, na aparência e no prestígio, a VRC procura ser claramente contracultural, vivendo uma espiritualidade da profundidade

Em meio às mudanças e às transformações de nosso tempo onde a imposição do imediato, da rapidez, da produtividade e da eficácia se

apresentam como deveres imperiosos, somos chamados, como religiosos/as, seguidores/as de Jesus, “a ser pessoas de interioridade”. E a interioridade é um caminho sempre inacabado

Precisamos re-descobrir uma pedagogia que nos conduza até o mais profundo de nossa intimidade, onde o Espírito alimenta a originalidade de nosso ser único, através de uma fonte que nunca se esgota.

Precisamos, sob a ação da Graça, destravar nosso centro vivo e sempre inédito, de tal maneira que nele brote a novidade que tudo renova e dá sentido a tudo.

Este é o desafio que nos inquieta: é preciso “conhecer-se a fundo”, ou seja, ter a experiência de si mesmo, do próprio íntimo, do centro do ser, da região profunda da qual sem cessar tiramos, como de um poço, a água viva, a energia, as certezas para viver.

O Seguimento de Jesus nos possibilita, em primeiro lugar, uma experiência de acesso à nossa própria interioridade; ou melhor, a identificação com Jesus Cristo “des-vela” nosso “eu profundo”, o lugar onde habitam os aspectos benéficos da nossa personalidade, as boas tendências, as qualidades positivas, os dons naturais, as riquezas do ser, as beatitudes originais, as aspirações de grande fôlego, as ideias-força, os dinamismos da vida... O “tesouro do ser” (certezas, intuições, projetos, valores...) ainda que pareça esquecido, permanece armazenado em sua mensagem essencial, e pode tornar-se a força que orienta toda a nossa vida, a sabedoria da nossa própria vida, um lugar de fecundidade, de criatividade, fonte de renovação... Só uma presença inspiradora pode ativar todos os recursos internos em direção a uma vida sempre mais expansiva. Nesse sentido, é decisivo ter sempre “diante dos olhos” a pessoa de Jesus Cristo, como Aquele que integrou radicalmente os dois dinamismos da interioridade e da presença comprometida.

Jesus revelou uma interioridade ao mesmo tempo misteriosa e aberta, expansiva e plural, integrada e descentrada; interioridade que se deixava conduzir pelo dinamismo do Espírito, fazendo-se presente a todas as situações dramáticas de dor, exclusão, desumanidade e morte. No encontro com as pessoas, com os conflitos, com os momentos de alegria e com os riscos de sua missão, Ele mostrava vigor, ousadia e coragem de ir além.

“O Evangelho é um itinerário para abrir com profundidade a interioridade humana” (Rovira Beloso); nele vemos como Jesus provocava

nas pessoas o retorno ao próprio interior; sua presença instigante mobilizava cada um a entrar no mais profundo de si mesmo e encontrar-se com a fonte que mana e corre.

Diante da “cultura líquida” na qual vivemos, é urgente gerar espaços que facilitem reabrir as vias da interioridade, possibilitar o retorno ao “lar interior” onde é gestada nossa verdadeira identidade e nossas opções mais firmes.

O/a religioso/a consagrado/a sabe-se e sente-se habitado/a por um Maior, que é uma Fonte irradiante de ternura e de amor. Irradia vitalidade e entusiasmo, porque carrega Deus dentro de si, carrega o Sentido do universo, de cada coisa.

Acolhe e interioriza experiencialmente esse Mistério sem nome e permite que Ele ilumine sua vida; dialoga e entra em comunhão com Ele, pois o detecta e o sente em cada detalhe da realidade.

A partir da interioridade, tudo se transfigura, tudo tem sentido, tudo vem carregado de veneração e sacralidade. A profundidade do coração não arrasta a pessoa consagrada para longe dos outros e da Criação, mas torna possível a verdadeira comunhão com tudo e com todos.

Viver a interioridade é desenvolver a própria capacidade de contemplação, de compaixão, de assombro, escuta das mensagens e dos valores presentes no mundo à sua volta; das raízes profundas brotam as respostas mais criativas e duradouras; a interioridade des-velada mobiliza a viver uma relação sadia com todos; o centro se expande em direção aos outros e à criação, tornando possível a compaixão e o compromisso ativo que tocam a realidade em seu núcleo central, para transformá-la, desencadeando um movimento de profundas mudanças.

A interioridade expansiva reforça o respeito mútuo, o cuidado para com todas as expressões de vida, a compreensão reverente da sacralidade do coração humano, a coragem para descer à profunda realidade onde se faz ouvir o sussurrar da voz de Deus que chama a uma nova comunhão, a um grande e universal abraço. Quem tem vida interior nunca está sozinho/a. A solidão habitada carrega presenças, lembranças, afetos, utopias, esperanças...

64 Interioridade criativa: deixar-se conduzir pelo Espírito

Interioridade é um modo de ser e de agir. Para nós, religiosos/as consagrados/as, o grande desafio na vivência a partir da interioridade é facilitar, no meio de nossa cultura acelerada e carregada de imagens, espaços sossegados para perceber o que o Espírito vai inspirando e fazendo em nós. Se não sabemos o que nos acontece em nosso “eu profundo”, dificilmente poderemos ser presença iluminadora junto aos outros.

Toda espiritualidade tem um componente de expansão, que alarga o ser, que o dinamiza e eleva, ao mesmo tempo que é experiência radical do humano. A partir do “interior” a espiritualidade ilumina e dá sentido a toda ação humana; ao abarcar toda a vida, alcança também a ação transformadora no mundo.

Espiritualidade é a força vital lançada neste mundo, provém do Espírito Santo de Deus que nutre e aquece o espírito e a vida humana. E o que é o “espírito”?

É próprio do ser humano mergulhar e experimentar sua profundidade. Auscultando a si mesmo, percebe que brotam de seu “eu profundo” apelos de compaixão, de amorização e de identificação com os outros e com o grande Outro (Deus). Dá-se conta de uma Presença que sempre o acompanha, de um Centro ao redor do qual se organiza a vida interior e a partir do qual se elaboram os grandes sonhos e as significações últimas da vida.

Nesse sentido, espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida; é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida, contra todos os mecanismos de morte.

O Espírito é Aquele cuja presença e ação nos ajudar a descobrir novamente o “caminho da profundidade”.

É Ele que desperta em nós o desejo de lutar por algo mais nobre e melhor do que o trivial de cada dia; é Ele que nos dá a audácia necessária para iniciar em nós um percurso interior e expandir a vida.

Quando nos deixamos conduzir pelo Espírito, Ele faz brotar uma alegria diferente em nosso coração; pode vivificar nossa vida envelhecida; pode acender em nós o amor, inclusive para com aqueles com quem temos maior resistência.

O Espírito procura entrar em nosso interior para fecundar, recolocar em ordem, restaurar, unificar...

Viver humanamente, portanto, consistirá em deixar o Espírito circular livremente em todos os cômodos de nossa morada, arejando-os, ventilando-os, religando-os, dando-lhes vida, reorientando-os. A missão do Espírito é ajudar-nos a fazer a travessia, o mergulho interior, tanto nas sombras como nos pontos de luz, até ao centro de nós mesmos. Essa vivência do Espírito que nos habita e nos move nos faz transbordar em nossa mesma intimidade. Trata-se, dessa maneira, de experimentar a salvação em todas as dimensões de nosso ser, de recompor-nos, reajustando-nos ao movimento fundamental da vida.

Mais ainda, o Espírito habita nosso ser profundo, sustenta nossas energias sadias, aumenta nossas forças, compromete-nos a nos desenvolver de forma autônoma. Ele age como um “princípio dinâmico” e como um “energético ativo”, que mobiliza nossos recursos mais nobres, respeitando o processo do nosso desenvolvimento em todas as dimensões: física, psicológica, espiritual... É preciso viver a partir do Espírito, transformando e vitalizando nossos gestos, nossos pensamentos, trabalhos, encontros...

Estratégia de acesso à interioridade

Há muitos itinerários que podem ajudar a percorrer e expandir o mundo interior. Na VRC privilegiamos os momentos de oração e o “exame do consciente”, como oportunidades especiais para despertar a atenção aos movimentos profundos, suscitados pela presença e agir do Senhor. A interioridade é o lugar do encontro com Deus; também é o lugar onde ressoa o encontro com Deus presente no mundo.

A oração é o caminho interior que nos faz chegar até o nosso próprio “eu original”, aquele lugar santo, intocável, onde reside não só o lado mais positivo de nós mesmos, mas o próprio Deus. Este é o nível da graça, da gratuidade, da abundância, onde mergulhamos no silêncio, à escuta de todo o nosso ser.

Assim, a descoberta do próprio ser profundo nos aproxima do autor da vida: Deus.

É no coração, “última solidão do ser”, que o Criador marca encontro com seus filhos e filhas. “Deus é mais íntimo a cada um de nós do que nós mesmos” (S. Agostinho).

Na oração, mergulhamos em Deus e libertamos em nós profundidades que desconhecemos.

Ele é a verdadeira fonte que sustenta nosso ser e nosso viver. Nesse sentido, a oração facilita perceber as ressonâncias interiores do dia a dia, para vivê-las a partir do mais profundo de nós mesmos, pois o santuário da presença de Deus está nesse espaço de intimidade entre a criatura e o Criador.

Quando a nossa oração se revela um autêntico face a face com Deus, ela faz emergir da nossa consciência as profundidades desconhecidas do nosso ser, destrava nossa vida e libera em nós as melhores possibilidades, recursos inéditos, capacidades, intuições...; ao mesmo tempo nos faz descobrir em nós nossa verdade mais verdadeira de pessoas amadas, únicas, sagradas, responsáveis...

Tal experiência expande nossa vida, nos faz mais sensíveis e capazes de escutar os acontecimentos, alimentar uma atenção contemplativa frente à realidade que nos cerca, respondendo a seus apelos e tomando decisões maduras e evangélicas.

A originalidade da oração encontra-se, portanto, na aventura da re-descoberta do “mundo interior”, ou seja, no “des-velamento” de nosso “ser profundo”, esse mundo desconhecido e surpreendente, onde acontece o mais importante e decisivo em cada um de nós; ela revela que todos nós possuímos uma profundidade que é nosso mistério íntimo e pessoal.

O manancial de nosso ser essencial constitui nossa autêntica vida. Descobri-lo, abrir-nos a ele, fazer-nos transparentes a ele e vivê-lo cada dia, constituem a plenitude de nossa realização.

Precisamos viver mais nas raízes de nosso ser; precisamos aprender a viver de uma maneira mais profunda e autêntica, a partir do núcleo mais íntimo de nosso ser, a partir de nosso ser essencial.

E viver a partir de nosso ser essencial é nossa autêntica realização e plenitude. É chegar a integrar e harmonizar todos os níveis de nossa pessoa: corpo, mente, afetividade, coração... com a fonte de nossa vida. Trata-se de descer em profundidade, de achar o nosso centro, aquele ponto de gravidade por onde passa o eixo do nosso equilíbrio pessoal.

É esta força vital autoterapêutica, presente em todos, que pode ser liberada pela oração, pela submersão nas profundezas do próprio coração; ali “sentimos” Deus em tudo e tudo em Deus, pois todas as nossas dimensões e capacidades se unem e se transformam no “coração”.

“Orar com o coração” significa voltar os olhos mais para a interioridade, para poder reconstruir e reunificar as “forças” dispersas em nosso ser.

A “descida” até o mais profundo de nós mesmos requer que deixemos para trás o contexto de competição, de rivalidade e vazio, de fechamento e rigidez, de superficialidade e isolamento... Aquele que mantém o contato com o seu “eu” mais secreto vive não o isolamento, mas a solidão que é capaz de criar um espaço precioso, onde se pode ouvir a voz que levanta perguntas, que fala das próprias necessidades íntimas, da própria vocação.

Sabemos que Deus nos fala não só através da Bíblia, da Igreja, dos acontecimentos, da Criação... mas também através de nós mesmos, daquilo que nós pensamos e sentimos, através de nosso corpo, de nossos sonhos, e, sobretudo, através dos “movimentos expansivos” que bortam de nossa interioridade.

A vivência cristã da oração nos ensina o caminho através do qual descemos a uma dimensão mais profunda e assim chegamos à corrente subterrânea; aqui experimentamos a unidade de nosso ser; aqui é o lugar da transcendência, onde nossa transformação realmente acontece.

O “subir” até Deus passa pelo “descer” até às profundezas da própria realidade pessoal.

Por isso, “viver em profundidade” significa “entrar” no âmago da própria vida, “descer” até as raízes da própria existência e chegar à corrente subterrânea de água viva, de desejos... Aí se pode encontrar o sentido de tudo “aquilo que se é, o porquê do que se faz, se espera, busca e deseja”.

É preciso “descer” até o fundo para descobrirmos uma nova fonte para a nossa vida; é “descendo” que poderemos revitalizar a vida que se tornara vazia e ressequida.

Quem “desce” até sua própria realidade, até os abismos do inconsciente, até a escuridão de suas sombras, até a impotência de seus próprios sonhos, quem mergulha em sua condição humana e terrena e se reconcilia com ela, este sim, está subindo para Deus, faz a experiência do encontro com o Deus verdadeiro.

É preciso, portanto, despertar e ativar um fogo novo em nosso interior; há algo importante, essencial na Vida Religiosa Consagrada que ainda está adormecido; há uma dimensão existencial profunda onde é cada vez mais difícil a inteligência e a vontade terem acesso.

Despertar é simplesmente abrir nossos olhos, cada dia, à luz que provém de Deus e confiar que tal luz transforme nossa maneira de ver; é preciso deixar que esta luz ilumine nossas sombras interiores, desvelando e trazendo à tona nossas aspirações e esperanças mais duradouras. Abrir os olhos à luz de Deus e escutar atônitos, fascinados, a voz divina que cada dia ressoa em nosso interior. Trata-se de estar despertos para assumir a vida com uma consciência lúcida. O amor, a inspiração, a vida, nos movem por dentro. Tudo o que esperamos já temos dentro de nós. Um dinamismo misterioso nos abre e nos atrai, nos impulsiona a ser, a viver. Basta “destravar” este impulso e nos deixarmos levar.

Cada dia é tempo que nos convida a abrir os corações, escutar o Espírito e pôr-se a caminho, enquanto “a luz da vida” nos ilumina. Essa é a maneira original e inspiradora da VRC se fazer presente e atuante em meio a um mundo sempre mais fechado, indiferente e frio.

Questões para refletir

- 1) Interioridade, uma dimensão a ser potenciada na Vida Religiosa Consagrada, para que se torne um modo de viver, centrado na pessoa de Jesus Cristo e inspirado pelo seu Espírito. Que meios sua comunidade apresenta para ativar e cultivar esta dimensão, que às vezes parece tão escondida?
- 2) Da interioridade para o compromisso: você sente que sua missão apostólica é expressão e prolongamento de uma interioridade integrada? Sua vida cotidiana, rotina estressante ou ação discernida?
- 3) Sabemos da importância da oração e do “exame do consciente” como mediações para uma “leitura orante” dos movimentos interiores, ativados pela presença do Espírito. Sua oração e seu exame diário são marcados pela rotina, formalismo? Cumprimento de uma obrigação? Ou da profunda sintonia com a ação de Deus, no próprio interior e na vivência da missão?

UM CONVITE A OUVIR A VOZ DE SANTA TERESA DE JESUS: A ORAÇÃO DESENVOLVE AS RELAÇÕES E ESTÁ UNIDA À AÇÃO APOSTÓLICA

LÚCIA PEDROSA-PÁDUA¹

Introdução

O papa Francisco vem demonstrando preocupação com duas tendências culturais que crescem em nosso tempo: o neo-pelagianismo e o neo-gnosticismo. Esta preocupação está explicitada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*²; recentemente, foi objeto prioritário da Carta *Placuit Deo*, sobre alguns aspectos da salvação.³

1 Lúcia Pedrosa-Pádua é doutora em teologia sistemática pela PUC-Rio, onde é pesquisadora e professora em tempo contínuo. Atua nas áreas de Antropologia Teológica, Espiritualidade e Mariologia. Graduada em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, MG) e em Economia pela UFMG. Coordena o Ataendi, Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil, dedicado à formação de cristãos leigos e leigos e trabalha na ação pastoral junto a comunidades. Coordena o Ataendi, Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil, dedicado à formação de cristãos leigos e leigos e trabalha na ação pastoral junto a comunidades. É teresianista. Em 2015 recebeu o 1º Lugar do “Premio Internacional Teresa de Jesus y el diálogo interreligioso”, outorgado pelo CITEs–Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista, de Ávila, Espanha.

E-mail: lpedrosa@puc-rio.br; (Rua Jardim Botânico, 616, 504-A - 22461-000 - Rio de Janeiro, RJ)

2 Cf. Papa Francisco. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013, n.ºs 93-97.

3 Congregação para a Doutrina da Fé. Carta *Placuit Deo*. Sobre alguns aspectos da salvação cristã, 2018. In: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html. Acesso em 20/03/18.

No neo-pelagianismo, “o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo, sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros”.⁴ A salvação é confiada tanto às “forças do indivíduo” quanto às “estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus”⁵. Dentre estas estruturas podem se encontrar desde um “cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja” a um “funcionalismo empresarial” nas comunidades. Os exemplos são muitos.⁶

Por sua vez, o neo-gnosticismo advoga que a salvação é “meramente interior, fechada no subjetivismo”⁷. Ela consiste no “elevar-se com o intelecto para além da carne de Jesus, rumo aos mistérios da divindade desconhecida”⁸.

Ambas as tendências podem se alojar em nossas comunidades cristãs, inclusive na Vida Religiosa Consagrada (VRC) e, no sentir de Francisco, fazer grande estrago.⁹

Quais os problemas teológico-espirituais destas duas tendências? A Carta *Placuit Deo* é clara em apontá-los.

O neo-pelagianismo, em sua salvação pelas próprias forças ou pelas estruturas, reforça o individualismo. Nesta postura, não se aceita Jesus Cristo e a novidade do seu Espírito que cria novas relações com Deus, com os outros, com a criação.¹⁰ Por sua vez, o neo-gnosticismo, com sua salvação individual e mental, limitada à interioridade, não aceita a “Encarnação de Jesus, a sua vida, morte e ressurreição no seu verdadeiro corpo”¹¹. Ele se esquece da ternura da “carne de Jesus”.

Neste pano de fundo, brilha uma vez mais a fina doutrina sobre a oração de Santa Teresa de Jesus, mística e carmelita espanhola do século XVI, Doutora da Igreja. Veremos, neste artigo, que a oração teresiana é uma caminho relacional, caracterizado pela amizade e pelo amor, que insere o orante numa nova ordem de relações: com Deus, com os outros e com o mundo criado. Ao mesmo tempo, ela nos coloca diante do mistério da Encarnação e suas consequências éticas.

4 *Placuit Deo*, nº 3.

5 *Placuit Deo*, nº 3.

6 Citações de *Evangelii Gaudium*, nº 95. Vale a pena ler, na íntegra, os ns 93-97.

7 *Placuit Deo*, nº 3.

8 *Placuit Deo*, nº 3.

9 Cf. *Evangelii Gaudium*, nº 93.

10 Cf. *Placuit Deo*, nº 4.

11 *Placuit Deo*, nº 4.

A vida e a obra de Santa Teresa de Jesus, no que diz respeito à oração, podem ajudar as comunidades de hoje a viverem uma espiritualidade que supere o individualismo, característica do neo-pelagianismo, e a redução à interioridade, característica do neo-gnosticismo. Assim sendo, são um verdadeiro antídoto contra essas tendências culturais. No entanto, a importância de Santa Teresa não está apenas em combater tendências; está em apontar, positivamente, caminhos de humanização, liberdade e transformação.

Nosso itinerário é simples, em cinco pontos: veremos a dimensão antropológica da oração teresiana, passaremos pelas características principais da oração como amizade e relação de amor, entraremos na fina relação com Cristo que a pedagogia de Santa Teresa nos propõe, buscaremos compreender os abismos da entrega mística em sua mistagogia e finalizaremos com o ápice da experiência teresiana: a de unir-se ao destino de Cristo no matrimônio espiritual. As palavras do matrimônio espiritual são de envio, em missão apostólica. Por isso, podemos afirmar que o místico é um apóstolo, um discípulo-missionário.

Iniciemos este pequeno itinerário da oração teresiana, para vermos como ela desenvolve as relações e está unida, inseparavelmente, à ação apostólica.

1. Dimensão antropológica da oração: ela nos faz ver que nós somos um feixe de relações

Por força da sua experiência, Teresa de Jesus adquire consciência da necessidade da oração como relação com Deus. A oração manifesta a interioridade como um espaço dinâmico, habitado por Deus. E a interioridade, por sua vez, é também ela uma habitante de si mesma, com suas capacidades, pensamentos, memórias, sentimentos e vontade.¹² Nesta experiência, Teresa descobre uma verdade humana: estamos sempre diante de Deus, num movimento ora de aproximação, ora de afastamento ou reaproximação da realidade divina. De tal forma que, para ela, “andar em verdade” é a “humildade”, pois estamos sempre

12 Esta é a dinâmica central da obra *Castelo Interior ou Moradas*. As citações deste artigo seguirão a tradução brasileira dos livros de Santa Teresa: TERESA DE JESUS. *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995. Citaremos mencionando apenas o título da obra teresiana – *Livro da Vida*, *Caminho de Perfeição*, *Castelo Interior ou Moradas*, *Fundações*, *Relações*, *Cartas* – seguido dos números do capítulo e do(s) parágrafo(s). No caso de *Moradas*, o número que antecede o título indica a morada correspondente

em relação.¹³ A autossuficiência orgulhosa é, por sua vez, uma ilusão, um engano, uma cegueira diante da verdade humana. A única postura honesta diante de si mesmo e de Deus é reconhecer esta realidade divina luminosa que nos chama por dentro, nos desafia e atrai e renova o nosso ser. A pessoa, quando tensionada por outras realidades em sua dimensão profunda, acaba servindo a ídolos que, em relação à interioridade, alienam a pessoa do melhor que cada pessoa traz em si e do melhor a que é chamada.

Somos o que chegamos a ser através da relação, e a oração nos leva a estar conscientes deste processo. Por isso, pela oração, a vida ganha consistência, sentido e abertura ao conjunto das relações fundamentais com Deus, com os demais, com a natureza e consigo mesmo.

Teresa se dedicará, em suas obras, a testemunhar a importância desta relação consciente com Deus, na oração. Não se cansará em motivar e animar os leitores à experiência orante – essa foi o núcleo vertebrador de sua própria aventura pessoal.

Originalidade de Santa Teresa: a oração como relação com Cristo pela amizade e pelo amor

A contribuição original ao magistério sobre a vida cristã, realizada por Santa Teresa, é a afirmação e desenvolvimento da oração como *amizade*, como *relação* de amor, em resposta Àquele que nos amou primeiro. Deus é, fundamentalmente, amigo. Como bem sabido, um pequeno texto do *Livro da Vida* condensa esta noção de oração: “...é tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama”.¹⁴

A oração-amizade não é uma técnica, mas uma forma de viver em permanente *relação* com Deus, mediante Jesus Cristo, fonte de vida e amor, no Espírito. Há outras referências a Cristo, sempre relacionais: Ele é o jardineiro, o habitante de nosso castelo, aquele que deseja se comunicar, o “esposo que não tira os olhos da esposa”¹⁵. Portanto, a relação com Deus se realiza no âmbito do desenvolvimento da relação-amizade com Cristo.

Teresa descobre que Deus pode ser encontrado e que se comunica. Ele é uma Presença amorosa em nós. E esta presença muda a autoper-

¹³ 6 *Moradas* 10,7..

¹⁴ *Livro da Vida* 8,5.

¹⁵ *Caminho de Perfeição* 26,3.

cepção de nós mesmos e a nossa consciência da realidade. Passamos a perceber-nos *em relação a Deus, que é amor*. Um amor que sabemos que nos ama e que espera um olhar.¹⁶ Fora desta relação não há verdade, há mentira e engano. Mas, no interior da amizade-relação com Deus, tem início um autoconhecimento verdadeiro, fonte de dinamismo, de reconhecimento da própria dignidade e da própria finitude. Aqui se gesta um movimento de expansão da liberdade interior e da capacidade de amar, pois é relação com Deus que é amor e liberdade.

Ainda assim, temos medo do amor de Deus... Será que tememos a liberdade? Teresa não terá este medo, ao contrário, aprenderá a liberdade, com seus riscos e sua grandeza.

Diante da riqueza desta experiência de amizade-relação, Teresa dirá, no livro do *Castelo Interior*, que “é uma lástima não saber quem somos”¹⁷. Sem este voltar-se para Deus-amor acontece um fechamento em si mesmo, e não um autoconhecimento relacional. O fechamento cria ídolos e vive por eles, conduz a uma exteriorização incapaz de levar à autorrealização¹⁸.

Dimensão pedagógica da oração: unir os sentimentos aos de Cristo, Humanidade Sagrada

A pedagogia teresiana da oração é pautada na experiência da própria Santa. Há uma coerência entre o que Teresa ensina e o seu caminho pessoal, Teresa fala por experiência. Sua pedagogia é fundamentalmente um desenvolvimento da relação de amizade e amor com Cristo, “sagrada Humanidade”. Nesta pedagogia, o “amar muito” tem prioridade sobre o “pensar muito”.¹⁹

Neste “amar muito”, acontece um movimento de atração e entrada na história e na pessoa de Cristo. Há um olhar para Jesus, enamorar-se dele, considerá-lo em sua humanidade, contemplá-lo nos Evangelhos, falar com ele, interiorizar a oração que ele ensinou, trazê-lo ao lado e dentro de si, caminhar com ele, não se separar do Mestre... estes são algumas das inúmeras indicações sobre a oração, presentes em suas obras.

16 Cf. *Livro da Vida* 8,5 e *Caminho de Perfeição* 26,3.

17 *1Moradas* 1,2.

18 Cf. Pedrosa-Pádua, Lúcia. “Que lástima é não saber quem somos’: mística e antropologia no *Castelo Interior ou Moradas* de Santa Teresa de Ávila”. *Atualidade Teológica* 22 (2006) p. 9-34.

19 *4 Moradas* 1,7.

Por outro lado, Teresa se reencontra consigo mesma na história de Cristo. Aprende a exprimir os próprios desejos e necessidades, a confrontar a vida cotidiana com a vida de Cristo, a viver o amor em sua forma apaixonada de ser. Mas, observa, não menos apaixonada o próprio Mestre em sua paixão por ela, por nós, por todos. Esta relação de amor gera uma transformação libertadora, num processo direcionado a um amar concreto, proposto por Jesus nos Evangelhos, o Reino de Deus. A amizade com Cristo é profundamente purificadora, reconciliadora e amorosa. Provoca potencialização das capacidades de amar e receber amor. E amor mais de determinação e obras do que de emoções e palavras.

Aprender a estar com o Amigo

A pedagogia da oração-amizade exige a prática do *recolhimento* – é necessário entrar no próprio “castelo interior”. Trata-se de uma interiorização que potencializa a capacidade de a pessoa se colocar conscientemente diante de Deus. É necessário ter o costume da prática do recolhimento: “acostumai-vos, acostumai-vos”, Teresa nos anima.²⁰ Há uma educação progressiva do olhar, do escutar e do falar interiormente com Cristo. Na prática do recolhimento, expande-se a capacidade de empatia com os sentimentos de Cristo e, simultaneamente, a capacidade de auto-expressão.

Ao mesmo tempo, há a necessidade de cultivo de algumas atitudes, de maneira especialíssima a *humildade*, o *desapego* e o *amor*. Elas são a base deste caminho da oração e, sem elas, a oração não encontra terreno sólido.²¹ A humildade recebe de Teresa uma ênfase especial, pois é a atitude que abarca e possibilita as demais. Sem humildade, a oração é como um jogo de xadrez já perdido, porque falta a peça mais capacitada a dar xeque-mate ao rei-Deus: a rainha-humildade.²²

A prática da oração, inseparável de nova atitude de vida, *dispõe* a pessoa a orações mais profundas, em que Deus faz sentir sua presença. Teresa chega a afirmar que quem vai pelo caminho do recolhimento “vai por excelente caminho e chegará a beber a água da fonte”.²³

20 *Caminho de Perfeição* 26,2.

21 Cf. *Caminho de Perfeição* cap. 4 a 10 e 26 a 29.

22 Cf. *Caminho de Perfeição* cap. 16,1-4.

23 *Caminho de Perfeição* 28,5.

O esposo não tira os olhos da esposa

O esposo não tira os olhos da esposa, observa Teresa. Não se trata do olhar inibidor e vigiador que muitos atribuem a Deus. Para muitos, o adágio “Deus está olhando você” significa jugo, sujeição, punição, medo. Frases assim ocupam portas de banheiros mas, especialmente, e infelizmente, a mente de educadores na fé e formadores que desejam se utilizar de Deus para gerar crianças e mesmo religiosos dóceis e submissos. Mas, este Deus está longe do Deus do amor e da liberdade, de que fala Teresa.

“Vede que o vosso Esposo nunca tira, filhas, os olhos de vós; o Senhor tem suportado as mil coisas feias e abominações que temos praticado contra Ele; nada disso bastou para que deixasse de vos olhar”²⁴. O sentido deste olhar é o do livro bíblico *Cântico dos Cânticos*: “Deixe-me ver a sua face, deixe-me ouvir a sua voz, pois a sua face é tão formosa e tão doce a sua voz” (Ct 2,14).

O Esposo é o que se sujeita à esposa, e ela é a que impõe a sua vontade.²⁵ E o amor que ele demonstra seduz, cada vez mais, o amor da esposa. A esposa aprende a ser olhada e a olhar com profundidade o Amado e, nele, aprende a olhar as pessoas, a comunidade, o mundo, com um outro olhar. Aprofunda-se a purificação do amor egoísta, aprofunda-se o processo de humanização e a capacidade do amor solidário.

Dimensão mistagógica da oração: Deus é sempre mais, é preciso a entrega e a confiança radicais

Além de pedagoga da oração, Teresa é também *mistagoga*. Ao narrar sua história de oração, ela introduz o/a leitor/a em sua própria experiência de Deus. Sua estética literária se une à persuasão de suas palavras, à coerência do processo, às muitas orações inseridas no texto. Tudo isso leva o/a leitor/a a reconhecer, na experiência teresiana, algo profundamente verdadeiro também dentro de si mesmo. Algo cuja beleza e verdade dilatam o seu espírito e fazem desejar ir além. No amor de Teresa, o leitor experimenta, também ele, o amor de Deus e o desejo de amar. Suspira: quisera experimentar, como Teresa, este grande amor!

24 *Caminho de Perfeição* 26,3.

25 Cf. *Caminho de Perfeição* 26,4.

É como mistagoga que Teresa de Jesus nos narra sua experiência trinitária. No *Livro da Vida*, escreve como lhe acontecia que, estando em oração, colocando-se mentalmente ao lado de Cristo, outras vezes lendo, vinha-lhe um “sentimento da presença de Deus”. Mas um sentimento tal que “de nenhuma maneira ela podia duvidar” de que ele estava nela ou ela “toda engolfada nele”. Foi o início de tudo. Aqui Teresa entra na “mística teologia”, ou no falar sobre Deus por experiência.²⁶

A experiência da presença de Deus foi tão importante que será repetida em *Caminho de Perfeição* e em *Moradas*. Para ela, o Deus vivo e comunicante se faz perceber e sentir na alma, “como a água que empapa uma esponja”²⁷.

Pouco a pouco esta presença de Deus vai se revelando como presença trinitária. Dois anos antes de escrever *Moradas*, Teresa testemunha: “não se pode duvidar de que a Trindade está em nossa alma por presença e por potência e por essência”²⁸. Presença que permanece até o fim da sua vida, quando menciona “...essa presença, tão fora de dúvidas, das três Pessoas, em que claramente se experimenta o que diz São João – ‘que faria a sua morada na alma’”²⁹.

Que leitor ficaria insensível ao ler e entrar na experiência teresiana em sua história de amor com o amigo e amante, Cristo? Ou com o escandaloso Pai que assume um filho que assumiu a nossa humanidade e está, em suas palavras “vestido de terra”³⁰? Ou com o silencioso e abrasador Espírito? O leitor é, sim, arrastado para dentro da história de amor narrada por Teresa, intuindo em si mesmo um desejo de amor e possibilidades que, antes da leitura, não havia percebido, pois estava distraído ou ocupado com outras coisas.

Na experiência mística teresiana, Deus é percebido como um amor que se comunica através das “pessoas divinas”. Mas isto quando a pessoa se abre a este amor na oração, quando se entrega. Quando não se perde num individualismo fechado, nem na exteriorização de um consumismo desenfreado. Quando não busca o reconhecimento a todo custo. Quando abre brechas para Deus, mesmo que seja por um

26 Todas as expressões entre aspas encontram-se em *Livro da Vida* 10,1.

27 *Relações* 45. Ver também *Livro da Vida* 18, 15; 5*Moradas* 1, 10; *Relações* 18; 6, 9.

28 *Relações* 54. A Santa aqui faz alusão aos efeitos de uma visão da Trindade (cf. *Relações* 47). Para um aprofundamento sobre esta presença “por presença e por potência e por essência” cf. Pedrosa-Pádua, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus. Mística e Humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 144-155.

29 *Relações* 6, 9, de 1581, ano anterior à sua morte.

30 *Caminho de Perfeição* 27,3.

olhar. Aí, narra Teresa, acontece um dinamismo sensível, prazeroso, com insuspeitadas transformações em seu interior. Vai se fazendo e moldando, no orante, uma nova forma de ser, especialmente no nível ético.

Enfim, Teresa não deixa margem à dúvida: mais importante que a experiência de oração é a experiência de amor. Aliás, a experiência da união verdadeira é experiência concreta do “amor de Deus e do próximo”³¹, finalidade de toda oração. É o amor concreto, em última instância, a verdadeira união com Deus.

A oração-relação se une à comunhão de destino com Cristo

O que Cristo dá ao orante, à sua esposa? Dá o que teve: a cruz. Oferece uma vida de seguidor daquele que anunciou, com o seu próprio ser, o Reino de Deus. As palavras do matrimônio espiritual – experiência de íntima e inseparável união com Deus – mostram bem o envio ao serviço apostólico.

Ouçamos as palavras do matrimônio espiritual, ápice da mística teresiana: “...lhe disse [à esposa] que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos, enquanto Ele cuidaria dos interesses dela”.³²

Observemos como são palavras de envio em missão apostólica. Por isso, podemos afirmar que a oração-relação está diretamente unida à missão. Mística relacional e mística apostólica se exigem e não se separam. O desenvolvimento da relação com Deus é, na mesma intensidade, desenvolvimento do discípulo-missionário.

A contundência de Teresa na relação entre oração e serviço é clara. A verdadeira união com Deus é o amor a Deus e ao próximo, afirma Teresa nas quintas moradas.³³ Tanto o itinerário da experiência ordinária do seguimento de Cristo, quanto o itinerário da experiência mística da união com Cristo, no matrimônio espiritual, desembocam no imperativo do serviço e das obras: Pois isto é oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras.³⁴ Desejo, irmãs minhas, que procuremos alcançar exatamente

31 5 *Moradas* 3,7.

32 7 *Moradas* 2,1. Em *Relações* 35, relata a mesma graça, com estas palavras: “o Senhor me foi representado numa visão imaginária... bem no meu íntimo; dando-me Sua mão direita, disse-me: ‘Olha este prego, que é sinal de que será Minha esposa de hoje em diante... minha honra é tua, e a tua, Minha’”.

33 Cf. 5 *Moradas* 3,7.

34 7 *Moradas* 4,6. Itálico nosso.

esse alvo. Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos deleitar, mas para ter essas forças para servir.³⁵ Marta e Maria devem andar sempre juntas.³⁶

Teresa percebe claramente que não há palavra do Pai mais perfeita que o Filho e, nele, o imperativo único é amar e servir. A cruz é o selo de Deus, seu distintivo marcado a ferro, como o são os escravos, de maneira irrevogável: “... o Seu selo, o da cruz”³⁷.

Se é Deus, perguntara Santa Teresa na poesia de Natal, “como é vendido e morre crucificado?”³⁸ Mas ela sabe o porquê, olhando para o amor de Cristo. Da mesma forma, o amor crucificado, servidor, é o único distintivo da esposa de Cristo. Ela se faz partícipe da vida divina tornando-se também escrava: Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o Seu selo, o da cruz. Assim nos poderá vender como escravos de todo mundo, como Ele próprio foi.³⁹

Conclusões

A riqueza da experiência teresiana nos permite algumas afirmações conclusivas.

1. A oração é uma relação humanizadora – quebra a consciência isolada, a falsa ideia de sermos existências separadas de Deus, do mundo e dos irmãos. Ao contrário, na oração a pessoa se entende como um feixe de relações, a começar pela mais fundamental, com Deus. A pessoa está sempre diante de Deus, chamada a uma relação que se desenvolve no tempo e potencializa a capacidade relacional com os demais e com o mundo criado.

2. A relação do orante com Deus como relação de amizade e amor com Deus, em Jesus Cristo, é dos núcleos mais originais da experiência de Santa Teresa. Esta relação constitui a verdade da pessoa diante de si mesma, não há espaço para um isolamento ilusório. Esta relação é fonte de crescimento na capacidade de amor, de aprofundamento da liberdade interior, de purificação ética e de consciência de responsabilidade no mundo.

3. A relação de amizade com Deus, em Cristo, passa pelo cultivo de habilidades relacionais, comunicacionais e empatia com os sentimentos

35 7 *Moradas* 4, 12. Itálico nosso.

36 7 *Moradas* 4, 12.

37 7 *Moradas* 4, 8.

38 *Poesia* 12, Ao nascimento de Jesus.

39 7 *Moradas* 4, 8.

de Cristo. A Encarnação – Humanidade Sagrada – é um dos núcleos mais importantes da experiência teresiana. A relação com a Humanidade de Cristo é uma narrativa, uma história, um aprendizado de amor: inicia por aprender a olhar e passa pelo falar e interagir com o Cristo vivo dos Evangelhos. Assim sendo, há uma leitura da própria vida na vida de Jesus e, assim, crescimento em humanidade e capacidade de solidariedade.

4. A oração como relação implica confiança, entrega e seguimento de Cristo. Não há caminhos já traçados, a oração está sujeita a aventuras insuspeitáveis, como pede o mistério de Cristo e o mistério do próprio humano. O discernimento dos caminhos se dá no movimento de entrega.

5. A experiência de oração é, ao mesmo tempo e de forma inseparável, experiência de serviço. Ela é apostólica e audaz, pois se trata da experiência de Cristo mestre e servidor, entregue pela humanidade. Dimensão reafirmada pelo papa Francisco, que nos convida a uma Igreja “em saída”, em estado permanente de missão.

6. O individualismo, autossuficiência, confiança nas próprias forças e estruturas para se salvar, próprios do neo-pelagianismo, não encontram lugar na experiência teresiana. Ao contrário, ela apresenta um caminho relacional, de confiança e entrega, que nos insere na ordem de novas relações com Deus, com os demais e com o mundo criado, com humildade e alegria.

7. A redução da salvação à interioridade, própria do neo-gnosticismo, igualmente não encontra lugar na experiência e doutrina teresianas. Pois a interioridade, na experiência da Doutora da Igreja, é espaço de dinamismo relacional marcado pela Humanidade de Cristo. Na relação com Deus, em Cristo, há carne e cruz, há solidariedade, entrega a um serviço concreto aos irmãos.

Enfim, o itinerário de oração e ação apostólica interligadas, vivido e narrado por Santa Teresa de Jesus, brilha ainda com força, como sinal luminoso da mística cristã. Ele diz que o caminho de humanização passa pela renovação e amadurecimento das relações humanas, e pela tradução, em amor-serviço, do amor de Deus que por nós se fez homem. Ao dar valor às nossas simples vidas humanas, Deus abriu caminho novo de relação com os irmãos, num mundo cada vez menor, que pede que abandonemos toda atitude de autorreferencialidade, que não nos alienemos da condição de humanidade e que nos joguemos, de maneira mais responsável, na tessitura das relações e do serviço. Nestes desafios, Teresa, com sua experiência e doutrina, nos inspira.

Para reflexão pessoal ou em comunidade

1. Que sinais do neo-pelagianismo e neo-gnosticismo encontramos em nós, em nossas comunidades e em nossos contextos? A espiritualidade teresiana oferece alguma pista rumo à superação destes obstáculos ao seguimento de Jesus?
2. Nossa oração traz a qualidade de relação de amizade com Cristo? Ela promove a renovação das relações com Deus, com os demais e com o mundo criado? Há alguma orientação de Santa Teresa, na oração, que lhe chamou atenção e possa ser desenvolvida?
3. A relação entre oração e missão pode ser melhor articulada na sua experiência pessoal e comunitária? Traz as marcas da entrega de Cristo à humanidade, por sua encarnação?

Referências

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta Placuit Deo. Sobre alguns aspectos da salvação cristã, 2018. In: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html. Acesso em 20/03/18. PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Brasília: CNBB, 2013.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus*. Mística e Humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. “Que lástima é não saber quem somos’: mística e antropologia no *Castelo Interior ou Moradas* de Santa Teresa de Ávila”. *Atualidade Teológica* 22 (2006) p. 9-34.

TERESA DE JESUS. Livro da Vida. In: *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p. 19-291.

_____. Caminho de Perfeição. In: *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p. 293-429.

_____. Castelo Interior ou Moradas. In: *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p. 431-588.

_____. Relações. In: *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p. 773-839.

_____. Poesias. In: *Obras Completas* (coord. Frei Patricio Sciadini; trad. do texto estabelecido por Tomás Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, 953-1029.

O SOPRO DO ESPÍRITO EM MEDELLÍN

A ECUMENICIDADE NA CONFERÊNCIA E NOS DOCUMENTOS DE MEDELLÍN

MARCELO BARROS¹

A graça de um jubileu, como o que vivemos neste aniversário de 50 anos da Conferência Episcopal de Medellín, nos possibilita reler a história com maior perspectiva de distância no tempo e a partir do que vivemos hoje. Queremos viver isso na ação de graças e na reafirmação de uma continuidade da vitalidade suscitada pelo Espírito nas Igrejas. De fato, não devemos idealizar o período vivido pelos povos e pelas Igrejas da América Latina e Caribe nos anos imediatamente depois do Concílio Vaticano II. Muitos de nossos países passavam por tempos conturbados no plano social e político. As Igrejas locais, embora ainda respirassem os ventos positivos da primavera, que foi o Concílio, estavam, de certa forma, despreparadas para enfrentar ditaduras militares. Bispos, padres e religiosos/as pareciam divididos sobre como aplicar as conclusões do Concílio no continente e também sobre a missão da Igreja em meio a uma realidade social e política muito dura e difícil².

Apesar de todas as dificuldades e do ambiente muito tenso, a Conferência e suas conclusões foram iluminadas pelo clima de renovação e fecundidade espiritual que o Vaticano II provocou. Certamente, entre

1 Marcelo BARROS é monge beneditino, teólogo e escritor. Atualmente, é coordenador latino-americano da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Endereço: Rua Gervásio Fioravanti, 92, apto 403. Bairro Graças. 52011-030 – Recife – PE.

2 Sobre a Igreja Latino-americana entre o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, ver o excelente e primoroso estudo de SCATENA, Sílvia, *In populo pauperum, La Chiesa Latinoamericana dal Concilio a Medellín, (1962-1968)*, Bologna, Il Mulino, 2007.

todas as graças recebidas do Espírito na Conferência de Medellín, uma das mais fortes foi o clima ecumênico e a experiência de diálogo e unidade intereclesial ali vividos e testemunhados. Sobre isso, vamos refletir e tirar algumas conclusões.

Um primeiro olhar

Parece estranho afirmar que a Conferência de Medellín foi uma forte experiência ecumênica, quando se sabe que, entre os 16 documentos de conclusão, nenhum foi dedicado ao Ecumenismo. Mais ainda: devemos ressaltar algo estranho. Todos sabemos que a conferência de Medellín se propunha a atualizar o Concílio Vaticano II na América Latina. No entanto, não somente não dedicou nenhum documento ao Ecumenismo, como nos seus 16 documentos de conclusões não se encontra nenhuma citação direta do Decreto *Unitatis Redintegratio*, o documento do Vaticano II sobre Ecumenismo³.

Evidentemente, se buscarmos nos documentos alusões à importância do ecumenismo na vida da Igreja, encontraremos algumas alusões e sempre quase de passagem. O documento sobre Catequese recomenda:

Deve-se ressaltar o aspecto totalmente positivo do ensino catequético com seu conteúdo de amor. Assim se fomentará um sadio ecumenismo, evitando toda polêmica, e criar-se-á um ambiente propício à justiça e à paz. (Med. 9,11). No documento sobre Liturgia, os bispos pedem: Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra de acordo com o Decreto sobre o Ecumenismo n. 8 e segundo as normas do Diretório nn. 33-35. (Med. 9,14). No documento sobre a Paz, se propõe: “Convidar também as diversas confissões cristãs e não cristãs a colaborarem nessa fundamental tarefa de nossos tempos” (2,26)⁴. Além disso, como afirma José Oscar Beozzo: “Um indício da preocupação ecumênica em Medellín pode ser rastreado em um texto importante como é a *Mensagem aos Povos da América Latina*, endereçada a todas as pessoas de boa vontade. Ela afirmava: *De maneira especial nos dirigimos às Igrejas e comunidades cristãs que participam conosco de uma mesma fé em Cristo Jesus. Durante esta Conferência, irmãos nossos dessas confissões cristãs estiveram participando de nossos trabalhos e esperanças. Junto com eles seremos testemunhas deste espírito de colaboração*⁵.

É importante destacar que muitos testemunhos de bispos, assessores e mesmo de observadores não católicos na Conferência sublinharam

3 Há uma única citação indireta ao UR (já que não contém o texto citado) no documento sobre Liturgia - 9, 14.

4 Cf. PADIM, Dom Cândido, GUTIÉRREZ, Gustavo e CATÃO, Francisco, *Conclusões da Conferência de Medellín, Texto Oficial, Trinta anos depois, Medellín ainda é atual?*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1998.

5 BEOZZO, José Oscar, *Medellín, inspiração e raízes*, in «RELAT», 202(servicioskoinonia.org/relat)

a abertura ecumênica que ali viveram⁶. Entretanto, essa abertura ecumênica não pode ser deduzida apenas dos textos dos documentos de Medellín. É verdade que, entre todas as conferências do episcopado latino-americano depois do Vaticano II, Medellín foi a que mais se abriu a observadores e participantes de outras Igrejas. Eram onze membros de outras Igrejas, presentes em Medellín⁷. E como salienta Beozzo:

Em Medellín, pela mecânica de trabalho adotada, trabalharam lado a lado, nas 16 comissões e subcomissões, bispos, peritos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, além dos observadores não católicos, participando todos ativamente da elaboração dos textos. Simbolicamente, toda a Igreja estava ali implicada, na busca dos caminhos para melhor servir ao povo latino-americano, no sentido de sua redenção e libertação⁸.

Para compreendermos melhor por que a pastoral ecumênica apareceu menos explicitamente em Medellín, é importante recuarmos um pouco e ver a história anterior e como nos anos 60 estavam as relações entre a Igreja Católica e as Igrejas evangélicas no continente.

Por trás disso tudo

Na América Latina, o Cristianismo desembarcou com os conquistadores europeus. O Cristianismo de cultura eslava, de matriz evangélica, se instalou principalmente na América do Norte. Os conquistadores espanhóis e portugueses invadiram o continente do México até a Patagônia e, em toda essa região, impuseram como religião oficial o Catolicismo Romano. A cultura europeia cristã dos conquistadores, tanto católicos, como evangélicos, era ligada aos Impérios. Tanto uns quanto outros identificavam a fé com a Cristandade europeia. A maioria confundia a missão cristã com a conquista colonizadora dos povos. Principalmente, o Catolicismo era a religião responsável pelas cruzadas e guerras contra os muçulmanos do começo do segundo milênio até a época da colonização da América. Com raríssimas exceções, padres e bispos viram as religiões indígenas e afrodescendentes como idolatrias

6 SCATENA, Silvia, *Sapere ascoltare e sapere essere: la liturgia alla conferenza di Medellín* in “*Cristianesimo nella storia*”, 28 (2007), pp. 175-216.

7 Entre eles, podemos destacar: o Rev. Brenson Reed, bispo anglicano para a Colômbia e Equador, Paul de Ballester, arquiemandrita da Igreja Ortodoxa Grega, Dana Green, representante do National Of The Churches of Christ (NCCC), Rev. M.K. Bahmann, representante da Federação Luterana Mundial dos irmãos de Taizé, fr. Roger Schutz e fr. Robert Giscard.

8 BEOZZO, José Oscar, *Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingos*, in «Vida Pastoral», maio-junho 1993, p. 25-28.

demoníacas ou meras superstições de povos primitivos. Em todo o continente, a Igreja Católica mantinha-se como “*religião oficial*” ligada aos governos. Não só mantinha privilégios, como garantia que outras Igrejas permanecessem sempre marginais e ignoradas. À medida que, no decorrer dos séculos, chegavam à América Latina missionários e grupos de alguma Igreja evangélica, eram rejeitados e perseguidos como perigosos, tanto para a fé do povo, quanto para a política do país. Católicos viam os crentes de outras Igrejas como intrusos, e os evangélicos sabiam que os católicos eram aliados aos governos mais autoritários e, portanto, contrários à democracia e aos ideais da liberdade. Essa oposição entre esses dois mundos vigorou até as últimas décadas do século XX. Em alguns lugares ainda existem.

As Igrejas evangélicas históricas, vindas da Europa, formaram o chamado “*protestantismo de migração*”. Até pouco tempo, Igrejas como a Luterana e a Anglicana eram restritas às colônias de migrantes no Equador, Chile, Argentina ou sul do Brasil. Até pouco tempo, mesmo os cultos eram realizados em alemão ou inglês. Enquanto isso, na maior parte do continente, a partir da segunda metade do século XIX e começo do século XX, espalhou-se o chamado “*protestantismo de missão*”, principalmente formado por comunidades fundadas por missionários evangélicos, vindos dos Estados Unidos: a Igreja Metodista, a Presbiteriana, a Batista, a Congregacional e, no começo do século XX, as pentecostais. O que caracterizava esse tipo de Igrejas era o intento de converter fiéis. Seja devido à “agressividade” do proselitismo, seja por uma defesa da cultura tradicional contrária a isso, encontraram muitos obstáculos e reações contrárias. Já em 1916, no Congresso da Ação Cristã, que reuniu as missões evangélicas no Panamá, o pastor presbiteriano Erasmo Braga afirmava que, na América Latina, os ministros católicos sempre viram os missionários evangélicos que chegavam aos nossos países como “agentes da penetração da influência comercial, social e política dos Estados Unidos”⁹.

Essa realidade provocou na maioria dos protestantes latino-americanos duas características que se tornaram como uma identidade comum que os unia. A primeira foi a de se refugiar na Bíblia e nos fundamentos da fé. Até hoje, em qualquer aldeia ou cidade, muitos evangélicos se deixam reconhecer por andar com uma Bíblia debaixo do braço. E como grupo religioso minoritário, é normal que a tendência social seja a de se fechar em suas práticas religiosas, como uma reação de defesa. Daí também

9 Ver o estudo: BRAGA, ERASMO, *Pan-americanismo: aspecto religioso*, New York, Sociedad de Preparación Misionera, 1916.

vem a segunda característica: em muitos países latino-americanos, ser protestante se tornou quase sinônimo de ser anticatólico. Na Europa e América do Norte, nos anos 60, católicos e evangélicos progressistas se uniam por reformas políticas em seus países e por grandes causas no mundo. Enquanto isso, em nosso continente, isso aconteceu muito menos. A inserção da Igreja Católica nas causas sociais só se abriu mais para a participação de evangélicos nos anos 70 e, isso mesmo, muitas vezes, essa participação ficou restrita a Igrejas históricas.

Em muitos ambientes católicos, os grupos evangélicos e especialmente pentecostais continuavam sempre a ser considerados como tradicionalistas e até como reacionários e “ligados ao império opressor”. Na década de 80, um livro muito lido nos grupos católicos e evangélicos históricos ligava as missões evangélicas novas e alguns grupos pentecostais com os interesses norte-americanos no continente¹⁰.

Era impossível que a conferência de Medellín, em 1968, conseguisse superar totalmente a arrogância da Igreja Católica, majoritária e hegemônica em todo o continente. Mesmo com a abertura ecumênica, proposta pelo Concílio Vaticano II, a atitude cultural da maioria dos bispos e padres católicos, e mesmo de muitos leigos abertos, era (e será que, em muitos casos, ainda não é?) de “*desdenho ecumênico*”. Em Medellín, certamente somente uma ínfima minoria de bispos, padres e leigos era contrária ao Ecumenismo. No entanto, para a maioria, Ecumenismo não era um assunto considerado importante na América Latina. Mesmo pastores e fieis mais abertos e ligados às causas sociais dos povos pareciam pensar: “O ecumenismo é interessante. Todos nós estamos de acordo, mas temos problemas mais urgentes. Não podemos, agora, perder tempo com isso”.

Quando pensamos nesse fundo cultural latente em muitos ambientes eclesiais católicos, valorizamos ainda mais e compreendemos melhor como foi surpreendente o clima de abertura e sensibilidade ecumênica vividos em Medellín.

Apesar disso tudo, a Ecumenicidade

Alguns meses depois da conferência de Medellín, a CNBB publicou no Brasil um documento que se chamava: *Complementação ao Diretório Ecumênico*, documento provisório e que aplicava ao Brasil o então Diretório

10 Cf. Dêlcio MONTEIRO LIMA, *Os demônios descem do norte*, Ed. Francisco Alves, 1985.

Ecumênico, emanado do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, em Roma. Esse documento fazia uma distinção que, na época, suscitou muitas discussões. Distinguiu a “*pastoral ecumênica*” e o que o documento chamava de “*ecumenismo da pastoral*”. Definia a pastoral ecumênica como o setor da pastoral que trata das relações ecumênicas, constitui comissões especializadas no diálogo entre Igrejas, acompanha os cultos ecumênicos e procura dar passos concretos para a unidade entre as diferentes confissões cristãs. Diferentemente disso, chamava de “*ecumenismo da pastoral*” o cuidado de dar a toda pastoral e vida da Igreja uma preocupação de abertura ecumênica, no plano da teologia, da espiritualidade e da sensibilidade dos fiéis. É o que, aqui, podemos chamar de “*ecumenicidade*”. Vive-se um “ecumenismo da pastoral” ou ecumenicidade, quando se consegue dar um conteúdo de abertura ecumênica ao modo de viver a fé, de expressar a doutrina, de celebrar o culto e assim por diante. De nada adianta uma pastoral ecumênica, se não houver *ecumenicidade* em toda a vida, teologia, espiritualidade e pastoral da Igreja.

Isso vale tanto para o caminho da busca da unidade das Igrejas, como no processo de diálogo e colaboração com as outras religiões. Por todos os testemunhos que temos e pelos frutos que deu, podemos afirmar que a conferência de Medellín viveu ambas as dimensões do ecumenismo eclesial e do ecumenismo inter-religioso. Apesar de explicitar menos a preocupação com o Ecumenismo, em Medellín, os participantes viveram, de tal forma, a ecumenicidade, que deram um forte testemunho ecumênico e contribuíram muito para a unidade das Igrejas e o diálogo com as outras religiões. E isso se deve ao fato de os participantes, em Medellín, terem feito a experiência espiritual da Ecumenicidade, essa dimensão de abertura da fé ao outro. Isso foi vivido tanto na aproximação de confiança e amizade, como também nos cultos e orações durante a assembleia. No livro de roteiro para as celebrações diárias preparadas para a Conferência, estava explicitada “a clara intencionalidade ecumênica com a qual os textos de preces, leituras e músicas das celebrações de Medellín foram preparadas”.¹¹ Não por acaso, um refrão meditativo que se cantava diariamente em todas as celebrações eucarísticas era a palavra do apóstolo: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e pai...”¹². Um autor que estudou o Ecumenismo na conferência de Medellín concluía:

11 SCATENA, Silvia, *Sapere ascoltare, sapere essere: La Liturgia en la Conferenza di Medellín*, in *Cristianismo nella storia*, gennaio 2007/1, p. 141.

12 Cf. Observaciones de observadores no católicos sobre Medellín in CELAM octubre 1968, citado por SCATENA, Silvia, idem, p. 134.

“Na Conferência de Medellín, insistia-se no ecumenismo espiritual, por meio de celebrações ecumênicas, onde a oração ocupava papel fundamental”.¹³

De fato, o Concílio já insistia que a preocupação e a busca pela unidade dos cristãos era, antes de tudo, sopro da graça do Espírito (UR 4) e se expressa em um profundo movimento espiritual de conversão do coração e de volta ao Evangelho (Cf UR7). Essa verdade se pode afirmar tanto em relação ao caminho da unidade dos cristãos, como no desafio do diálogo e colaboração com irmãos e irmãs de outras religiões e tradições espirituais. Desde a Conferência de Medellín, na América Latina, temos procurado integrar essas duas expressões da mesma postura espiritual: *o ecumenismo tradicional* (a busca pela unidade cristã) e um ecumenismo maior que integre o das Igrejas, o inter-religioso e também e prioritariamente busque a unidade de todos e todas que se unem na tarefa de testemunhar e colaborar com a realização do reino de Deus no mundo. Na América Latina, desde 1992, chamamos esse *ecumenismo do reino* de “*macro-ecumenismo*”¹⁴.

O surgimento de um novo caminho ecumênico

Já deixamos claro: Medellín deu o exemplo de uma assembleia (Igreja) no caminho da reconciliação ecumênica. Faustino Teixeira vê como maior sinal do Ecumenismo em Medellín a sensibilidade dos bispos com relação ao diálogo, todo tipo de diálogo, tanto o diálogo intercultural, como o intereclesial, e assim também o intercultural e inter-religioso¹⁵. Beozzo salienta:

13 Cf. Carlos ARBOLEDA MORA, *Medio século de Ecumenismo, retos del futuro*, in *Cuestiones Teológicas*, vol. 40, n. 93, janeiro-junho 2013, pp. 180.

14 O termo Macro-ecumenismo foi expresso pela primeira vez no *Manifesto do Povo de Deus*, publicado como documento conclusivo do 1º *Encontro Continental da Assembleia do Povo de Deus* (APD), encontro entre cristãos e membros de religiões indígenas e autóctones de América Latina em 1992 em Quito. Ver: CASALDÁLIGA, Pedro, e VIGIL, José María, *Espiritualidad de la Liberación*, publicado por la *Asamblea del Pueblo de Dios* - Editorial Verbo Divino, impreso en la Parroquia Cristo Resucitado, Quito, 1992, pp. 233-242. Versão brasileira: CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, José María, *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1996 [cf. sobre «Macro-ecumenismo», cap. 3, art. 14, p. 192-200].

Ver também: TEIXEIRA, Faustino. *Teología das Religiões. Uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995. TEIXEIRA, F., *Diálogo de pássaros. Nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. VIGIL, J. M. *Macroecumenismo: teología latinoamericana de las religiones*, in ID. (org). *Por los muchos caminos de Dios* -II. Quito: Abya Yala, 2004.

Ver ainda: BARROS, MARCELO, *O Sonho da Paz, (A unidade nas diferenças: Ecumenismo Religioso e o diálogo entre os povos)*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1996, pp. 149-150.

15 TEIXEIRA, F., *O episcopado latino-americano diante do diálogo inter-religioso*, in «*Encontros Teológicos*», ano 21, n. 3, 2006, pp. 135-146.

A dimensão ecumênica em Medellín, após a abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II, foi vivida, com emoção, quase como festa de reencontro, após séculos de separação. (...) O que ali aconteceu, aponta na direção de que todos os membros do povo de Deus tenham voz e voto nos assuntos pastorais, seja nos conselhos pastorais paroquiais, nos conselhos diocesanos de pastoral, seja na prática já consagrada das assembleias diocesanas para aprovação das diretrizes e prioridades pastorais de uma igreja particular. Esta noção alargada de colegialidade, implicando o conjunto do povo de Deus nas responsabilidades pela vida e missão da igreja esteve esboçada na mecânica de trabalho adotada em Medellín e, em parte, nas votações ali realizadas¹⁶.

Medellín explicitou dimensões próprias da fé e da missão da Igreja que o Concílio esboçou, mas não aprofundou. O fato de *olhar a história a partir dos pobres e colocar a Igreja como serviço libertador a serviço dos povos da América Latina* deslocou a visão que a Igreja tinha sobre si mesma. Transformou o conceito de missão. E com isso também colocou o ecumenismo no horizonte mais amplo possível.

Situou-o, no empenho pela VIDA em todas as suas dimensões, vida tão diminuída e ameaçada, sem colocar nem barreiras nem fronteiras para a cooperação nos esforços humanos pela justiça, pela paz, pela preservação da criação. Este descentramento do ecumenismo dos quadros estreitos das relações institucionais entre Igrejas cristãs para recolocá-lo no eixo das preocupações com a vida concreta dos empobrecidos, nas suas demandas por pão, terra, trabalho, dignidade, cidadania e ainda no horizonte das culturas concretas do continente, abre perspectivas novas e promissoras. Ficam aqui e ali percalços e incoerências, frutos de posições conflitantes, mas que não comprometem as aberturas e avanços propostos para a caminhada ecumênica¹⁷.

Júlio de Santa Anna, teólogo metodista, mestre espiritual de muitos de nós, confirma: *O principal ecumenismo da Conferência de Medellín foi propor outro modelo de Igreja que parte do povo e se coloca como serviço à justiça e à libertação dos povos*¹⁸.

O teólogo evangélico José Míguez Bonino escreveu:

Medellín exerceu um impacto muito positivo e decisivo, tanto dentro como nos ambientes cristãos não católicos. (...) Em seus documentos,

16 BEOZZO, José Óscar, *Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingos*, in «*Vida Pastoral*», maio-junho 1993, p. 25-28.

17 Ver: DOIG K., German, *Dicionário Rio, Medellín, Puebla*, São Paulo, Ed. Loyola, 1990. (Ecumenismo, pp. 153-154).

18 SANTA ANA, Julio, *Ecumenismo e Libertação*, CESEP/ Vozes, 1987. Cap VI - Problemas e desafios para a situação ecumênica na América Latina.

os bispos colocaram a Igreja como fazendo parte dos povos latino-americanos e preocupada com seu processo de libertação social e política. (...) Por isso, do ponto de vista ecumênico e latino-americano, Medellín ocupa um lugar decisivo em nossa história. Embora não tenha emitido nenhum documento específico sobre Ecumenismo, a conferência teve uma atitude claramente ecumênica¹⁹.

Todos concordam que, em Medellín, a atitude ecumênica se expressou principalmente em um clima de diálogo e de relação fraterna, profundamente espiritual entre os bispos, religiosos e leigos católicos ali presentes e os onze observadores não católicos, convidados a participarem das discussões, tanto nos diversos grupos de trabalho, como nas sessões plenárias e mesmo na liturgia.

Em seu texto profundamente fundamentado nos testemunhos e documentos, Silvia Scatena mostra como mesmo sob um clima de tensão com Roma e com bispos colombianos, o Instituto de Pastoral Litúrgica do CELAM preparou o livrinho para as celebrações, tanto de ofícios da Palavra, (Liturgia das Horas), como da eucaristia com grande cuidado de manter sempre um teor ecumênico²⁰. Beozzo completa:

O clima da conferência desenrolou-se numa atmosfera extremamente positiva, culminando numa grande concelebração eucarística, sinal do encontro entre as pessoas ao longo de duas semanas de intenso trabalho conjunto e da comunhão de alma e objetivos. A participação na eucaristia conclusiva foi expressamente solicitada pelos observadores não católicos, em carta dirigida à Presidência. Era a expressão da comunhão de vida e propósitos alcançada naqueles dias. Evidentemente, a intercomunhão praticada com o assentimento do legado pontifício e presidente da Conferência, Cardeal Samoré, do arcebispo local, Mons. Tulio Botero Salazar e do conjunto da assembleia constituída principalmente por bispos, provocou desconcerto em Roma e noutros ambientes, tanto mais que pouco antes fora desautorizado publicamente.

Silvia recolheu vários testemunhos de que tanto para os evangélicos que comungaram naquela celebração eucarística do dia 05 de setembro de 1968, como para vários participantes católicos, aquela celebração

19 José MIGUEZ BONINO, *verbete Medellín* in LOSSKY, Nicholas, et alii, *Dicionário do Movimento Ecumênico*, Petrópolis, Vozes, 2005, pp. 755- 756. Do mesmo autor evangélico, ver ainda: BONINO, José MIGUEZ, *Medellín y el Ecumenismo, Una lectura protestante de los documentos, 1969*, publicado recentemente na internet: globethics.net.

20 Ver: SCATENA, Silvia, *Sapere ascoltare e sapere essere: la liturgia alla conferenza di Medellín* in “Cristianesimo nella storia”, 28 (2007), pp. 175-216.

foi considerada *o ponto alto de toda a conferência*. O assunto chegou a ser noticiado pelos jornais daqueles dias e foi assunto de um artigo na Folha de São Paulo²¹.

A partir de então, a intercomunhão tem sido vivida em alguns momentos de encontros extraordinários de cristãos de várias Igrejas, mas sempre como acontecimentos não reconhecidos ou aceitos pela autoridade romana e mesmo pela maioria dos bispos. Nunca mais as Igrejas de comunhão católica, na América Latina, tiveram a graça de viver a intensidade da fé e da experiência espiritual, manifestada nesse evento ecumênico vivido em uma assembleia oficial de bispos católicos.

Fragilidades e perspectivas deixadas por Medellín

Medellín foi uma conferência profundamente ecumênica porque, como afirma o documento sobre a Juventude, colocou a Igreja latino-americana *a serviço da libertação de toda a humanidade e do ser humano por inteiro* (Cf. Med 5,15). Já ficou claro que esse fato provocou uma nova forma de ecumenismo: *a unidade vivida a partir das bases e exercida no serviço libertador aos índios, às comunidades pobres do campo e da cidade e a todos os empobrecidos do mundo*. No entanto, ao considerar a *missão da Igreja na transformação social e política da América Latina*, quase sempre a missão foi vista concretamente enquanto dirigida a essa dimensão essencial da promoção humana e da justiça. Isso foi muito positivo, mas deveria ter levado a Igreja a se rever a si mesma, a transformar suas próprias estruturas de acordo com esse modelo, e poder, assim, não somente fazer missão libertadora, mas ser em si mesma uma Igreja dessa nova caminhada. É fundamental que a tarefa da evangelização se fundamente no cuidado mais interno e cotidiano do evangelismo ou da evangelicidade da própria Igreja em si. Esse desafio continua até hoje presente em todas as Igrejas. O fato de Medellín não ter conseguido aprofundar uma eclesiologia renovada, limitou muito a perspectiva ecumênica que a conferência apontou. No documento da juventude, chegou a se propor *o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal* (5,15). Esse “rosto novo” foi indicado, apontado, mas não foi aprofundado concretamente como se expressaria nas estruturas eclesiais. Atualmente, o papa Francisco fala em uma “Igreja em saída”. Não seria a mesma coisa do que Medellín chama de “Igreja pascal”? Mas, concretamente, não foram tiradas consequências dessa

21 SANTA CRUZ, Frei Benvento, *A “Comunhão de Medellín”, um acontecimento revolucionário*, in «Folla de São Paulo», 07-09-1968.

proposta. Enquanto, no tempo do Concílio, o documento assinado por 43 bispos e conhecido como “Pacto das Catacumbas”, propunha uma Igreja mais sinodal e participativa como comunhão de ministros e leigos, em Medellín, isso foi pouco desenvolvido. Também Medellín não conseguiu dar um passo a mais para clarear e aprofundar a dimensão eclesial própria das Igrejas locais, o que teria sido tão fundamental para as Igrejas no continente e para a ação ecumênica concreta. Sem dúvida, em algumas dioceses, isso aconteceu, ao menos em alguns aspectos da vida e da missão eclesial. A relação entre leigos, padres, religiosos/as e bispos se tornou mais horizontal e a Igreja local mais sinodal (mais que democrática). Alguns bispos se colocaram como simples companheiros, inclusive, em suas dioceses, mas não chegou a acontecer nos níveis de Igreja latino-americana. Menos ainda como profecia para toda a Igreja.

Do mesmo modo, o aprofundamento bíblico tanto no decorrer da Conferência, como nos documentos, podemos dizer que foi pobre. Além de poucas referências diretas a textos bíblicos, mesmo no documento 8, sobre Catequese, não se propõe nenhum conhecimento mais sério ou sistemático da Bíblia. Fala-se em renovação da catequese, desenvolvem-se algumas propostas concretas de partir da realidade social e contextual, mas, sobre a leitura da Bíblia nas comunidades, nenhuma menção. De fato, um modo de ler a Bíblia a partir da vida só se fortaleceu na América Latina a partir da segunda metade dos anos 70. É claro que, se essa dimensão de leitura bíblica tivesse sido mais acentuada, teríamos aberto uma bela estrada ecumênica. Nos anos 70, surgiram vários centros bíblicos, como o CEBI no Brasil, o DEI em Costa Rica e outros em outros países. Quase todos com constituição e alcance ecumênicos.

Outra lacuna de Medellín, como das conferências episcopais que se seguiram, é o que diz respeito à *participação e ao protagonismo da mulher*. Em Medellín, houve a participação de religiosas como assessoras dos bispos. Margarita Moyano, argentina de menos de 30 anos, deve ter sido a pessoa mais jovem a participar oficialmente da Conferência de Medellín. Ela era assistente internacional de JUC e, na época, era uma das latino-americanas referentes da comunidade de Taizé em seus primeiros encontros com a juventude. Outra mulher presente em Medellín foi a irmã Irany Bastos, brasileira, representante da CLAR. Elas e outras de um pequeno número de mulheres participaram ativamente dos grupos e dos trabalhos, mas sem voto e sempre como

“meras convidadas”. Essa integração masculina-feminina é, hoje, uma urgente e essencial dimensão da fé e da pastoral e é essencial a qualquer Ecumenismo digno desse nome.

Do ponto de vista litúrgico, a sensibilidade e a preocupação ecumênica presente nos textos de Medellín também não teve nenhuma continuidade. Esse cuidado não continuou nas conferências posteriores do episcopado latino-americano. Até hoje, mesmo as pastorais sociais mais avançadas da Igreja Católica acolhem evangélicos suficientemente abertos para participar do “ambiente católico” e entrar na cultura da Igreja Católica. No entanto, dificilmente os católicos fazem um gesto de ir ao encontro do outro e aceitar os evangélicos na realidade própria da cultura deles e das Igrejas deles. Também, por isso, é frequente que nos ambientes pastorais abertos (da Igreja Católica) participem pastores mais amigos, mas esses pastores quase nunca envolvem as suas comunidades.

Ainda uma observação sobre a novidade profética da comunhão aberta, facultada aos evangélicos que pediram. É impressionante como todos os comentários sobre Medellín sublinham esse fato extraordinário e maravilhoso, mesmo se, durante as três semanas da conferência, se realizou apenas uma vez (no dia 05 de setembro), e isso mesmo só para os cinco observadores não católicos que pediram. Até hoje, a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas continuam vivendo essa ferida profunda no próprio núcleo de sua fé. Poucos padres e bispos parecem perceber a contradição terrível que existe nesse fato: exatamente a ceia que Jesus celebrou para unir os discípulos a si e entre eles, no dom de sua vida e da sua pessoa, a ceia instituída para ser o maior sinal e instrumento de unidade e comunhão, se tornou, nas mãos dos cristãos (dessas Igrejas) ocasião e razão de infinitas disputas, excomunhões recíprocas e divisões que perduram. Em Lima, 1982, na declaração assinada pela Comissão Fé e Constituição do CMI, as Igrejas-membros conseguiram uma certa convergência sobre a Eucaristia, assim como sobre o Batismo e o Ministério. Daí derivou o documento chamado BEM (Batismo, Eucaristia e Ministério) que se tornou ponto de referência para os diálogos ecumênicos sucessivos sobre esses temas. Entretanto, esse documento foi um acordo de uma Comissão. Até aqui, nenhum documento oficial sobre a Eucaristia foi ainda assinado pelas Igrejas, como se fez a Declaração sobre Justificação pela Fé (1999).

“Em 1954, a Aliança Reformada Mundial, reunida em Princeton, recomendou que a admissão à mesa do Senhor pudesse ser dada *“a toda pessoa batizada que ama e confessa Jesus Cristo como Senhor e Salvador”*. Essa é também a posição de todas as Igrejas que compõem a Comunhão

Anglicana. Praticam a “comunhão aberta” (*open communion*). Cristãos evangélicos de diversas Igrejas, à luz da *Concordia de Leuenberg* (1973), dividem a mesa eucarística. A Igreja Católica e as Igrejas ortodoxas recusam a hospitalidade eucarística”²².

Com razão, o pastor valdense italiano, Paolo Ricca afirma que se trata de um verdadeiro “*apartheid eucarístico*”²³. A doutrina e a disciplina tradicional da Igreja Católica ensinam que, como *sacramento da unidade*, a eucaristia supõe a unidade já realizada. Isso tem sua verdade e sua coerência. No entanto, até que ponto essa mesma unidade é realizada mesmo no interior de nossas Igrejas e comunidades que celebram diariamente? E qual a concepção de Igreja que está aí contida? A quem pertence a Ceia do Senhor para determinar quem poderia e quem não poderia comungar?

Sem dúvida, os evangélicos que pediram em Medellín essa graça de comungarem na Eucaristia católica e os bispos coordenadores da Conferência que deram a permissão não fizeram isso levemente, nem por um impulso sentimental passageiro e sim motivados pela fé e por uma capacidade de “dar a quem lhes pede as razões de sua fé (1Pd 3,15). Até hoje, permanece para nós o desafio profundo de desenvolver esses motivos e retomar, desenvolver e apontar novos rumos para essa discussão ecumênica fundamental.

Ao lembrar a forte dimensão ecumênica da conferência de Medellín, mesmo em meio a suas fragilidades e elementos incompletos, precisamos pedir perdão a Deus e aos povos da América Latina que, 50 anos depois, tanto no que diz respeito ao Ecumenismo, como à própria inserção da Igreja Católica no continente, não parecemos ter caminhado bem mais além do que Medellín propunha. Das conferências latino-americanas do episcopado posteriores à de Medellín, ao menos Puebla (1979) e, mesmo de certo modo, Aparecida (2007), podem ser consideradas como continuidade de Medellín. No entanto, nenhuma teve mais a graça de ser um Pentecostes latino-americano de generosidade amorosa e pastoral de uma Igreja, verdadeiramente integrada e consagrada ao serviço da humanidade.

Atualmente, o mais coerente seria considerar Medellín adequada ao seu tempo, mas, hoje, em muitos aspectos, superada. O próprio tema teria de ser discutido e refeito. No mundo atual, não podemos mais legitimar projetos de desenvolvimento social e político que não ten-

22 Cf. SALVARANI, Brunetto, *Non possiamo non dirci ecumenici*, Verona, Ed. Gabrielli, 2014, p. 141.

23 RICCA, Paolo, *L'Ultima Cena, anzi la Prima, La volontà tradita di Gesù*, Torino, Claudiana, 2013, p. 10.

ham como base a sustentabilidade ecológica e a justiça eco-social. No entanto, o rigoroso inverno pelo qual nossa Igreja passou e no qual muitos ministros que hoje atuam, foi tão longo e pesado que, infelizmente, em muitos aspectos, parece que, mesmo hoje, nem propostas fundamentais de Medellín foram fielmente seguidas.

No plano do Ecumenismo, de 50 anos para cá, a realidade mudou tanto que os desafios ecumênicos, hoje, são totalmente outros e ainda mais desafiadores do que eram os da época de Medellín. Atualmente, ao ler a Bíblia, aprendemos a não estabelecer entre nós e os textos sagrados relações fundamentalistas de termos e de expressões. Buscamos descobrir algo que nos auxilie a uma releitura que nos ajude a descobrir a palavra viva de Deus para nós hoje. Do mesmo modo, a releitura de Medellín, 50 anos depois, pode nos ajudar a descobrir “o que o Espírito diz, hoje, às Igrejas” (Ap 2,5)

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA BÍBLIA

LUÍS I.J. STADELMANN¹, SJ

Introdução

Em todas as seções da Bíblia há textos referentes a doenças e enfermidades que se manifestam em todas as faixas etárias da existência humana, onde as decisões divinas se “encontram” com as humanas. Os autores bíblicos têm de falar desse assunto porque a enfermidade aponta para uma crise do paciente, que se transforma em pergunta viva, não apenas sobre as causas, mas sobre si mesmo, sobre o seu mundo imediato e sobre o sentido da vida. Ora, na Bíblia é que temos de achar a resposta a todas essas questões porque aí se encontra a doutrina da religião da salvação e não crenças avulsas acerca de mera melhoria da qualidade de vida.

1 Luís I.J. Stadelmann, SJ, é doutor em Línguas e Literatura Semíticas pelo Hebrew Union College (Cincinnati, Ohio, EUA), licenciado em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma), Master of Theology pela Loyola University (Chicago), professor de Sagrada Escritura na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), Florianópolis, SC. Publicou: *The Hebrew Conception of the World*, Roma. Biblical Institute Press, 1970; *Love and Politics: A new Commentary on the Song of Songs*, Mahwah, Paulist Press, 1992; *Felicidade com Deus: As bem-aventuranças da Bíblia*, São Paulo, Ed. Loyola, 1994; *Itinerário Itinerário Espiritual de Jó: Comentário do Livro de Jó*, S. Paulo, Ed. Loyola, 1997; *Cântico dos Cânticos*, S. Paulo, Ed. Loyola, ²1998; *Hinos e Preces do Novo Testamento*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000; *Os Salmos: Comentário e Oração*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000; *O Dom das Línguas*, S. Paulo, Ed. Paulus, ³2004; *Criação e ecologia na Bíblia*, São Paulo, Ed. Loyola, 2007; *Espiritualidade bíblica*, São Paulo: Ed. Loyola, 2009; *Os Salmos da Bíblia*, Ed. Loyola & Ed. Paulinas, São Paulo, 2015; *Hinos cristãos da Bíblia*, Ed. Loyola & Ed. Paulinas, 2016. Fez a tradução de vários livros do Antigo Testamento para a edição da Bíblia de Jerusalém, da TEB e para a Bíblia Vozes.

A mensagem central da Bíblia

A tarefa de Deus no Antigo Testamento e de Jesus no Novo Testamento não consiste em dar dignidade à pessoa com deficiência física, mas em *reconhecer a dignidade*. A maneira de conseguir este objetivo é lançar mão de vários recursos disponíveis aos enfermos e aos agentes da Pastoral da Saúde. Antes de tudo, é dar a palavra ao enfermo, para que ele possa expressar seus queixumes a uma pessoa, ou até em público, a ouvintes ou leitores que estejam atentos às suas palavras. Em seguida, é abrir-lhe a porta de entrada ao convívio humano, evitando que ele fique relegado ao ostracismo ou recolhido num asilo, enquanto ainda estiver em condições de locomover-se.

A seguir, é acolhê-lo na comunidade litúrgica, onde os fiéis valorizam sua participação na oração comunitária, cuja eficácia é tanto mais proveitosa quanto maior for a confiança que brota do coração e dos lábios do homem sofrido. Pois o motivo mais forte e premente para Deus vir em auxílio das pessoas com deficiência física é a exposição da miséria humana como apelo eloquente da criatura diante do Criador. É esta a razão de os Salmos usarem a linguagem do paciente físico e mental para expressar as súplicas na liturgia, porque a queixa tem função de apelo².

Para tratar teologicamente a questão da dignidade das pessoas com deficiência física, deve-se fazer um levantamento das passagens da Bíblia que os mencionam, emprestando-lhes voz e vez para exercerem o papel de porta-voz de tantos outros que também querem ser ouvidos. Não é aos que são considerados os mais dignos que devemos pedir que comentem o assunto, mas aos que pertencem, de alguma forma, ao mundo das pessoas com deficiência física. Os textos bíblicos que falam das pessoas com deficiência física não são meros retratos de pacientes que precisam de terapia, mas são pessoas angustiadas que manifestam dramaticamente seu estado de deficiência em público na presença da comunidade dos fiéis³. As pessoas com deficiência que são tratadas em casa pelos familiares não precisam vaguear pelas ruas e praças da cidade, nem têm de mendigar por compaixão porque, apesar de tudo,

2 Cf. C. Westermann, *Os fundamentos da teologia do Antigo Testamento*, (trd. F. Dattler), São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, (Original alemão 1985), p. 37-38, 188-191; cf. também “O clamor dos oprimidos”, em *Concilium* / 119, 1976/9, p. 55-65.

3 É de notar-se que os livros bíblicos têm uma longa história desde a composição inicial até a redação final. Além disso, convém ter presente a chancela oficial que cada texto bíblico recebeu das autoridades religiosas e dos mestres da tradição antes de ser incluído no rol dos livros canônicos em vista da recitação do respectivo texto no culto e na liturgia. Destarte, o protagonista (profeta, salmista, milagreiro, apóstolo) da narração é representante da comunidade dos fiéis do AT e NT.

sua dignidade de pessoa humana é reconhecida pelo próprio Criador que os fez à sua imagem e semelhança. Ora, o perfil humano que serve de *imagem* dá mostras da inteligência e da vontade, enquanto a *semelhança divina resplandece* na qualidade sobrenatural. É uma imagem indelével impressa em cada um e por isso torna-o interlocutor qualificado para suplicar em oração e ser ouvido por Deus, quer se trate de si mesmo ou de tantos outros confiantes ou frustrados, esperançosos ou amargurados. São figuras cujo perfil é semelhante ao do *Servo de Deus*, descrito por Isaías, profeta do Antigo Testamento, e que o salmista adotou para estampar o semblante do *Servo sofredor*, servindo como prefiguração de Cristo, o Messias-mártir do Novo Testamento.

As frequentes citações do Salmo 22 (21) na “história da paixão”, no NT, mostram que a Igreja nascente viu íntima relação entre as palavras angustiadas de Jesus na cruz e a suprema aflição deste homem sofredor. Aqui tem sua expressão mais candente a angústia humana, a tentação ao desespero e o milagre da reversão do sofrimento. Ao assumir a provação extrema de se sentir abandonado por Deus, Cristo penetrou no mais profundo isolamento humano e assumiu nosso sofrimento até o extremo. A indagação desesperada dos que mais sofrem neste mundo é conhecida por aquele no qual a bondade divina se encarnou. Sendo a morte de Cristo o paradigma do sofrimento humano, este Salmo, integrado na “história da paixão”, é representativo dos Salmos de Súplica. Como estes salmos exprimem a experiência do abandono da ajuda divina, apresentando os sofrimentos pelos quais o enfermo está passando, e também o desdém e ciladas dos inimigos. Mas difere profundamente deles enquanto omite as imprecações contra os inimigos. Tanto mais ficará ressaltada a intercessão de Cristo pelos pecadores. A ação de graças pela libertação, na segunda parte do Salmo (v. 23-32), constitui o núcleo da mensagem sobre a ressurreição, proclamada pela Igreja nascente, que entendeu o evento da paixão, morte e ressurreição como a decisiva intervenção de Deus na história: ao trazer-nos a salvação definitiva, libertou-nos também da angústia e do desespero⁴.

O fator marcante do Povo de Deus

Os textos bíblicos em pauta têm sua origem histórica no Próximo Oriente, donde as suas doutrinas se difundiram para todos os povos do mundo. Por outro lado, não faltaram para o povo de Israel os contatos

4 L. Stadelmann, *Os Salmos da Bíblia*, Ed. Paulinas & Ed. Loyola, 2015, p. 226-231.

socioculturais com outros povos e as influências de suas culturas, costumes, vida social, religiosa, que influenciaram e deixaram seus traços no povo israelita. Entretanto, houve um fator marcante que selecionava aqueles elementos provindos da civilização semita, para que não fossem assimilados e postos de lado ou até eliminados os valores essenciais para o viver e o conviver humano do Povo de Deus. O critério decisivo era e continua sendo até hoje a comunidade de fé em Aliança com Deus, ratificando a amizade divina com a humanidade. Os autores bíblicos, por esta razão, valorizaram os aspectos da vida no contexto da comunidade de fé e não os padrões de vida da cultura tribal, nem os padrões da sociedade secularizada. No Antigo Testamento se ressalta a comunidade soteriológica, que tem continuidade na comunidade cristológica do Novo Testamento. O que elas têm em comum é o motivo central da vida em comum, valorizando o *sentido de comunidade*, cujo Deus tutelar está vinculado a ela pela Aliança sagrada em vista da salvação. O fator sociológico da solidariedade, na tradição religiosa da Bíblia, exerce um papel marcante no povo, cuja implementação está nas mãos de cada família e não das tribos e dos clãs, como é o caso da organização especificamente semita da sociedade. Outro marco referencial da tradição bíblica é o *interesse pelo indivíduo*, que era considerado acima de tudo como membro da comunidade. Não devemos esquecer que o Antigo Testamento apresenta uma concepção antropocêntrica do mundo, visualizado como palco do gênero humano.

Pessoas com deficiência física no Antigo Testamento

Comumente se trata dos casos de deficiência à luz do pecado original, aludindo-se à hipótese de sua causa ser atribuída a uma culpa moral do indivíduo. Como pano de fundo supõe-se um mundo perfeito com base na obra da criação a partir do cosmo, cujos elementos espaciais e telúricos estariam em perfeita harmonia. Com efeito, a Bíblia apresenta o início da criação a partir da paz de Deus e não da luta entre os deuses. É de notar-se, porém, que a obra da criação procede da divisão e da separação dos elementos, oferecendo-se uma perspectiva realista do mundo e não uma visão otimista⁵. Já que a Bíblia não admite a existência dos deuses, fica excluída a crença no destino cego e sua influência nefasta sobre o mundo e a humanidade. Igualmente, não se admite a ausência

5 A criação na Bíblia procede da separação dos elementos: 1. caos – cosmo (águas – terra firme); 2. céu – terra; 3. vegetação – deserto; 4. luz – trevas (dia – noite); 5. pássaros – peixes; 6. animais – homens; 7. mundo físico – mundo religioso (Gn 1,1–2,3).

de Deus, em virtude da qual as criaturas ficariam entregues a si e a um destino cego. A crença num destino cego é incompatível com a fé no único Deus criador, inteligente e bom, sempre presente às suas criaturas⁶.

O início da história da humanidade é narrado na Bíblia a partir de várias rupturas entre as criaturas e o Criador⁷, precisando ser superadas para que o mundo não voltasse ao caos. Situações de ruptura do tecido social teriam seu reflexo nas doenças e enfermidades. Entretanto, essas situações não podem ser sempre atribuídas a anomalias da ordem moral. A própria natureza humana, por ser contingente e efêmera, pode ter deficiências. Existem seres humanos cuja vida está continuamente relacionada com a dor, de sorte que se torna uma espécie de segunda natureza. Por isso, a Bíblia fala das pessoas que sofrem, ressaltando as circunstâncias concretas como recurso descritivo para exibir dramaticamente o sofrimento angustiante dentro da alma.

Casos concretos de deficiência física constam em relatos narrados em todos os livros da Bíblia. Veja-se o caso do contágio pela lepra, mencionado no contexto da insurreição de Miriam, irmã de Moisés, porque contestou a liderança de Moisés (Nm 12,10-15). Enquanto o castigo divino caiu sobre Miriam, Aarão, seu irmão, saiu ileso porque era sacerdote a serviço do culto religioso em Israel.

Doenças contagiosas, citadas em Lv 13-14, incluem também simples infecções de pele, ou até manchas na roupa ou nos muros. Pelo fato de não haver meios profiláticos para evitar a contaminação e tratamento de cura, os leprosos eram afastados do convívio social e relegados a áreas desabitadas. O problema mais premente era o sustento que ficava a cargo dos familiares, já que não havia a assistência social do Estado. Na Mesopotâmia a lepra era atribuída a influências demoníacas e se tentava curar por meios mágicos.

A referência à amputação do membro viril ou testículos amassados visava os eunucos, a serviço das odaliscas de um harém, e como tais eram excluídos das celebrações litúrgicas (Dt23,2).

6 Religiões politeístas praticadas na Ásia têm seus seguidores no mundo da cultura ocidental, por causa das terapias para evitar as causas da dor ou minorar o sofrimento. Através dessas terapias se difunde também sua filosofia de vida, como p. ex. o budismo que está eivado dum pessimismo irrestrito sobre a vida humana e a felicidade do homem.

7 As seis rupturas da História dos Primórdios, na Bíblia, são causadas pelos pecados dos seres humanos contra o Criador. I. Adão e Eva (Gn 3,12): ruptura entre esposos. Pecado de desobediência. II. Caim e Abel (Gn 4,1-15): ruptura entre irmãos. Pecado de fratricídio. III. Lamec (Gn 4,19-24): ruptura entre clãs. Pecado de vingança. IV. Gigantes (Gn 6,1-4): ruptura entre raças. Pecado de hierogamia. V. Dilúvio (Gn 6,9-7,24): ruptura entre gerações. Pecado de violência. VI. Torre de Babel (Gn 11,1-9): ruptura entre povos. Pecado de orgulho materialista. Cf. L. Stadelmann, "História da Salvação", em *NOTÍCIAS*, N° 223, Outubro 1999, p.2-4.

O relato da cura de um leproso é digno de nota porque se trata de Naamã, o comandante sírio. Ele veio à procura de Eliseu, o profeta e milagreiro mais ilustre da Bíblia, porque dele consta o maior número de milagres dentro e fora de Israel (2Rs 5). Memorável é a atitude de Naamã de levar consigo bruacas cheias de terra para cobrir o chão no jardim de sua casa em Damasco onde costumava ajoelhar-se em oração a Deus⁵. (A praxe de ajoelhar-se no chão num *tapete de oração* durante a prece a Deus continua até hoje no Islam, desde que foi introduzido no séc.VII d.C.). Além da crença no patrocínio do Deus tutelar sobre a Terra de Israel, se ressalta também a eficácia da oração comunitária dos israelitas em benefício dos fiéis em outro país. Por outro lado, o contágio da lepra em Giezi, servo de Eliseu, mostra a doença como castigo da prevaricação contra a credibilidade do profeta.

O rei Ozias, na monarquia de Judá, se destacava no rol das famílias régias por ter sido leproso (2Rs 15,5). Segundo o relato no livro das Crônicas (2Cr 26), a doença era castigo porque se arrogou o direito de oferecer incenso no recinto central do Templo, um gesto ritual restrito ao sacerdote em função religiosa.

A história dos quatro leprosos da Samaria ficou famosa no Povo Eleito devido à descoberta do acampamento abandonado pelo exército dos arameus e como os leprosos se tornaram mensageiros alvissareiros em Israel (2Rs 7,3-11). Convém citar o Salmo 88 (87) expressando uma súplica candente de uma pessoa com deficiência física no Templo. Além disso, é bom recordar a oração durante a enfermidade que o salmista inseriu no Saltério solidarizando-se com gente sofrida e rezando com os fiéis o Salmo 41 (40) na liturgia sagrada.

O sofrimento de Servo de Deus faz lembrar a situação sofrida do paraplégico

*Ele vegetava na sua presença como um rebento,
como raiz em terra seca:
não tinha beleza nem formosura
que atraísse os nossos olhares,
não tinha aparência bela
para atrair os nossos olhares,
nem aspecto para que o procurássemos,*

*homem das dores e habituado à enfermidade;
era como pessoa de quem se desvia o rosto,
tão desprezível que não fizemos caso dele.
E nós o considerávamos como alguém fulminado,
castigado por Deus e humilhado (Is 53,2-4).*

Servo de Deus (*'bed Yhwh*) como figura do homem sofredor: o salmista identifica o servo sofredor no Salmo 22 (21) como “amigo de Deus” (Is 41,8), e como tal é figura representativa do Povo Eleito, passando pela provação extrema de se sentir abandonado por Deus, embora continuasse em vigor a Aliança sagrada com o povo de Israel⁸.

O sofrimento do Servo de Deus pode ser atribuído a várias razões: 1º, não devido aos pecados próprios; 2º e, sim, devido aos pecados dos outros; 3º, em lugar dos outros; 4º, para salvação dos outros; 5º, tem significado salvífico para o próprio Servo, não só em vista de sua reabilitação diante dos homens, mas também como esclarecimento do destino e do sentido de sua vida e de seu sofrimento.

Resta perguntar: como o profeta chegou a tal mensagem salvífica no AT antes da soteriologia do NT? A resposta só pode ser por uma revelação ao profeta, relacionada à Aliança de Deus com seu povo, que tem como missão ser mediador da salvação divina para todos os povos e não apenas para o Povo Eleito. Essa comunidade é representada pela figura do Servo de Deus, como figura corporativa que personifica a coletividade dos fiéis. Com efeito, salvação verdadeira só existe se for estendida a todos os povos. Mas no AT era preciso fundamentar e difundir a doutrina da mediação dos dons salvíficos através da comunidade de fé, que representa a mão direita de Deus em sua intervenção no mundo e na história.

A *soteriologia* do NT tem Jesus como protagonista na figura de homem sofredor, cujo gesto culminante de doação por amor à humanidade é a aceitação da dor, sofrendo por nós. Neste sofrimento “aprendeu a obedecer” (Hb 5,7-9), vale dizer: aprendeu a condição humana, que só se realiza na aceitação do desígnio salvífico de Deus. O termo “obediência” visa a dar um matiz pessoal e esperançoso, que permite superar a aceitação meramente estóica, reavivada por tantos militantes ateus hoje.

8 Cf. os quatro poemas dedicados ao “Servo de Deus” (Is 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12).

O pai de Tobias, com deficiência física por quatro anos

O livro de Tobias é um livro sapiencial do AT que tinha a finalidade de fornecer subsídios de reflexão aos agentes de Pastoral no “Curso de Noivos” daqueles tempos. Os personagens têm o papel de dramatizar um ensinamento para os noivos e suas famílias. A figura do anjo Rafael personifica a providência divina exercendo o patrocínio sobre duas famílias judaicas, cujos dias transcorriam felizes e tristes em meio às mais diversas circunstâncias de alegria e dor, ventura e desventura. O que se visa mostrar ao jovem Tobias não é propriamente a solicitude de Deus para com seus fiéis em aflição, mas a maneira de exercê-la em meio às provações, valendo-se do que parece ser uma sucessão de casualidades em função de um desígnio preestabelecido, dum segredo que só no fim será revelado. A resposta celeste a Tobit e Sara (3,16-17) por uma parte, a revelação de Rafael (12,11-15) por outra, constituem os dois pólos da narrativa. O período de quatro anos de sofrimento pela cegueira pode ser entendido como alusão ao período de quatro gerações de fatalidade, segundo as citações na Bíblia (Ex 20,5; Nm14,18; Dt 5,9). Importa assinalar o paralelismo de contraste entre o mérito espiritual obtido pela cegueira, suportada com resignação durante quatro anos, e a fatalidade perseguindo o delinquente e seus descendentes até à quarta geração⁹. Dessa forma, o paciente se defronta com a questão de como reagir perante a situação de sofrimento. Poderia tornar-se excessivamente agressivo ou passivo, revoltado ou conformista, ou crescer com a situação sofrida em vez de regredir. A motivação religiosa é capaz de dar mais uma dimensão ao comportamento humano. Por exemplo, aceitar o sofrimento por ser fonte de mérito para si mesmo e para a posteridade de seus familiares. A ideia do sofrimento com *valor meritório* tem sua incidência para o bem salvífico de justos e injustos, tendo sua origem no AT (Is 53,11-12). Entretanto, o NT deu um passo em frente ao vincular o crescimento da vida espiritual aos méritos de Cristo, frutos de sua obra redentora. Se, portanto, a pessoa com deficiência física se motivar com a intenção sobrenatural de oferecer seu sofrimento como oblação a Deus, sua vida terá um tríplice valor, *meritório*, *satisfatório* e *suplicante*, que contribui para o progresso espiritual dos fiéis.

9 Convém distinguir entre a virtude de resignação por motivo religioso e a atitude de resignação fatalista. Esta implica uma inércia espiritual, acompanhada de um comportamento de esquiwa e de fuga, eximindo-se de todo e qualquer esforço para iniciar projetos. Em vez de responder positivamente aos desafios para buscar saídas de situações sofridas, o indivíduo cai no conformismo e alega, como subterfúgio, que sua atitude é de entrega total à vontade de Deus.

Jó na luta para superar o sofrimento

O tema central do *livro de Jó* não é o sofrimento em si, mas a luta por superá-lo. Como alcançar uma vida íntegra, quando a vida está se desintegrando? A vida de Jó é orientada por sua experiência singular de um sofrimento que coexiste com a inocência. Prova disso é o fato de ele bendizer a Deus apesar dos males. Deus não se lhe revela como inimigo no sofrimento. Jó defende sua inocência mais que sua vida física, porque crê ser ela que lhe permite lançar um repto ao Criador. Por certo, a dignidade da pessoa humana não se esvai pela delinquência ou decadência moral, embora fique empanado seu brilho. Outrossim, o homem é imagem e semelhança de Deus e por isso é interlocutor qualificado diante do Criador. Surge um questionamento angustiante na alma de Jó, oriundo da aporia entre a bondade de Deus e a maneira de mostrar sinais de sua benevolência (Jó 10). A linguagem do livro é semelhante à diatribe grega, um discurso agressivo e querelante, como recurso literário para desafiar o leitor a tomar parte no diálogo com Deus. A propósito, o tipo de leitor que o autor do livro tem em vista é a pessoa com deficiência física, que tem na figura de Jó o protótipo dos homens, cujo sofrimento conduz ao encontro com Deus¹⁰.

Pessoas com deficiência física no Novo Testamento

O sofrimento físico de pessoas ocupou boa parte do tempo, da energia, da missão de Jesus de ensinar, curar e fazer milagres. Os sofrimentos dos doentes clamam ao céu pela intervenção divina. O objetivo dos evangelistas de situar as cenas de cura na presença dos líderes judaicos é devido ao fato de eles se considerarem os donos da dignidade moral, civil, religiosa. Além disso, eles controlavam ostensivamente o comportamento de Jesus com relação aos excluídos da sociedade. É que eles negavam-lhes o direito à dignidade, convencidos de que eram pessoas com deficiência física por serem pecadoras.

O maior índice de casos de deficiência física e psíquica encontra-se nos relatos sobre endemoninhados, os “possessos do demônio”. Nos quatro Evangelhos aparecem no relato de milagres, no ministério da pregação, e na controvérsia sobre os exorcismos e as curas de doenças

10 L. Stadelmann, *Itinerário espiritual de Jó, tradução e comentário do Livro de Jó*, São Paulo: Ed. Loyola, 1997; este livro bíblico destina-se à reflexão sobre as atividades da Pastoral da Saúde.

atribuídas ao demônio¹¹. O ponto em questão não é o confronto entre cristologia e demonologia nem a identificação dos dois antagonistas, a saber, Jesus com poder divino e o demônio (quer seja identificado como Satanás ou diabo, espírito impuro ou Belzebu) como espírito do mal. No cristianismo não há um dualismo entre Deus e o demônio, bem e mal, matéria e espírito, porque não estão em pé de igualdade¹². As histórias dos exorcismos e das curas de doença, atribuídas ao demônio, têm por objetivo comprovar a aceitação e a *integração social* dos endemoninhados curados na comunidade cristã. Quem os integra é o próprio Cristo, por ser uma das metas de sua obra de redenção, cuja eficácia se estende sobre o mundo inteiro: “o céu, a terra e os abismos” (Fl 2,10), isto é, o universo, tripartido em três partes cósmicas, incluindo seus habitantes: os anjos do céu; os homens da terra; os mortos abaixo da terra.

É importante assinalar a concepção semítica da Antiguidade, na qual a crença nos demônios se concentrava não só na sua existência, mas também na prevenção contra os ataques dos espíritos do reino de Satanás. Isto é, os seres do mundo espiritual, cujos âmbitos de influência no mundo físico eram precisamente os “postos avançados” como áreas de risco à vida humana por estarem subtraídas à influência de Deus. Havia quatro áreas de risco de grande periculosidade e sob a influência nefasta dos demônios: *doença, prisão, alto mar, deserto*.

No Salmo 107 (106) são mencionadas essas quatro áreas de risco em referência à intervenção de Deus vindo em auxílio dos fiéis do Povo Eleito, arrebatando-os do reino de Satanás (Sl107,4-32)¹³. Quanto à designação da *prisão*, como a segunda área de risco, realçamos o fato de que essa área costumava ser identificada na literatura semítica antiga como sendo o *cemitério*, que foi substituído no Salmo por “prisão”, porque homem algum morava no cemitério. No NT, porém, consta a referência ao nome antigo identificando o cemitério como morada

11 A explicação da possessão do demônio, mencionada nos Evangelhos, como doença de caráter psíquico, histeria, mania depressiva, neurose, epilepsia, esquizofrenia, é um problema falso. Para Jesus, assim como para seus contemporâneos e os evangelistas, o demônio ou espírito impuro é o verdadeiro agente do mal que oprime o homem, cf. R. Fabris, “Evangelho de Marcos”, p. 477-479.

12 A oposição entre dois reinos e duas potências: o Reino de Deus e o reino de Satanás, é mencionado na literatura extra-bíblica: no livro apócrifo da *Assunção de Moisés* (X,1-10) e nos *Manuscritos de Qumrân*: a “Guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas” (1QM); (4Q471) in *Jesus und die Urchristen, die Qumran-Rollen entschlüsselt*, por R. Eisenman & M. Wise, Goldmann Verlag, Munique, 1994, p. 37.

13 O Salmo 107 (106) é recitado na liturgia de ação de graças pela libertação do exílio em agradecimento perene pela intervenção salvífica de Deus em favor dos fiéis. A vivência da fé no culto tem que prolongar-se até à vida cotidiana, incentivando os fiéis a serem solícitos no tratamento dos deficientes físicos de suas famílias. Cf. L. Stadelmann, *Os Salmos da Bíblia*, p. 524-529.

dos dois possesos de Gérasa (Mt 8,28-29 // Mc 5,1-10 // Lc 8,26-31). A cura dos endemoninhados consistiu na expulsão dos demônios da alma dos possesos. O afastamento desses intrusos nefastos tornou-se definitivo ao voltarem à outra área de seu domínio, o *alto mar*, o que tornou-se visível pelo estouro de uma grande vara de porcos precipitando-se no mar (Mt 8,30-33 // Mc 5,11-20 // Lc 8,32-39). Quanto à referência ao *deserto* como área de domínio dos demônios, remetemos à narrativa do exorcismo de um possesso surdo e mudo. No comentário explicativo dos evangelistas, consta a referência ao deserto onde os demônios estão armando ciladas aos viajantes extraviados da caravana. Saindo dos lugares ermos, esses mesmos demônios invadem as regiões habitadas em busca de vítimas incautas que lhes possam servir como morada (Mt 12,43-45 // Lc As outras citações do NT a respeito da cura dos possesos referem-se a intervenções milagrosas em casos de *doença*, como p. ex., a cura da filha de uma mulher cananeia (Mt 15,22 // Mc 7,24) e do surdo-mudo (Mt 9,32-34 // Mc 7,32-37 // Lc 11,14-15). É de notar a alusão aos meios terapêuticos, como p. ex., a saliva misturada ao pó de argila que foi aplicada ao surdo-mudo (Mc 7,31-37) e ao cego de Betsaida (Mc 8,22-26). O uso deste meio pode ter o sentido de ser um gesto preparatório do milagre propriamente dito e como ato de reconhecimento público de Jesus pelo trabalho empenhativo dos agentes da Pastoral da Saúde daquela época. Evidentemente essa terapia foi apenas preparatória para a cura, devida unicamente à intervenção milagrosa de Jesus. O caso do exorcismo da possessão do demônio e cura de Maria Madalena (Mc 16,9 // Lc 8,2) é significativo pelo fato de sua reabilitação no convívio social e integração na comunidade cristã. Ela tornou-se uma discípula engajada no apostolado como testemunha da ressurreição de Cristo (Mc 16,9-11 // Jo 20,11-18).

Ritos de exorcismo já estavam em voga no judaísmo antes do cristianismo. A diferença entre os ritos consistia na fórmula de esconjurar o demônio. No judaísmo, os exorcistas recorriam a uma fórmula mágica para invocar a força de Deus¹⁴, ao passo que no cristianismo se invocavam Jesus ressuscitado e o Espírito Santo¹⁵. Não é de admirar-se pois

14 Cf. Flávio Josefo, *Antiquidades Judaicas*, VIII, 2.5.

15 A partir do séc. II d.C. começou-se a tratar da glossolalia, como se pode ler nos escritos de Sto. Ireneu (140-190), distinguindo-a da recitação de fórmulas esotéricas. Os sons da fala de pessoas delirantes usavam palavras com sentido misterioso, em uso nos ritos mágicos, compreensivos apenas aos iniciados nos ensinamento esotéricos. Usavam-se de preferência nomes divinos e outros com desinência e sílabas tônicas de sons iguais ou semelhantes. Assim o nome de Jesus rimava com Tamuz etc. Cf. São Justino, *Diálogo com Trifon*, c. 85; G. Dautzenberg, "Glossolalie", em *Reallexikon für Antike und Christentum*, XI, Hiersemann, Stuttgart 1981, col. 225-246.

que os fariseus questionassem o rito de exorcismo de Jesus que recorria supostamente a uma fórmula mágica com a invocação de Belzebu, chefe dos demônios (Mt 12,22-37 // Mc 3,20-30 // Lc 11,14-28). Nesse ponto, convém analisar o exorcismo mais de perto. Aduzimos o caso de um epilético endemoninhado, que era resistente a todas as tentativas dos apóstolos e por isso foi trazido à presença de Jesus: este expulsou o demônio fazendo-o sair “gritando e maltratando muito o menino”. É que o segredo da eficácia do rito não está na fórmula mágica nem na técnica do ocultismo ou no exorcista gabaritado, mas na força divina que se precisa implorar pela oração. Quando o pai do menino começou a rezar pedindo a ajuda de Jesus, o demônio foi expulso (Mc9,14-29 // Mt 17,14-20 // Lc 9,37-43). Aliás, a função de exorcista é atribuída pela Igreja àqueles que possuem o carisma de fazer milagres e o dom de discernir os espíritos (1Cor 12,10).

Chama a atenção do leitor o fato de que os relatos dos Evangelhos incluem os casos de possessos no rol dos enfermos. Parece ser uma situação anacrônica, porque nenhum hospital da atualidade tem um setor reservado a possessos, e muito menos o havia na Antiguidade. A resposta mais provável parece ser o motivo de as religiões pagãs atribuírem a causa da enfermidade ao demônio e por isso compete à religião cristã exorcizar essas crenças e livrar os enfermos do medo de serem vítimas do demônio. Outro fator não menos importante é a finalidade do cristianismo, que não se reduz à mera melhoria da qualidade de vida, mas intenciona livrar a humanidade da influência do poder maligno através da graça de Cristo. É esta a razão de que, com a vinda de Cristo, parece ter havido um recrudescimento de possessões diabólicas naquela época como nunca na história, mas que arrefeceu a partir de então devido à dupla intervenção de Deus na humanidade, a saber, a ação de Cristo ressuscitado e a ação do Espírito Santo na Igreja e na alma dos fiéis.

Enfermidade que coexiste com a inocência

No relato da cura do cego de nascença está presente a discussão sobre a problemática farisaica: a culpa pela cegueira seria castigo por algum pecado. Mas a resposta de Jesus é categórica: “Ninguém pecou, nem ele nem seus pais”¹⁶. Com esta afirmação aconteceu uma reviravolta

16 Existe uma relação entre enfermidade e pecado, como p. ex. doenças venéreas, consequência de excessos com consumo de álcool, drogas ou com esportes radicais,...etc. Algumas doenças hereditárias resultam de pecados dos pais ou antepassados. Quanto aos esportes radicais não incluímos as modalidades esportivas que atendem à saúde e segurança dos esportistas, mas àquelas do tipo de deformações profissionais em voga entre os acrobatas e artistas do circo.

das concepções categóricas sobre a questão do sofrimento, porque ela se transfere do âmbito moral para a *soteriologia*. É que a enfermidade do cego “foi para que nele se manifestem as obras de Deus” (Jo 9,3).

Por isto, os critérios de análise, tão revestidos de interesses próprios e tão bitolados pelas condições sociais, culturais e pessoais em que nos formamos, precisam ser redirecionados para o homem sofredor, cujo protótipo é Cristo que exerce seu poder de Salvador não sentado num trono, mas do alto do patíbulo, para que o vejam as pessoas com deficiência física. A resposta que dele esperam não é uma resposta moral, mas o reconhecimento de sua dignidade aos olhos de Deus¹⁷.

O problema da causalidade recíproca entre sofrimento e pecado foi solucionado por Jesus e foi confirmado pelo ensino e por milagres. Como conciliar, porém, a advertência de Jesus dirigida ao paraplégico deitado à beira da piscina de Siloé após ser curado: “Não peques mais, para não te acontecer coisa pior”? (Jo 5,34). O que no Evangelho de João está em pauta é a culpabilidade provinda não somente dos pecados cometidos (Jo 9,3), mas também dos condicionamentos que preparam o caminho às faltas mais culpáveis (Jo 5,34). Entre os condicionamentos costumam ser citados os inimigos espirituais, como p.ex., a tríplice concupiscência: a concupiscência da carne (sensualidade), dos olhos (avareza), e do espírito (orgulho) [cf. 1Jo 2,16-17]. Destarte, convém ter presente os amplos setores tanto da moral quanto da ascese, nas quais se explicitam o significado e as exigências da práxis cristã.

É bom notar algum detalhe importante que os evangelistas incluem na narrativa da cura dos enfermos e pessoas com deficiência física. Assim, por exemplo, na cura do paraplégico (Lc 5,17-26) ressaltam-se as peripécias do traslado de um paraplégico desde seu leito até a rua e no final não restou outro jeito para chegar ao destino a não ser entrar pelo teto da casa onde Jesus se encontrava. O cenário contém uma mensagem importante para o enfermo: sair de casa e apresentar-se a Cristo sacramental na *casa de Deus*, para ali receber o auxílio divino nos sacramentos da confissão e comunhão, através da ajuda dos fiéis. É significativo também o desvelo dos serviçais, que não pouparam esforços em toda essa operação porque sabiam que ele continuaria sendo

17 É interessante citar o critério de avaliação dos bem-aventurados no Juízo Final, quando Cristo diz: “Estive enfermo e me visitastes” (Mt 25,36). Pelo fato de Cristo identificar-se com os enfermos, que dependem da solicitude dos familiares e do próximo, se comprova que Cristo assume o fardo e a dor da humanidade. Por conseguinte, Deus está empenhado na luta contra o sofrimento através do engajamento dos discípulos de seu Filho.

valioso como intercessor junto a Deus. Isto, porque o deficiente físico não só reza por eles, mas também oferece a Deus seus sofrimentos enquanto carrega sua cruz.

No caso da cura do doente de mão atrofiada (Mt 12,9-14 // Mc 3,1-6 // Lc 6,6-11) chama a nossa atenção o fato de que o cumprimento do amor a Deus e ao próximo exige a observância de práticas distintas. O mandamento do amor a Deus se cumpre, de um modo, pela observância do terceiro mandamento a respeito da santificação do dia do Senhor, que inclui o não trabalhar nesse dia (Dt 5,12-15). O amor ao próximo se cumpre no serviço aos necessitados, também aos enfermos, em casos especiais mesmo no dia do Senhor. Jesus realiza este serviço aos enfermos por milagres, mesmo no dia do Senhor. Outras pessoas, incluindo os agentes da Pastoral Social, realizam de diversas maneiras este serviço aos enfermos pela prática da assistência social ao necessitado, ao passo que Cristo o exerce por um milagre.

O milagre da mulher que sofria de hemorragia (Mt 9,20-22 // Mc 5,25-34 // Lc 8,43-48) põe em destaque o sofrimento de uma enferma por doze anos. O fator decisivo da cura é o poder divino que o próprio Jesus sente em sua pessoa como uma energia que irradia de dentro para fora, ao passo que a mulher sente essa energia ao tocar a orla do manto de Jesus. A mensagem da perícopes consiste na eficácia dos meios que proporcionam o contato com Deus. Esses meios são do tipo interno e externo: no primeiro caso trata-se da fé que se alimenta com a confiança em Jesus. No segundo caso referimo-nos às “situações-limite”¹⁸, que são atendidas por gente da área da saúde, com conhecimentos clínicos (p.ex., médicos, enfermeiros), mas também por agentes da Pastoral de Saúde, por meio de vários serviços, incluídos os sacramentos, também o sacramento da unção dos enfermos.

A condição prévia para o enfermo evoluir positivamente é livrar-se do medo de ficar relegado à própria sorte. À primeira vista, a deficiência física parece ser um empecilho para o relacionamento direto com Jesus. Isto não se reduz apenas ao “tocar a orla do seu manto”. Mas o amor de Jesus, acolhido com fé e confiança pela pessoa com deficiência, ultrapassa toda a expectativa.

18 A expressão “situações-limite” foi cunhada por K. Jaspers, *Philosophie II*, Berlim: Springer, 1932, p. 203. Trata-se de situações existenciais nas quais se tem de viver com luta e dor, sendo a morte a mais grave de todas.

O relato da cura da mulher encurvada ilustra a intervenção divina de Jesus no contexto de duas instituições sob jurisdição farisaica: a “sinagoga,” centro do culto e do ensino da religião judaica, e o “sábado” como dia sagrado, marcado pela observância religiosa. Entretanto, os critérios farisaicos, já de tempos idos, se sobrepujaram aos da religião israelita, sob o pretexto de serem sinais distintivos de identidade do judaísmo, visando-se garantir a sobrevivência da religião judaica em meio à maioria de adeptos de outras religiões. O caráter polêmico envolveu também os fiéis da sinagoga, porque ali se infiltrou o próprio Satanás manifestado na deformação da mulher. Por isso era preciso dar prioridade às normas de instituição divina sobre as normas farisaicas, que por sinal eram inócuas na defesa contra os assaltos do demônio. O resultado da intervenção de Jesus foi a cura milagrosa para alegria do povo e vexame dos fariseus (Lc 13,10-17).

Poderíamos estender-nos na verificação de muitos outros casos de deficiência física, citados nos livros do NT para ilustrar o poder divino de Jesus e a eficácia da obra de salvação divina, como também para comprovar a dignidade de pessoa humana e sua integração na comunidade cristã. Mas isto seria privar o leitor da profunda gratificação na busca e descoberta pessoal de outros aspectos significativos nas narrativas bíblicas sobre as pessoas com deficiência.

Conclusão

Uma visão de conjunto sobre o tema da deficiência física nos põe em contato com os autores bíblicos que oferecem reflexões de primeira mão através dos enfermos que falam da própria experiência. Eles não se cansam de repetir que o sofrimento só pode ser expresso de forma narrativa e simbólica, não de modo conceitual e intelectual. O NT faz uma inovação nunca dantes vislumbrada ao introduzir no centro da história da salvação a pessoa de Jesus Cristo que “tomou sobre si as nossas enfermidades e sobrecarregou-se dos nossos males” (Mt 8,17). É o “homem das dores” porque é o libertador de todo sofrimento. Nessa figura sofrida encontramos a expressão distorcida, fragmentária e parcial do “homem como imagem e semelhança de Deus”. Dessa imagem de Deus vai surgindo por associação e reflexo um quadro mais amplo, que inclui pessoas com deficiência física e enfermos do mundo todo em busca da transformação das “situações-limite”, através da esperança na ressurreição.

Questões para refletir

1. Como a liturgia sagrada ajuda para restituir a dignidade humana às pessoas com deficiência física?
2. Qual é a maneira mais eficaz para superar a crença de que o diabo causa a enfermidade?
3. Como podemos associar-nos à obra de salvação de Cristo com o sofrimento pessoal?

O DISCERNIMENTO EM JOÃO CASSIANO: PISTAS PARA RESPONDER AO CHAMADO DE DEUS NO ITINERÁRIO VOCACIONAL

FREI EDIMAR FERNANDO MOREIRA, OCARM1

O questionamento sobre qual caminho vocacional seguir, numa perspectiva cristã, propõe discernir qual a vontade de Deus para a nossa vida. Diariamente, na Vida Religiosa Consagrada (VRC), somos desafiados a buscar escutar Deus e interpretar seu chamado em nossa vida.

A Igreja nos convida a refletir o tema do discernimento na Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2018, cujo tema é “Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional”. Segundo o documento preparatório do sínodo, o discernimento vocacional é o processo pelo qual “a pessoa, em diálogo com o Senhor e à escuta da voz do Espírito, chega a fazer as opções fundamentais, a começar por aquela sobre o estado de vida” (DOCUMENTO PREPARATÓRIO, 2017, II,2). Esse tema faz parte da grande tradição espiritual da Igreja.

João Cassiano, vislumbrado pelo ideal de uma vida de perfeição, refletiu o tema do discernimento, principalmente por meio dos ensinamentos atribuídos ao abade Moisés. Cassiano nasceu por volta do ano 360, na Scynthia Menor. Ainda jovem, atraído pelo ideal monástico, dirigiu-se à Palestina e ingressou na vida cenobítica em um dos mosteiros de Belém, onde estabeleceu morada.

Ao longo de sua vida, teve contato com realidades diversas, como renomados anacoretas e cenobitas. Isso foi possível porque empreendeu diversas viagens para esses fins (Egito e Roma, por exemplo).

Na maioria dessas suas itinerâncias, tinha a companhia de seu amigo Germano. Por volta de 415, fundou, em Maselha, no sul da Gália, os mosteiros de São Vitor, masculino, e de São Salvador, feminino. Como um dos grandes luminares na vida monástica ocidental, morreu em Marselha, por volta de 434.

Neste artigo, queremos analisar como a noção de *discretio*, em João Cassiano, poderia ajudar os cristãos num processo de escolha de uma vocação específica, tal como na V.R.C. Para isso, após refletirmos sobre o termo *discretio*, identificaremos quais são os princípios que regem nosso pensamento. Em seguida, consideraremos sobre a importância de a pessoa ter clara a meta para a qual se propõe e de se lançar em sua direção. Por fim, apresentaremos uma das atitudes necessárias para se chegar ao discernimento.

Discretio

João Cassiano foi o primeiro teórico do monasticismo a escrever em latim. Ele tomou a palavra latina *discretio* da Vulgata¹. O termo é geralmente traduzido por discricção ou discernimento. Como nosso intento, em última instância, é tratar da questão no contexto vocacional, optaremos mais pelo termo “discernimento”.

O tema do discernimento aparece pela primeira vez no final da primeira conferência de sua obra *Collationes Patrum*, traduzida por *Conferências* (cf. Col. I, 20). A segunda conferência, porém, será toda dedicada ao tema. As duas são colocadas sob a autoria principal do abade Moisés, que citará, em determinada altura, Antão. A partir dessa conferência dedicada ao tema, a questão do discernimento mantém-se presente, explícita ou implicitamente, por toda a obra. A própria dinâmica de Cassiano e Germano, que submeteram seu aprendizado aos 15 anciãos ao longo das 24 conferências, revela essa índole² (cf. RAMSEY, Introdução. In: CASSIAN, 1997, p. 18).

- 1 Nas Escrituras, o discernimento tem relação profunda com a dimensão sapiencial (D’ALBA, 2013, 169). O termo “discernimento dos espíritos” aparece pela primeira vez na Bíblia em I Cor 12,10. Outras poucas vezes, no Novo Testamento, encontramos seu correspondente referindo-se ao discernimento dos espíritos. Elas são: Rm 14,1; Hb 4,12; 5,14; e IJo 4,1 (Cf. LIENHARD, 1980, p. 508). Geralmente, o termo grego *dokimásein* é mais utilizado que *diákrisis* para dizer sobre o discernimento. Alguns exemplos de sua utilização são: Rm 12,1-2; Ef 5,8-10; Fl 1,8-11; ICor 11, 28-29; IICor 13,5-6; Gl 6,4-5; Its 5,19-22; IJo 4,1 (Cf. CASTILLO, 1989, p. 57-68).
- 2 Boniface Ramsey afirma que a sistematização de seu pensamento em 24 colações pode fazer, eventualmente, referência aos anciãos presentes em Ap 4,4. Não seria de se estranhar esse fato no contexto da numerologia patrística. Em relação aos 15 anciãos, o autor alerta que não há grandes motivos para não se duvidar até mesmo da existência de alguns deles. São poucos sobre os quais se falam em outras fontes. Apesar, porém, de a maioria não passar de nomes para nós, provavelmente eram figuras conhecidas em seu tempo (cf. CASSIAN, 1997, p. 09-11). Por esse motivo, geralmente, mesmo fazendo referência ao discurso de Moisés ou Antão, irei citá-los como discurso de Cassiano.

Para Cassiano, “o discernimento é a virtude que conduz o monge a Deus, com passo firme e destemido [...]. Por isso a discrição é a mãe, a guardiã e a moderadora de todas as virtudes” (Col. II, 4)³. Nesse sentido, o discernimento não é uma virtude que possa ser alcançada apenas por nosso esforço. Ele “deve ser considerado um dom com que a liberalidade divina nos agracia”. Ele parte do texto paulino de ICor 12,8-10. Nele, o Apóstolo o enumera entre os mais nobres dons (cf. Col. II, 1). Aqui, podemos observar que é salientada a ação genuína do Espírito Santo. Todavia, para se alcançar essa dádiva divina é necessária a abertura do ser humano. Portanto,

se o monge não põe todo seu empenho em alcançá-la e não é capaz de discernir com segurança os espíritos, ele, inevitavelmente, qual homem que anda errante numa noite escura por espessas trevas, não só será a vítima fatal de armadilhas e precipícios, como também, certamente, tropeçará com bastante frequência, mesmo ao percorrer caminhos planos e retos (Col. II, 1).

O discernimento, portanto, aparece na reflexão de Cassiano como meio para a realização da vontade divina na vida humana.

O discernimento da vocação é um discernimento espiritual. Ele implica, para o candidato, a busca por discernir a vontade de Deus sobre ele e, ao mesmo tempo, a abertura para dispor livremente sua pessoa a realizar essa vontade divina. Esse discernimento vocacional, porém, tem também um caráter antropológico. Por isso, ele levará em conta as faculdades humanas, como captar e sentir, entender e apreciar, julgar e decidir. A visão cristã concebe o ser humano como um ser de diálogo com o Criador. Assim, a vocação deve ser entendida como parte íntima de todo ser humano. Ele escuta um convite ao qual se sente impelido a responder (GARCÍA DOMÍNGUEZ, 2010, p. 19-25).

A origem dos pensamentos: Aquele que chama!

O objeto sobre o qual se deve discernir geralmente aparece na vida das pessoas como um pensamento. Alguns pensamentos, porém, podem ser meramente supérfluos. Podem surgir contra nossa vontade e contra nosso conhecimento. Por isso, Germano irá perguntar a Moisés

3 Cassiano utilizará, ainda, outros símbolos para referir-se ao discernimento: lâmpada do corpo (cf. Mt 6,22-23); sol (cf. Ef 3,26); leme (cf. Pr 11,14); conselho (cf. Sl 103,15; Pr 31,3); e alimento sólido (cf. Hb 5,14) (cf. Col. II, 3-4).

como explicá-los⁴ (Cf. Col. I, 16). Moisés responderá que realmente não está sob nosso controle o aparecimento ou não dos pensamentos. Aceitá-los ou aprová-los, sim. Desse modo, faz-se necessário saber qual a fonte do pensamento (cf. Col. I, 16-17).

Cassiano afirma que há três princípios para o nosso pensamento: Deus, o demônio ou o nosso próprio eu. Ele provém de Deus “quando ele se digna visitar-nos por uma iluminação do Espírito Santo [...]”. Ainda se originam em Deus as revelações que dos sagrados mistérios nos são manifestadas e, também, a inclinação que ele imprime à nossa vontade para aderirmos a propósitos e atos mais salutares⁵. Eles, por sua vez, podem ter origem no demônio quando ele se esforça para provocar nossa queda. Para isso, ele se transfigura em anjo de luz. Do nosso eu, finalmente, ocorre “quando normalmente nos lembramos de tudo quanto estamos fazendo, fizemos ou ouvimos” (Col, I, 19). Assim, podemos observar que os vindos de Deus nos elevam para um proveito mais sublime. Aqueles dos demônios nos enganam pelo deleite dos vícios, mostrando o mal sob a aparência de bem. O que vem de nós se dá de forma natural (Cf. LIBÂNIO, 1977, p. 60).

Desse modo, diante da tríplice origem do pensamento, convém

examinarmos, com sagaz discernimento, todos aqueles que brotam de nosso coração. Urge que verifiquemos, tão logo se afluem, qual seja a sua origem, sua causa e sua autoria a fim de podermos avaliar, segundo o mérito do que sugerem, como devemos acolher. Assim, nos tornaremos, segundo o preceito do Senhor, peritos avalistas (Col. I, 20).

Cassiano, utilizando uma metáfora sobre o ouro e sua purificação, compara os capazes de fazer tal discernimento com os avalistas (cf. Mt, 25,27). Eles dominam a arte de saber distinguir o ouro puro daquele não que não foi purificado pelo fogo (cf. Col. I, 20).

O monge identifica, porém, dois riscos que devem ser evitados. Primeiro é o perigo de se deixar levar por filosofias que pareçam soar a verdadeira religião. Segundo, “convém observar, cuidadosamente se,

4 Para Libânio, “o abade Cassiano, sem usar a categoria do inconsciente, inicia suas reflexões sobre o discernimento, com uma pergunta, que hoje poderíamos entender nessa linha do inconsciente” (1977, p. 59).

5 Cassiano irá mostrar, a partir das Escrituras, que “o mesmo aconteceu com o profeta, quando exclama: ‘Escutarei o que o me diz o Senhor Deus’ (Sl 84,9). E com esse outro que afirma, ‘Assim falou o anjo que falava em mim’ (Zc 1,14). Ou quando o Filho de Deus promete vir com o Pai e fazer em nós a sua morada (cf. Jo 14,23) e também ao dizer: ‘Não sereis vós que estareis falando, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós’ (Mt 10, 20) e ainda quando São Paulo, o vaso de eleição, escreve: ‘Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim’ (2Cor 13,3)” (Col. I, 19).

ligado ao ouro puríssimo das Escrituras, uma falsa interpretação não venha nos enganar, por causa da preciosidade do metal”. Utiliza as tentações de Jesus para mostrar como o demônio tentou ludibriá-lo por meio de uma interpretação equivocada da Escritura (cf. Col. I, 20).

Sobre o primeiro, poderíamos comparar aos inúmeros modismos e ideologias que contradizem o projeto de Jesus Cristo em nossas comunidades hoje. Quanto ao segundo, recai sobre nós o reconhecimento da necessidade de uma interpretação bíblica adequada. Principalmente depois do Concílio Vaticano II, por meio de documentos como *Dei Verbum* e *Verbum Domini*, essa busca se tornou bastante evidente.

Portanto, para Cassiano, “compete-nos, pois, perscrutar incessantemente o íntimo do coração e examinar, com máxima atenção, as marcas das ideias que ali penetram” (Col. I, 22). Podemos, hoje, definir tais marcas com o termo teografia, ou seja, “a escrita de Deus ou o modo como Deus se inscreve, deixando marcas que podem ser lidas”. Vai além de uma leitura de Deus na Sagrada Escritura. É a leitura de uma carta de Cristo, escrita pelo Espírito Santo em nós mesmos, em nossos corações. A noção de teografia, por sua vez, é mais que uma mera metáfora ou comparação. Ela é uma realidade, pois Deus verdadeiramente age, marca-nos (cf. VÁSQUEZ, 2001, p.78). O discernimento levará o candidato a decidir sobre qual caminho seguir.

O seguimento: aquele que escuta!

Para Cassiano, tudo na vida tem um escopo e uma finalidade específico. Ele exemplificava isso por meio de várias profissões. O lavrador, por exemplo, tem por finalidade ter um futuro seguro e com um patrimônio maior. Por isso, enfrenta todas as adversidades do clima e do trabalho rural para alcançá-la (cf. Col. I, 2). Para alcançar o objetivo, há um caminho a ser percorrido. Por isso, escopo e finalidade estão intimamente interligados. O mesmo ocorre com a vida monástica.

Importa sempre ter em mente o fim ao qual se quer chegar, antes de mais nada. Nas palavras de Cassiano, “para alcançá-lo suportamos todos os trabalhos, não apenas sem cansaço, mas com alegria” (Col. I, 2). Essa alegria já dá pistas de que se está no caminho certo. Quando a resposta vocacional é acertada, vale a pena o esforço da caminhada. Mas, afinal, qual a finalidade e o escopo de nossa VRC?

Nas palavras do Moisés, a finalidade da profissão é o reino de Deus. O escopo, por sua vez, é a pureza de coração, a santidade. Sem essa, será impossível alcançar o fim almejado (cf. Col. I, 4.5). A pureza de coração

deve ser a chave diante de tudo o que se for fazer e desejar. Por isso, convém condicionar “as práticas secundárias, como jejuns, vigílias, retiros, meditações da Escritura, a nosso escopo primordial, isto é, a pureza de coração, que outra coisa não é, senão a própria caridade” (Col. I, 7).

Cassiano citava São Paulo, para dizer da importância de se ir em direção ao fim, em direção à meta que o cristão se propõe. Assim se recolherá o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus (cf. Fl 3,13-14). É para isso que o monge renunciará pais, pátria, honrarias... Todavia, não bastam os esforços. É fundamental manter sempre ante os olhos sua meta. Para Cassiano, “é inevitável que a alma, não tendo meta definida para onde se voltar e onde se fixar, se entregue a devaneios, ao sabor da variedade de pensamentos que nela se insinuam, tornando-se assim o juguete de influências externas, de acordo com a primeira impressão recebida” (Col. I, 7). O discernimento aqui é fundamental, pois é a virtude que conduz o cristão a Deus, com passo firme e destemido (cf. Col. II, 4).

O ancião: aquele que ajuda!

Para Cassiano, o discernimento está ligado a sua preocupação principal da vida monástica: a perfeição. Só se poderá ser perfeito com discernimento (Cf. Col. II, 2). São citados diversos exemplos de pessoas que, na busca do caminho de perfeição, se perdem pelo caminho pela ausência de discernimento. Citemos o caso de Heron, explicitado por Moisés. Ele vivia no deserto havia mais de cinquenta anos. Tinha uma vida muito austera e era rigoroso na prática do jejum. Na festa da Páscoa, nem participava com os irmãos para não incorrer no risco de comer alguns legumes. Numa dessas ocasiões, tentado pelo anjo de Satanás, lançou-se num poço. Fez isso “por estar certo de que, por mérito de seus trabalhos e suas virtudes, estaria para sempre imune de qualquer perigo, de acordo com a garantia que o anjo lhe dera”. Diante dessa situação será colocado o seguinte questionamento: “porventura não lhe faltaria a virtude do discernimento e não preferiu ele se orientar por seu próprio julgamento, ao invés de obedecer aos conselhos e deliberações dos irmãos e aos ensinamentos dos antigos?” (Col. II, 5). Aqui se constata como esse discernimento não é algo meramente pessoal. Ele passa pela via da escuta de pessoas capazes de ajudar no acompanhamento espiritual de outrem⁶.

6 Cassiano apresenta Samuel e Paulo como exemplo de personagens bíblicos que foram instruídos por pessoas que lhes ajudaram no processo do discernimento (Cf. Col. II, 14-15).

Para Cassiano, “o meio, pois, de alcançar a ciência da autêntica discricção é seguir as pegadas dos anciãos. Não tenhamos a presunção de inovar ou de confiar em nosso próprio critério, mas, ao contrário, procuremos, em todas as circunstâncias, seguir as tradições e a santidade de vida que nossos maiores nos ensinam” (Col. II, 11).

O papel do/a acompanhante vocacional ou do/a formador/a, analogamente, portanto, se mostra relevante no itinerário do discernimento vocacional. O discernimento, geralmente, carece da ajuda de outra pessoa. Ele é feito a dois.

São três as funções daquele que acompanha nesse processo: garantir as condições exteriores do discernimento, como o recolhimento de dados e a segurança de que as possíveis decisões são conduzidas pela oração; favorecer as condições interiores, em vista de evitar, no candidato, qualquer autoengano e facilitar sua liberdade; e, por fim, aquele que acompanha também realiza seu discernimento pessoal sobre o material que a pessoa lhe comunica, seja em relação ao momento presente, seja em relação a todo processo (cf. GARCÍA DOMÍNGUEZ, 2010, 29–30).

Trilhar esse caminho de discernimento só será possível diante de uma autêntica humildade. Nisto consiste a primeira prova: “submeter ao exame dos antigos todos os nossos pensamentos e ações” (Col. II, 10). Trata-se, antes de tudo, de se reconhecer necessitado da ajuda do outro. Diante de tal guia, Cassiano afirmava que se faz necessário expor o máximo possível sobre a vida no seguimento de Cristo, sem qualquer constrangimento vergonhoso. Somente assim se poderá receber deles os remédios para as feridas e os exemplos de uma vida de conversão. A presunção de caminhar sozinho pode provocar equívocos nas decisões da pessoa (cf. Col. II, 13). Essa confiança no guia espiritual, certamente, não é automática. Na dimensão do acompanhamento vocacional, ela será construída. Todavia, é inegável sua necessidade. O candidato só poderá ser ajudado se for verdadeiro, sincero. Em última instância, dissimular alguma situação, antes de ser um ato de enganar ao acompanhante vocacional, é o de enganar-se a si mesmo. Por outro lado, isso demanda uma maturidade e experiência apropriada daquele que acompanha.

Ao longo das conferências aludidas a Moisés e Antão, será recorrente o exemplo de pessoas que cometeram grandes equívocos por falta de um guia que o ajudasse no processo de discernimento. O mesmo ocorre quando o guia não é devidamente preparado para o encargo. Não é suficiente a cabeça branca e a vida longeva. Cassiano citava o exemplo de um

jovem fervoroso, mas que era atormentado pelo espírito da fornicação. O ancião lhe disse palavras amargas. Chama-o de indigno e miserável e afirmou que ele nem deveria receber o nome de monge. O jovem entrou num profundo desespero e abandonou a cela. Somente quando encontrou Apolo, o mais respeitado dos anciãos, teve seus sofrimentos acolhidos. A duras custas, por fim, o ancião que fora intransigente com o jovem monge, aprendeu que “devemos não só nos abster de censurar alguém que nos revela as suas faltas, como também não desprezar seus sofrimentos mesmo leves que sejam” (Col. II, 13). Certamente, aqui se encontra uma importante chave que pode ser retomada com eficácia no acompanhamento de jovens em seu processo de discernimento.

Considerações finais

Portanto, verificamos que a noção de discernimento tem um lugar muito importante na vivência cristã. Antigas regras, como a beneditina e a carmelita, e grandes místicos, como Santa Teresa d'Ávila e Santo Inácio de Loyola, foram influenciados pela visão de João Cassiano sobre o tema.

No itinerário vocacional, tal reflexão pode ajudar aqueles que se encontram num processo de escolha de sua vocação, seja qual for o estado de vida ao qual se sinta chamado. É fundamental, porém, saber distinguir as marcas que Deus deixa em nosso coração de outros enganos. Olhando-as cuidadosamente, na história pessoal, o vocacionado poderá encontrar ferramentas suficientes para tomar sua decisão. A partir disso, será necessário se colocar rumo à meta principal, que em qualquer estado de vida cristã será Jesus Cristo. Diante de sua escolha, haverá, por sua vez, condições próprias, às quais o candidato deverá, livremente, se submeter, em vista de atingir o fim ao qual se propõe. Para garantir um melhor discernimento, é salutar a presença e participação de pessoas que sejam capazes de ajudar.

A resposta vocacional, porém, é sempre um ato de fé. Um lançar-se rumo ao único que acreditamos ser capaz de nos oferecer satisfação às nossas inquietações. Na VRC esse movimento é constante, seja por parte daqueles/as que já estão, seja pelos jovens que batem à nossa porta para pedir ajuda nesse discernimento. O discernimento, porém, exige coragem, pois, junto do chamado, vem uma missão. Somente uma abertura sincera ao chamado de Deus nos permitirá dizer com Teresa de Jesus: *“Vossa soy, para vós nascí! ¿Que mandais hacer de mí?”*

Para refletir:

1. O discernimento vocacional pressupõe a fé. Na sua caminhada vocacional, quais os sinais de Deus que lhe servem como confirmações para sua vocação?
2. Em que medida a compreensão das origens do pensamento de João Cassiano podem ter relação com o debate da ciência e da fé na cultura e na pensamento hodierno?
3. Quais os principais desafios para motivar a juventude a abrir-se para processos de discernimento vocacionais? Quais saídas sua comunidade busca oferecer?

Referências

BERARDINO, Angelo. *Dicionário Patrístico e de antiguidades cristãs*. Vozes: Petrópolis, 2002.

_____. (dir.). *Literatura Patrística*. Ave Maria: São Paulo, 2010.

BORGONGINO, Bruno. O conceito de “discretione” na obra monástica de João Cassiano. XXVIII Simpósio nacional de História (anais). Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434528160_ARQUIVO_BrunoUchoaTextoCompletoAnpuh2015.pdf >. Acesso em: 18.jun.2016.

CAMARRÚS, Carlos. *A pedagogia do discernimento*. Loyola: São Paulo, 1991.

CANTIN, Roger. *O discernimento espiritual e comunitário*. Loyola: São Paulo, 1987.

CASSIAN, John. *The Conferences*. Newman: Mahwah, 1997. n. 57.

CASSIANO, João. *Conferências: I-7*. Mosteiro da Santa Cruz: Juiz de Fora, 2003. v. I.

CASSIEN, Jean. *Conférences: 1-8*. Cerf: Paris, 1955. v. 42. (latim-francês).

CASIDAY, A. *Tradition and Theology in St John Cassian*. Oxford: New York, 2007.

CASTILLO, José. *O discernimento cristão: em busca de uma consciência crítica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CIVCSVA. *Alegrai-vos*. Paulinas: São Paulo, 2014.

D'ALBA, Vincenzo. La *Discretio* nella Regola del Carmelo. *Carmelus*, Roma, V. 60, n. 1, p. 167-206, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Alegria do Evangelho (EG)*. Paulina: São Paulo, 2013.

GARCIA DOMÍNGUES, Luis. *Discernir o chamado*. Paulus: São Paulo, 2010.

MOLARI, Carlo. Meios para o desenvolvimento espiritual. In SE-CONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo (org). *Curso de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1993. P. 415-468.

MORO, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. Loyola: São Paulo, 2001.

Monge da Ordem dos Cartuxos. *O discernimento dos Espíritos*. Paulinas: São Paulo, 2006.

LIBANIO, Joao Batista. *O discernimento espiritual revisitado*. Loyola: São Paulo, 2000.

_____. *O discernimento espiritual: reflexões teológico-espirituais*. Loyola: São Paulo, 1977.

LIENHARD, Joseph. On “Discernment of Spirits” in the Early Church. *Theological Studies*. V. 41, n. 3, p. 505-529, sep. 1980.

Sínodo dos Bispos. XV Assembleia Geral Ordinária: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional (Documento preparatório). Disponível em: < http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html >. Acesso em: 15.fev.2016.

QUEIMADOS PELO ESPÍRITO

UMA REFLEXÃO SOBRE A SENSIBILIDADE E A CARIDADE PASTORAL

JOÃO DOS SANTOS BARBOSA NETO¹

Este artigo propõe-se a refletir sobre o tema da caridade pastoral em duas linhas diferentes. A primeira parte procura contextualizar a caridade pastoral e apresentar um caminho com o qual se possa nutri-la e exercitá-la. A segunda parte visa sugerir uma direção na qual o primado de Deus esteja em harmonia com o ser pastor do religioso, evitando o risco do ativismo.

Como nutrir e exercitar a caridade pastoral?

O primeiro passo é contextualizar e identificar a caridade pastoral. Para isto é importante olhar a história e entender que num primeiro momento esta palavra não era explicitamente utilizada, entretanto outros termos eram usados para se referir à atenção e dedicação à missão: ímpeto apostólico; zelo; ardor; sacrifício pelas almas; saber enfrentar o frio, o calor e as dificuldades. O ponto de referência dos religiosos eram as orientações dos santos fundadores, a introdução aos regulamentos. A caridade pastoral era a capacidade do religioso de ser todo para a missão, enviado pelo Senhor segundo o próprio carisma.

Hoje para compreender o que é a caridade pastoral de modo aplicado é necessário olhar as próprias Constituições ou Regulamentos e

¹ Pe. Me. João Neto, sdb
E-mail: joaoneto@missaosaesiana.org.br

seguindo o próprio carisma fundar a vida na caridade, isto é, no amor de Deus e se interrogar: como o acolho? Como o transmito? E na pastoral, isto é, com os destinatários, como faço para que eles sintam o amor de Deus e o torne concreto?

Nutre-se esta caridade buscando compreender qual era a prioridade do fundador da própria ordem, tendo sentido de Igreja, de comunhão eclesial e criatividade pastoral (visão otimista, capacidade de trabalho e sacrifício). Nesta situação surge uma outra pergunta: onde me encontro? Responde-se a partir de um sentido de fé, a partir da Eucaristia (onde constata-se que o Senhor se dá totalmente), renovando o empenho de cotidianamente ser para... ser para os destinatários... ser para os irmãos... estar à disposição de... A relação é estabelecida segundo a missão que se recebe, porque evidentemente deve-se dar um sentido àquilo que se faz.

Ora, existe neste processo um critério de gratuidade e fecundidade. Por exemplo, um religioso que é pároco de uma paróquia com mais de 50 mil habitantes ou que é diretor de uma obra com mais de mil alunos e recebe a obediência de ser mestre de noviços com 5 ou 6 noviços. A obediência exigirá dele um grande esforço pois deverá mudar todas as suas categorias pessoais e o seu comportamento pastoral. Quando ao religioso é confiada uma particular missão, um particular grupo de destinatários e uma particular comunidade pode nascer uma importante pergunta: como ele vive toda esta mudança? Vive por si ou vive para os outros? E no viver para os outros, ele procura dar testemunho carismático através da criatividade e da paciência? Também neste dramático processo da vida existe o sentido do amor de Deus a ser vivido na interioridade e testemunhado.

Quando vieram para o Brasil, os primeiros missionários das diversas ordens e congregações tinham uma idade média de 26 anos. Mesmo que se pergunte o que é que eles poderiam entender por caridade pastoral, certamente a resposta provinha do comportamento de fé e amor a Deus e ao próprio fundador/carisma que os faziam dar-se inteiramente à missão a eles confiada aplicando tanta bondade e tanta capacidade criativa.

Por isso a importância de alimentar a relação com Jesus Cristo e crescer na sensibilidade ao outro. A Eucaristia e a fronteira pastoral estão juntas. O contato com os destinatários, a experiência de necessidades e o amor a eles é o que sustém a nossa caridade pastoral.

Neste tempo papa Francisco faz constantes apelos aos superiores dos religiosos tanto para irem às periferias do mundo, quanto para selecionarem e enviarem os melhores. Porém o que significa para o religioso ir à periferia das realidades (situações de risco, campo de refugiados...) com a caridade pastoral? Ele não vai lá para construir, estará ali não por si mesmo, mas para os outros, em nome de Alguém que dará a fecundidade. Esta situação supõe a capacidade de expressar uma paternidade/maternidade que abre diferentes horizontes, esta será a sabedoria do irmão/irmã chamado/a a esta missão, pois a caridade pastoral encarna-se segundo as circunstâncias externas: dos destinatários, do bem que posso fazer, da resposta que dou, das iniciativas que faço.

Cada um pode sonhar com certo tipo de experiência pastoral, porém em determinado momento chegará a obediência e te dirá o que deverá fazer, e então obedecer e realizar a missão com a caridade pastoral talvez será um pouco difícil e de um certo ponto de vista a pessoa poderá ter um deserto de estímulo motivacional. Porque a experiência da caridade pastoral é uma experiência do 'NÓS' e não somente do 'EU'. Não somente porque vivemos em comunidade, mas porque o projeto é de todos, porque a colaboração que eu ofereço é para um projeto feito em conjunto e que dá sentido de congregação e de Igreja.

É uma atitude do coração no qual cada um procura dar a sua contribuição no conjunto daquela que é a missão de uma obra. 'Ser para', 'em nome do Senhor' e dentro do projeto comunitário orientado ao 'NÓS'. Este processo, às vezes, é difícil de entender porque com a profissão religiosa torna-se 'NÓS', não para perder a personalidade, mas para fazer parte de um conjunto, que é sujeito e expressão da missão.

A experiência de iluminação que vem do caminho da vida consiste em entender que a caridade pastoral (da qual se fala cada vez mais: *Pastore dabo vobis, vita consecrata, a nova Ratio sacerdotale...*), está no centro da vida religiosa, sobretudo na pastoral em seus diversos elementos: Jesus Cristo; capacidade de sacrifício; querer bem aos destinatários; sentido de otimismo; não pensar sempre em si mesmo; enfim, ter convicção interior e o coração radicalmente doado ao Senhor e à missão. Deste modo a caridade pastoral é a chave de leitura dos diversos aspectos da vida, inclusive com a capacidade de estar aberto culturalmente, alimentando o sentido fundamental da vida com atitudes concretas.

Atitudes concretas: o serviço ao povo de Deus, procurando fazer aquilo que é avaliado justo nos vários momentos particulares: sacramentos, Palavra de Deus, oratório, movimentos, pastorais... Estar perto das pessoas como religioso/a consagrado/a, no serviço da caridade. Aproximando-se das famílias, entrando em relação com os pais.

A atenção às diversas necessidades, sobretudo dos jovens que não encontram trabalho, vítimas da violência, da droga, do álcool e do bullying. Atualmente existe uma grande dificuldade proveniente das próprias pessoas, por isso não podemos desanimar diante da não resposta, do distanciamento e da indiferença religiosa das pessoas.

Conjugar o 'primado de Deus' com o 'ser pastor' evitando a rotina e o ativismo

Eis aqui um grande desafio! De um lado, o religioso é enviado a agir e a servir, portanto deve ser empreendedor, ativo, dinâmico. De outro lado, ele deve estar arraigado no Senhor, pois a missão recebe-se dEle, a fecundidade vem dEle e, portanto, deve-se testemunhar a presença dEle.

O empenho cotidiano é associar esta missão que provém de Deus com este desejo radical de servir lá onde se é chamado. Como diz o papa Francisco: estar em saída é ter uma forte interioridade. Cada congregação sugerirá uma pedagogia com os meios com os quais o religioso poderá garantir a unidade de vida, o justo equilíbrio, pois existem irmãos introvertidos, tímidos que não se lançam facilmente, mas também existem irmãos extrovertidos, que estão sempre em movimento.

Em nível humano, é essencial que o religioso tenha consciência das próprias características para então encontrar aquela pedagogia de vida que o ajude a manter esta sintonia e integrar as suas forças. É um constante desafio buscar estar em contato com a realidade, com os destinatários, em um contato direto para ter conhecimento real da situação existencial. Assim, deve-se procurar, na medida do possível, estar em contato com a realidade e com as situações concretas, também em modo simples. Alimentar e sustentar estes dois aspectos que criam a comunhão e que devem estar em sinergia: a graça da unidade.

Ser Igreja em saída é ir ao encontro dos destinatários, procurando recuperar o sentido profundo, interior, daquilo que faz. Então, de um lado cultiva-se o sentido pastoral, a sintonia com a realidade, conhe-

cendo-a porque é nela que se deve agir, e de outro lado, cultivar o outro aspecto que interroga na profundidade do ser: olhe o que você faz, onde vai e por que o faz?

Estas situações permitem medir a capacidade de unidade. Existem situações de solidão, onde a pessoa entende e se pergunta se realmente sente-se sozinha ou se está em comunhão pessoal e profunda com o Senhor: comunhão de motivação, de interpretação, de sentido. Há também a capacidade de sofrimento, de cruz, e em qualquer situação necessita-se cultivar e ter uma perspectiva justa da própria experiência de vida, e assim, a pessoa pode identificar em que deve crescer na experiência humana e na interioridade.

Um elemento que ajuda é a dimensão comunitária, mas não o horário comunitário, mas o sentido de partilhar a experiência de vida, que é experiência pastoral interiormente motivada. Talvez este seja um ponto fraco da vida religiosa regular. A primeira pergunta que geralmente se faz quando a comunidade se reúne para o início de um ano é: “o que devemos fazer?” Ou “vamos combinar e dividir as obrigações!”... porém a ressonância interior, a motivação pela qual se realiza a missão ou as funções quase sempre não são partilhadas. É por isso que este importante aspecto deve ser alimentado e sustentado para realçar esta dimensão.

É preciso cultivar a unidade para não se desequilibrar em um intimismo que não é cristão ou em uma atitude de extroversão que não é saudável ao coração. A vida religiosa concede ao longo de toda formação uma pedagogia pessoal, de comunidade, de confronto, de avaliação que deve auxiliar a superar os desafios e a manter unidos estes binários, proporcionando ao religioso viver em modo justo o próprio estilo carismático.

São tantos os irmãos que possuem uma vida unificada. Seja por questão de caráter, seja por saberem decantar as tensões, encontram a motivação essencial que vai além daquilo que fazem, pois é esta atitude que ajuda a construir uma pessoa relativamente madura, nunca pronta, mas sempre em caminho.

Atitudes concretas: cuidar da vida de oração; colocar no centro a Santa Missa; dar tempo ao estudo da Palavra de Deus. Um religioso deve sempre ter em mente que é um homem de Deus. Não colocar jamais a si mesmo no primeiro lugar, mas Deus, pois está trabalhando para Ele e para o Reino.

Torna-se religioso não para si, mas para Deus, para os outros: entre a atividade e a oração, o que você escolhe? Dizem que Dom Bosco nunca rezava, porém o próprio Papa Pio XI o defendia: “quando que Dom Bosco não rezava?”. Retirar da vida o primado da Santa Missa e da Eucaristia significa não ter força para exercitar o apostolado, porque o apostolado se esvaziaria e não teria sentido. Assim, no amanhã, quando aparecer qualquer tipo de fracasso, ou desilusão, onde o religioso poderá pegar força? Somente em Deus. Atenção, a desilusão e o fracasso existirão sempre, e se não se encontra a força na Eucaristia, na oração, na reflexão sobre a Palavra de Deus, na partilha fraterna, onde encontrar a força e o sustento?

